

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

JADE SCHMIDT KNORRE

**O JORNALISMO DE AVENTURA NO LIVRO-REPORTAGEM “EM BUSCA DO
MUNDO MAIA”, DE AIRTON ORTIZ**

PORTO ALEGRE

2015

JADE SCHMIDT KNORRE

**O JORNALISMO DE AVENTURA NO LIVRO-REPORTAGEM “EM BUSCA DO
MUNDO MAIA”, DE AIRTON ORTIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof^a. Ms. Rosa Nívea Pedroso

PORTO ALEGRE

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Knorre, Jade Schmidt

O Jornalismo de Aventura no livro-reportagem Em
Busca do Mundo Maia, de Airton Ortiz / Jade Schmidt
Knorre. -- 2015.
98 f.

Orientadora: Rosa Nívea Pedroso.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação
Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Livro-reportagem. 2. Livro-reportagem de
aventura. 3. Jornalismo de Aventura. 4. Estudo de
caso. I. Pedroso, Rosa Nívea, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado **O Jornalismo de Aventura no livro-reportagem “Em Busca do Mundo Maia”, de Airton Ortiz**, de autoria de Jade Schmidt Knorre, estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, de de 20.....

Orientadora: Rosa Nívea Pedroso

JADE SCHMIDT KNORRE

O JORNALISMO DE AVENTURA NO LIVRO-REPORTAGEM “EM BUSCA DO
MUNDO MAIA”, DE AIRTON ORTIZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social –
Habilitação Jornalismo.

Aprovada pela Banca Examinadora em.....de.....de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Rosa Nívea Pedroso – UFRGS
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cassilda Golin da Costa – UFRGS
Examinadora

Prof. Ms. Wladimir Ungaretti – UFRGS
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos amores da minha vida: minha família e meus amigos. Cada um com o seu jeitinho e sua contribuição, tornaram esse processo mais leve. Amores que tanto ouviram, tanto se preocuparam, tanto respeitaram e entenderam a minha ausência nesses meses de dedicação ao trabalho.

Especialmente, aos meus pais, Eduardo e Carle, e meu irmão, Lucca, meus parceiros de aventuras pelo mundo e meu porto seguro; obrigada pelo apoio e amor incondicionais. Aos meus avós, que me ensinaram a força do otimismo, da honestidade e do amor.

Ao meu namorado Emílio, por todo carinho, compreensão e bom humor.

À amiga Elvira, revisora do trabalho, pela tranquilidade e dedicação.

À equipe da Editora O Viajante, parceria importante na longa viagem que foi este Trabalho de Conclusão.

Aos queridos colegas da FABICO e do Núcleo de Comunicação Comunitária da UFRGS (NUCC). Agradeço também pelo carinho e simpatia do Paulinho e da Adri, responsáveis pela portaria da FABICO; aos “tios” do Xerox e ao pessoal da Biblioteca pela paciência e profissionalismo.

À minha querida orientadora, Rosa Nívea, que tanto tempo dedicou a mim e ao meu trabalho. Agradeço pela melhor indicação de bibliografia que eu poderia ter, pelos ótimos conselhos e pelas aulas de reportagem a cada encontro de orientação. Obrigada por me inspirar ao falar, com brilho nos olhos, sobre o Jornalismo.

Sobretudo, ao jornalista e escritor Airton Ortiz, figura imprescindível para que esse trabalho fosse possível. Obrigada pelos livros, pela disposição em me ajudar e pelas longas entrevistas sobre o jornalismo, viagens e aventuras (e sobre Jornalismo de Aventura, viagens e jornalismo, ou jornalismo como aventura em si).

“Somos o resultado dos livros que lemos, das viagens que fazemos e das pessoas que amamos.” Airton Ortiz

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar as relações entre o Jornalismo de Aventura e o livro-reportagem, a partir do livro *Em Busca do Mundo Maia*, de Airton Ortiz. A proposta é analisar os elementos do Jornalismo de Aventura que sejam comuns à teoria do livro-reportagem. Em complemento, serão apresentados o Jornalismo Literário, o Realismo Social e o Novo Jornalismo, gêneros jornalísticos que conversam com os atributos de apuração, narrador, narrativa e estrutura do livro-reportagem. A fim de estruturar metodologicamente a pesquisa, a teoria escolhida como base foi o Estudo de Caso. Primeiramente, foram elucidadas as questões básicas norteadoras do estudo e foi definido o objeto unitário de análise, para então selecionar os conceitos-chave abordados no objeto de análise do Jornalismo de Aventura e compará-los com a teoria jornalística. Estudados os fatores jornalísticos presentes no livro de Airton Ortiz, o resultado vem a ser a conceituação do Jornalismo de Aventura como gênero jornalístico e a definição do livro analisado como livro-reportagem de aventura.

Palavras-Chave: Airton Ortiz. *Em Busca do Mundo Maia*. Jornalismo de Aventura. Livro-Reportagem. Livro-reportagem de aventura.

ABSTRACT

This study aims to identify the relationship between Adventure Journalism and book-report, from the book *Em Busca do Mundo Maia*, written by Airton Ortiz. The proposal is to analyze the Adventure Journalism elements that are common to the book-report theory. In addition, will be presented the Literary Journalism, the Social Realism and the New Journalism, journalistic genres with approaching attributes as narrator and narrative structure of the book-report. In order to structure the research methodologically, the theory chosen as a base was the Case Study. First, it was elucidated the basic questions guiding the study and defined the analysis unit object; then, the key concepts covered in this Adventure Journalism analysis object were selected and compared with journalistic theory. Studied the journalistic factors in the book from Airton Ortiz, the result becomes the conceptualization of Adventure Journalism as a journalistic genre and the definition of the analyzed book as an adventure-book-report.

Keywords: Airton Ortiz. *Em Busca do Mundo Maia*. Adventure Journalism. Book-Report. Adventure book-report.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O JORNALISMO COMO LIVRO-REPORTAGEM	13
2.1	A reportagem.....	13
2.1.1	<i>O texto da reportagem.....</i>	15
2.2	Jornalismo e Literatura	17
2.2.1	<i>O Realismo Social</i>	19
2.3	O Novo Jornalismo	21
2.3.1	<i>O Jornalismo Gonzo</i>	24
2.4	O livro-reportagem	24
2.4.1	<i>A apuração</i>	30
2.4.1.1	Observação participante	31
2.4.1.2	Jornalismo flâneur.....	33
2.4.2	<i>O narrador.....</i>	34
2.4.3	<i>O livro-reportagem-viagem.....</i>	35
2.4.4	<i>O Jornalismo de Aventura.....</i>	37
3	METODOLOGIA	41
3.1	Airton Ortiz.....	41
3.2	Resumo do livro <i>Em Busca do Mundo Maia</i>.....	43
3.3	Estudo de Caso	45
3.3.1	<i>Tipos de projetos e desenvolvimento do estudo de caso</i>	46
3.3.2	<i>Coleta de dados e condução do estudo de caso.....</i>	48
3.3.3	<i>Métodos de análise.....</i>	49
3.3.4	<i>Relatório e conclusão</i>	49
4	ANÁLISE	51
4.1	Livro-reportagem como base ideal para o Jornalismo de Aventura.....	51
4.1.1	<i>A preparação do jornalista.....</i>	51
4.1.2	<i>A apuração</i>	54
4.1.3	<i>As entrevistas</i>	59
4.2	O narrador	61
4.2.1	<i>A aventura.....</i>	64
4.2.2	<i>Opinião e crítica</i>	66
4.3	A construção do livro-reportagem.....	68

4.3.1	<i>Conflitos</i>	70
4.3.2	<i>Tentativa de aproximação com o leitor</i>	71
4.3.2.1	Ironia e comicidade	73
4.3.3	<i>Fluidez textual</i>	75
4.3.3.1	Tramas paralelas	75
4.3.3.2	Dinâmica de vozes	76
4.3.3.3	Descrição	78
4.4	A resolução do livro-reportagem	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	86
	Apêndice A – Entrevista 1, com Airton Ortiz, no dia 10 de setembro de 2014. .	88
	Apêndice B – Entrevista 2, com Airton Ortiz no dia 14 de maio de 2015.	94

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo de Aventura é um gênero atribuído à obra jornalística de Airton Ortiz, em especial à sua coleção *Viagens Radicais*, da Editora Record. A particularidade deste gênero é a forma como o narrador se apresenta, sendo o personagem principal da sua própria reportagem. A narrativa é desenvolvida, majoritariamente, na primeira pessoa, e o repórter transfere sua emoção para os textos, tornando o seu relato muito mais real e próximo do leitor. Os livros de Airton Ortiz descrevem viagens e aventuras pelo mundo, e o nome Jornalismo de Aventura vem em função desses riscos que ele corre ao viajar por lugares remotos e de difícil acesso. Utiliza-se da linguagem literária para compor a narrativa e dos preceitos jornalísticos para fazer suas pesquisas, entrevistas e apontamentos.

A proposta desse estudo é compreender o Jornalismo de Aventura como gênero específico do jornalismo e delimitar a sua relação com o livro-reportagem, em especial, com o livro-reportagem-viagem. Para isso, pretende-se identificar de que forma os conceitos básicos de jornalismo e do livro-reportagem aparecem e como são tratados no livro *Em Busca do Mundo Maia*, de Airton Ortiz. Faz-se importante analisar também a forma como o autor se coloca na narrativa, traço forte no Jornalismo de Aventura. Como se perceberá, o livro-reportagem significa uma libertação das regras do jornalismo impresso diário e representa uma vertente do jornalismo mais aprofundada e complexa, aberta a experimentações. A base teórica perpassa também pelas teorias da Reportagem, do Jornalismo Literário, do Realismo Social e do Novo Jornalismo.

Cada vez mais jornalistas buscam o ramo de jornalismo de viagens, mas a grande maioria explora, muito superficialmente, essa troca de experiências que a viagem proporciona. O olhar muito turístico, pouco preocupado com a realidade social do país ou da cidade que se visita, produz um texto de conteúdo fraco. O interessante no Jornalismo de Aventura é justamente o mergulho que proporciona ao repórter – e, mais tarde, ao leitor – em outras realidades. A vivência e a pesquisa *in loco* são fundamentais para uma pesquisa bem fundamentada e uma experiência jornalística completa. O trabalho de Airton Ortiz instiga em função do tema e da linguagem escolhidos e pela visão sistêmica que proporciona: traz dados sobre a história do local, os costumes e crenças dos povos, ou seja, um conhecimento além de um simples diário de um repórter.

O trabalho está estruturado em três partes. A primeira consiste em averiguar a conceituação dos gêneros jornalísticos que se aproximam do Jornalismo de Aventura, sendo eles a Reportagem, com sua ruptura com o jornalismo convencional, mas ainda assim presa a

algumas normas de espaço; o Jornalismo Literário, que também representa uma ruptura com o jornalismo normatizado, no que tange à linguagem; o Novo Jornalismo e o Jornalismo Gonzo, cada um com suas particularidades, gêneros irreverentes que pregam mais realismo nas reportagens, mais experiências e vivências nas pautas e maior liberdade de escrita; e, finalmente, o livro-reportagem, base essencial para desenvolver os conceitos de apuração no jornalismo, a observação participante e aproximação com a Antropologia, o papel do narrador e de suas formas de atuação no texto, bem como o livro-reportagem-viagem e o Jornalismo de Aventura.

A segunda parte tem como objetivo apresentar o livro *Em Busca do Mundo Maia* e seu autor, Airton Ortiz, bem como elucidar a metodologia do Estudo de Caso. Na terceira parte, busca-se compreender a relação entre as teorias do livro-reportagem e Jornalismo de Aventura, a fim de caracterizá-lo como gênero jornalístico, além de refletir sobre a conceituação do objeto de estudo como livro-reportagem de aventura. Neste espaço, pretende-se estruturar a análise como se organiza um livro-reportagem, estudando, primeiramente, a preparação do jornalista, a escolha de pauta e a apuração dos fatos. Em seguida, será analisado o modo como o autor se coloca na narrativa jornalística, como expõe suas opiniões, críticas e experiências. Entende-se que esse é um subcapítulo importante, pois o narrador é a grande particularidade do Jornalismo de Aventura. No próximo ponto, será analisado o livro-reportagem em si, sua estrutura e seus artifícios textuais. Por fim, busca-se compreender a resolução da grande questão do livro *Em Busca do Mundo Maia* e de que forma ela é apresentada ao leitor.

Como Jornalismo de Aventura não é um gênero muito conhecido e como raros teóricos estudam o livro-reportagem, foram encontradas poucas bibliografias para essa pesquisa. No que tange o trabalho de monografia, foi feita uma aproximação entre o Jornalismo de Aventura e o livro-reportagem, em especial o livro-reportagem-viagem, a fim de trazer, ao menos, uma parte da teorização do Jornalismo de Aventura como livro-reportagem de aventura, enquanto gênero jornalístico, para um breve reconhecimento desse estudo junto à Academia. Os temas abordados aqui poderão ser ainda mais aprofundados e, futuramente, constituir uma grande teorização sobre o Jornalismo de Aventura.

2 O JORNALISMO COMO LIVRO-REPORTAGEM

2.1 A reportagem

A modernização do Rio de Janeiro, Capital Federal brasileira, entre os séculos XIX e XX, foi símbolo de mudanças em diversas áreas e segmentos no país, inclusive, no jornalismo. Segundo Lima (1993), em meio a essa modernização, a narrativa jornalística, como reportagem, deu seus primeiros passos em busca de um caminho próprio, independente da literatura. A noção de responsabilidade da profissão aumentou, exigindo mais exatidão e aprofundamento dos relatos jornalísticos, estimulando o surgimento de um gênero que compreendesse uma abordagem mais ampla e sistêmica da sociedade e dos fatos.

Segundo Lima (1993), a reportagem caracterizou-se pelo conteúdo denso e aprofundado; pelo desprendimento das regras da escrita clássica, como o *lead* (perguntas básicas como o que, quem, quando, como, onde e por quê) e pela pirâmide normal, mista ou invertida (esqueleto da notícia por ordem de relevância factual); e, principalmente, pela imersão diferenciada na pesquisa e no distanciamento das limitações comerciais. Como novo gênero – adotado nas redações, principalmente, a partir da Primeira Guerra Mundial, a fim de sistematizar os relatos diários e dar sentido aos acontecimentos – a reportagem veio de encontro a tudo que representasse superficialidade de conteúdo e explicações factuais em poucas palavras. Com o aprofundamento da apuração, de entrevistas e da descrição de acontecimentos, trouxe experimentações impraticáveis, até então, no jornalismo convencional. “Repórteres passaram a ser bajulados, temidos e odiados. A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, do interesse individual, do que é público, do interesse coletivo” (LAGE, p. 16, 2009).

Nessa onda, surge o chamado jornalismo interpretativo, fundamentado na leitura da realidade, na origem do fato e em suas consequências futuras – contrastando com a notícia, relatos diários pouco desenvolvidos. A reportagem “significa também um certo grau de extensão e /ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia” (LIMA, p. 27, 1993). Essa outra forma de pensar os fatos amplia o trabalho da imprensa cotidiana e entra em campos antes tratados, superficialmente, pelos periódicos – possibilitando uma leitura ampliada do real. Para Lima (1998), essa peculiaridade faz da reportagem e do livro-reportagem produtos fascinantes. Ao invés de seguir regras e reproduzir padrões, essa forma de expressão do jornalismo traz dinâmica para o texto e incorpora contribuições das áreas da literatura e história. Em sua função recicladora da prática jornalística, a reportagem se utiliza

do conceito básico do relato jornalístico, a notícia, e desenvolve a partir dela uma abordagem mais ampla do acontecimento – redimensiona o contexto na dimensão humana, do ambiente, de suas causas e seus rumos. O texto da reportagem também é representativo. A linguagem busca um sentido estético; informa, é claro, mas de forma envolvente. Desenvolve-se, então, uma série de particularidades nesse novo gênero nas redações.

Pode-se dizer, conforme Lima (1993), que há dois grandes nomes brasileiros que impulsionaram essas significativas mudanças nas redações do país. Primeiramente, Euclides da Cunha, desbravador das fronteiras da narrativa jornalística e literária, enviado, em 1897, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, para cobrir o conflito de Canudos. Sua tarefa foi cumprida com maestria, principalmente, por sua visão sistêmica e por seu cuidado na documentação, buscando, não simplesmente o que desencadeou o conflito, mas entender as questões no plano de fundo da história – um país em formação e em busca de uma identidade. Dessa experiência, nasceu o livro *Os Sertões*, publicado em 1902, considerado um divisor de águas para a intelectualidade brasileira, rompendo com o ufanismo que pairava sobre o país e trazendo à tona a realidade e a história do Brasil.

O segundo nome importante é o de Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, jornalista que publicava, no jornal *Gazeta de Notícias*, reportagens geradas de uma detalhada observação da realidade e de relatos provenientes de entrevistas. Também publicou os livros *Religiões do Rio*, *A Alma Encantadora das Ruas*, *Vida Vertiginosa* e *Os Dias Passam*, todos envoltos pela descrição detalhada dos ambientes, por ritmo narrativo diferenciado, contextualização e humanização da história e dos personagens. Segundo Lima (1993), João do Rio foi um desbravador de novos horizontes na profissão e abriu caminho para o desenvolvimento da reportagem de campo.

Milman (1998), com foco mais atual sobre esse gênero jornalístico aprofundado, destaca a reportagem como essência do jornalismo não convencional, e apresenta a importância da compreensão das condições metodológicas a fim de tornar essa forma de texto possível. Na visão do autor, o ponto de partida da reportagem é a compreensão do fato e não, necessariamente, o fato em si – ao contrário da notícia, tida como primeiro gênero jornalístico, que se preocupa, principalmente, com os fatos e com a elaboração técnica que privilegia a atualidade e estrutura sua narrativa de modo objetivo e de fácil leitura.

Para o autor, “o jornalismo sem reportagem é uma corruptela do jornalismo” (MILMAN, 1998, p. 29), em que os padrões primários de captação de informação e a lógica mecanicista da narrativa reduzem a reportagem e suas possibilidades, tornando-a, como ele mesmo define, “noticiarismo”, banindo o próprio jornalismo da imprensa. A metodologia

reducionista de grandes empresas brasileiras de comunicação decorre, segundo o autor, da estrutura de propriedade da indústria da informação, que dá preferência ao jornalismo convencional, de metodologia preguiçosa, “rotinas normativas e técnicas que traduzem os interesses dos grupos controladores da informação e não o interesse social pela informação” (MILMAN, 1998, p. 33). Em detrimento do jornalismo em profundidade, as redações optam pelo “jornalismo de superfície”, tratando assuntos relevantes e complexos de forma trivial.

Segundo Milman (1998), a adoção de diferentes procedimentos e rotinas de trabalho por parte das redações sempre foi determinante para uma cobertura investigativa, engajada, combativa e com possibilidades de variação de texto, buscando experimentalismo e inovações. Santos (2005) acredita que esse jornalismo experimental e aprofundado migrou para os livros-reportagem, momento em que os jornalistas entram em ação, perguntam o que não está no roteiro e não desistem facilmente dos seus objetivos. A quebra do ritmo monótono e bege, como diria Wolfe (2005), é trabalhada, especialmente, pela reportagem, focando na ética humanista e no direito à informação.

2.1.1 O texto da reportagem

Coimbra (1993) percebe o texto da reportagem como uma dupla face: uma voltada para fora de si e outra para dentro de si. A primeira face é a mais abordada nos estudos jornalísticos e se caracteriza pelo texto ligado ao contexto extraverbal, como uma estrutura aberta e que analisa a ligação texto-realidade. Já a segunda face, sobre a qual Coimbra propõe seu estudo, justamente por ter menos ênfase nas pesquisas acadêmicas, seria a estrutura interna de texto, segundo a qual o conjunto de elementos está organizado internamente.

As estruturas internas dos textos, segundo Coimbra (1993), se dividem em três matrizes de gênero: dissertativo, narrativo e descritivo – apesar de serem estudadas separadamente, é possível que o texto englobe mais de uma categoria. O texto dissertativo se caracteriza por expor, explicar, interpretar ideias e ter caráter fechado à diversidade das interpretações. Para Coimbra (1993), pode-se fazer uma aproximação entre dissertação e argumentação. Para o autor, elas são complementares e sinônimas, quando analisadas em textos jornalísticos: uma expõe o tema e a outra tenta convencer ou influenciar o leitor, ou seja, a partir dos fatos construídos por meio da verificação, observação ou testemunho, a argumentação encontra base para ser construída.

Já a narrativa libera “uma história de explicações à medida que ela é produzida, [...] diferentemente da dissertação, não se exaure, conserva coesa a sua força e é capaz de

desdobramentos mesmo depois de passado muito tempo” (COIMBRA, 1993, p. 154). Conforme explica Guimarães (1990¹, *apud* COIMBRA, 1993), a narrativa tem três categorias esquematizadas: exposição, complicação e resolução, e os acontecimentos, nesse caso, são responsáveis por dar a dimensão temporal seguindo uma sequência de fatos antecedentes e sucessores. A narrativa literária, segundo Coimbra (1993), se aproxima muito da narrativa jornalística e permite que o texto da reportagem experimente novos planos de expressão e diversas possibilidades de combinações, chegando até o limite possível, sem esbarrar no compromisso do jornalismo com a clareza e veracidade dos fatos. O autor atenta, justamente, para essa linha tênue entre a narrativa literária e jornalística, e encontra exemplos positivos sobre esse caso na *Realidade*, revista na qual o jornalista se permitia fragmentar tempo cronológico, praticar alternância e jogar com o foco narrativo, intercalando narrador onisciente, protagonista e testemunha em uma mesma história.

A descrição apresenta pessoas e personagens, seja descrevendo atributos físicos, emocionais, psicológicos ou descrevendo suas ações. Segundo Coimbra (1993), seria a fixação de um momento, chamada de caracterização direta e descrição estática ou, no caso da descrição da ação, um instante apreendido por meio da fala, dos gestos, da postura, do olhar, do silêncio. A caracterização por meio da ação surte mais efeito, pois, segundo o autor, tem mais força do que a simples descrição por meio de adjetivos e contribui para a leitura, podendo ser inserida sem causar danos ou quebra no texto.

Os autores Ferrari e Sodré (1986) propoem outro tipo de classifica o para as reportagens: reportagem de fatos (*fact-story*), aquela que traz um relato objetivo dos acontecimentos e utiliza-se da estrutura pirâmide invertida; a reportagem de a o (*action-story*), relato que comea pelo fato mais atraente e vai desenvolvendo a história como se estivesse próximo ao leitor, em um desenrolar de cenas como em um filme; e a reportagem documental (*quote-story*), relato documentado, que dialoga de forma expositiva e objetiva, exigindo do repórter um grau mais elevado de pesquisa, podendo adquirir cunho pedagógico e caráter de denúncia.

O tempo do texto é o modo com que a história é contada, a alma da narra o; é o que mant m, segundo Ferrari e Sodré (1986), a tensão e o interesse do leitor na reportagem. A reportagem não basta ser verdadeira, ela deve ser escrita de forma clara e que transparea essa verdade. Verossimilhanca é importante, mas o leitor pode não prender sua aten o a tantos termos específicos ou a narrativas alongadas. A história precisa ser contada de forma que os

¹ GUIMARÃES, Elisa. **A articula o do texto**. São Paulo:  tica, 1990.

elementos criem tensão, aumentando a expectativa. O ideal é mesclar os tipos de narrativa de reportagem e criar a sensação de fluidez, entre ritmos mais rápidos e mais lentos.

Numa *fact-history*, em que interessa apenas enunciar fatos, via de regra temos um tempo normal [...] Já na *action-story*, o tempo é acelerado [...] Mas na reportagem-conto e na *quote-history* a questão do texto se problematiza e passa a exigir do redator maior cuidado na estruturação do texto (FERRARI; SODRÉ, p. 95, 1986).

Apesar de ser imprescindível no gênero noticioso, a atualidade passa a ser um aspecto secundário na reportagem. Para Ferrari e Sodré (1986), o detalhamento e a contextualização de um fato podem acontecer, pouco ou muito tempo depois, ou até mesmo em comemoração à determinada data: pode-se trabalhar como gancho para a atualidade. De qualquer forma, para sustentar a problemática da narrativa, a pessoa ou objeto descrito deve despertar interesse humano – nada mais atual do que falar sobre a vida, sobre interesses das pessoas em determinada época.

2.2 Jornalismo e Literatura

Até os primeiros anos do século 20, a literatura se confunde com o jornalismo. Segundo Lima (1993), os escritores buscavam, nos veículos de comunicação, uma oportunidade de divulgação e maior reconhecimento do trabalho e viam, na imprensa, uma forma de garantir o sustento. Pena (2006) acredita que a marca determinante para a confluência entre jornalismo e literatura seja o estilo discursivo do folhetim, tão famoso entre os leitores. Não há, naquele primeiro momento, a necessidade de descrever o que é factual, a não ser em livros de memórias, relatos de viagens e biografias. Foi só com o desenvolvimento das cidades e as mudanças nas formas de difundir os acontecimentos, que as redações perderam o caráter literário, despreocupado com a realidade e, então, a notícia imperou no jornalismo diário.

O conceito de objetividade, como acrescenta Bulhões (2007), passou a ser difundido e houve uma busca pela credibilidade no jornalismo. Mas os aprendizados com a literatura não foram completamente abandonados. Como descreve Olinto (1958), a matéria-prima do jornalismo é a palavra. A mesma palavra que escreve uma poesia, também transmite uma notícia ruim; o que acontece é que o jornalismo é uma literatura para consumo imediato, dotada de funcionalidade e da necessidade de estruturação. Em complemento ao pensamento de Olinto (1958), Bulhões (2007) destaca que a principal diferença entre as narrativas, além do jornalismo se basear na urgência informativa, é estar sempre ocupado (necessariamente preocupado) com a veracidade dos fatos, enquanto a literatura pode esbanjar na ficção e em

narrativas fantasiosas. Segundo o autor, deve-se ter cuidado para o jornalismo não se perder na ficção e estar sempre perseguindo o real. “O agente profissional dessa atitude desacomodada, vibrante, impregnada da convicção de que é preciso colar à pele do real, é o repórter” (BULHÕES, 2007, p. 23).

Mesmo sendo diferentes, o jornalismo não exclui a literatura e vice-versa. Na verdade, eles se complementam: a realidade extrema de um pode ser lapidada com conceitos estilísticos do outro, bem como a fantasia do outro pode ser baseada em fatos comprovados ou ter uma raiz na objetividade desse um, equilibrando-se nessa linha tênue que sustenta o Jornalismo Literário. Ambos se utilizam de recursos de escrita em comum: a literatura, especialmente, compreende a força que um relato verídico traz à ficção e “o jornalismo absorve elementos do fazer literário, mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes um aproveitamento direcionado a outro fim” (LIMA, 1993, p. 138). Em entrevista a Lima (1993), Boris Schnaiderman acrescenta que qualquer boa reportagem usa de elementos literários, por que o literário não é apenas um ornamento: “*Memórias do Cárcere* traz essa marca. Onde está o jornalismo? Onde está a literatura? Fica muito difícil demarcar a fronteira” (SCHNAIDERMAN² *apud* LIMA, 1993, p. 139).

O Jornalismo Literário é visto por Pena (2006) como uma junção de duas linguagens e dois gêneros diferentes – no caso, jornalismo e literatura – transformados, permanentemente, gerando um terceiro gênero, que também segue seu caminho e se modifica com o passar do tempo. Em palavras tão poéticas quanto a própria narrativa do Jornalismo Literário, Olinto (1958), define as possibilidades que essa união sem fronteiras definidas pode produzir:

O jornalismo já foi chamado de “literatura sob pressão”. Pressão do tempo e pressão do espaço. Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com a preocupação do tempo que passa e do tempo que é limitado. As frases ajustam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa. Contudo, por maior que seja a pressão, o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte (OLINTO, 1958, p. 17).

Segundo Pena (2006), a união de literatura e jornalismo potencializa o relato jornalístico, proporcionando visão ampla da realidade, rompe com as burocracias do *lead* e garante a profundidade dos relatos. Por meio da estrela de sete pontas, Pena (2006) desenvolve, mais aprofundadamente, as questões antes enumeradas e tenta explicar 7 pontos-chave do Jornalismo Literário. A primeira ponta da estrela representa os aprendizados com a teoria e a ética jornalística, que não se modificam, por mais que mude o formato da narrativa: apuração e observação feitas com rigor, abordagem ética e clareza ao se expressar, etc.; a

² Declaração feita em entrevista a Edvaldo Pereira Lima. Sem data de identificação.

segunda ponta consiste em ultrapassar os limites do cotidiano, não se preocupando com a periodicidade, atualidade, *deadline*; a terceira, recomenda proporcionar uma visão ampla e sistêmica da realidade; a quarta ponta da estrela se refere ao compromisso da sociedade com assuntos que contribuam para a formação do cidadão (compromisso com o interesse público, teoricamente); a quinta, é o desligamento das regras do *lead*, estratégia narrativa que visava objetividade na escrita, mas que, atualmente, pode representar pasteurização e falta de estilo; a sexta ponta sugere evitar cair na mesma conversa de fontes oficiais já “confirmadas” pela redação, ou seja, seria o ideal escutar a diversidade; a última ponta da estrela consiste em lutar pela perenidade da reportagem: construir o enredo sistemicamente, evitando temas e abordagens efêmeras e superficiais.

A aproximação entre ficção e factualidade, segundo Lima (1993), apontam três categorias quanto ao uso de recursos literários: as puramente ficcionais, não jornalísticas; as jornalísticas, que se apropriam dos conceitos literários apenas para melhorar a escrita da realidade; e as que misturam as duas formas de narrativa. Os pilares que dão força às narrativas literárias também sustentam o desenrolar das grandes matérias jornalísticas – os leitores são fisgados, seja racional ou emocionalmente. Para Ferrari e Sodré (1986), a clareza do texto é essencial para uma narrativa forte: a idéia deve ser compreendida facilmente, por isso a economia de palavras e a objetividade; da mesma forma a condensação, no sentido de intensificar a história, tornar o texto sucinto e enérgico; também a tensão, cuidado com os pontos de suspense e clímax; e finalmente a novidade, o que há de surpreendente e instiga o leitor a seguir no texto. Cria-se, segundo Lima (1993), um jogo implícito com o leitor, uma conexão entre a mensagem (reportagem) com o repertório do receptor da mensagem (leitor). O texto deve fluir com naturalidade, para evitar quaisquer ruídos na transmissão de informações. Lima (1993, p. 111) aponta que “em comunicação, trabalhamos contra o ruído natural, psicológico do ser humano, que é a sua propensão exagerada ao devaneio”. O ritmo, a cadência e até mesmo a redundância – a repetição do mesmo dado, mas de maneira diferente – auxiliam a diminuir a dispersão.

2.2.1 *O Realismo Social*

A segunda metade do século XIX foi marcada pela passagem do Romantismo para o Realismo. O movimento que surgia com forte apego à realidade negou a forma literária anterior, dando um basta na visão romântica de mundo. O Realismo buscava personagens que, por meio de descrições minuciosas, carregassem em si todas as contradições humanas,

revelando distúrbios e conflitos sociais. Segundo Cademartori (2003), por essa época, o julgamento de uma obra literária se dava a partir de sua relação com os problemas políticos e sociais. Há, no Realismo, um compromisso político do escritor, que não quer apenas revelar a realidade, mas, sim, colaborar para mudá-la:

a preocupação com a exatidão de descrição: a personagem é apresentada minuciosamente nos seus traços exteriores que, segundo o narrador, revelam o interior. [...] Não há traços altaneiros nem eufemismos que atenuem a imagem.(...) Agora, prestam-se à revelação de um tipo social e de um vício da sociedade regida pelo capitalismo que o narrador denuncia, revelando que nem tudo está bem na sociedade burguesa (CADEMARTORI, 2003, p. 47).

Segundo Wolfe (1973³ *apud* LIMA, 1993), jornalista considerado o maior representante do Novo Jornalismo, o Romantismo do século XVIII é o berço da literatura da realidade, chamada, dois séculos depois, de Realismo Social. Para Wolfe, tudo começou em 1742, com o romance *Joseph Andrews*, de Henry Fielding, no qual o autor teria se inspirado em detalhes do cotidiano social para criar a atmosfera do seu livro. Mais tarde, o Realismo apareceu em obras de Daniel Defoe, Samuel Richardson e Smollett, além de Cervantes e Rabelais, alcançando o auge com Balzac, Dickens, Dostoiévski. Após a Primeira Guerra Mundial, o realismo seguiu sendo aperfeiçoado por Ernest Hemingway, William Faulkner, John Steinbeck, George Orwell. Na visão de Lima (1993), o realismo foi experimentado por bom tempo na Europa, onde esses escritores conseguiram desenvolver uma fórmula de texto em que os personagens eram apoiados por um realismo detalhado, com costumes e linguagem extraídos do cotidiano.

Quando essa ferramenta já perdia a energia, é que o jornalismo atingiu sua maior reforma estilística de narrativa factual: surge, nos Estados Unidos, nos anos 60, o Novo Jornalismo. Segundo Girardi (2000), os jovens Norman Mailer, Tom Wolfe, Gay Talese, dentre outros, mergulharam de cabeça na ideia do Realismo e definiram, como pontos centrais da reportagem, a observação direta, ou seja, a pesquisa de campo e a descrição detalhada dos espaços e sentimentos. Nos países latinos, destacam-se o colombiano Gabriel García Márquez, os espanhóis Rosa Montero e Vázquez Montalbán, e os brasileiros João do Rio, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. Lima (1993) e Girardi (2000) concordam sobre o receptáculo mais oportuno para essa renovação estilística e para textos em profundidade: o livro-reportagem.

³ WOLFE, Tom. **The New Journalism**. Nova Iorque, Harper & Row, 1973.

2.3 O Novo Jornalismo

Os escritores do Realismo Social do século XIX abriram precedente para que, nos anos 60, o jornalismo aperfeiçoasse técnicas narrativas realistas e literárias e surgisse o Novo Jornalismo – tão grande foi a influência, que Carta (2003) considera o novo estilo como o “Novo Velho Jornalismo”. Nos anos 60, os EUA passaram pela grande efervescência cultural, social e comportamental do movimento *hippie* e de correntes contraculturais. Jovens questionadores e irreverentes experimentavam, como podiam, desde drogas a palavras. Tom Wolfe, importante jornalista dessa irreverente década e impulsionador do Novo Jornalismo, representou um marco na forma de se pensar e fazer jornalismo, com o “objetivo nítido de praticar uma literatura da realidade” (LIMA, 1993, p. 140). Seu colega de profissão, Gay Talese⁴, que desde sempre teve uma escrita audaciosa e à frente do seu tempo, foi sua principal inspiração para apostar em um novo estilo e bater de frente com as regras da redação. Segundo Wolfe (2005), a reportagem estilizada não era bem aceita pelos editores dos jornais convencionais, era algo com que ninguém sabia lidar, por não pensar na possibilidade de uma dimensão estética para o jornalismo. Mesmo que colegas insistissem no contrário, para ele, existiam relações evidentes entre o jornalismo e a literatura: “A relação óbvia entre a reportagem e o grande romance [...] é uma coisa que os historiadores da literatura abordam apenas no sentido biográfico. Foi preciso o Novo Jornalismo para trazer para primeiro plano essa estranha questão na reportagem” (WOLFE, 2005, p. 27).

Em 1963, Wolfe escreveu um artigo que não soube definir o que era. Era qualquer coisa que lhe veio à cabeça no momento: “era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo da consciência” (WOLFE, 2005, p. 28). A partir dessas primeiras tentativas, os jornalistas foram desenvolvendo uma maneira diferente de fazer as reportagens. Por vezes, passavam dias ou semanas com as pessoas sobre as quais escreviam, justamente para ter um conteúdo mais aprofundado e intenso do personagem que iam transformar em palavras na próxima matéria. Na lógica proposta por Lima (1998), sair da básica e superficial notícia e escrever uma reportagem mais aprofundada seria o ideal. Mas Wolfe e seus colegas extrapolaram e

⁴ Gay Talese é um jornalista e escritor vanguardista norte-americano. Sua trajetória no jornalismo remonta ao Jornalismo Literário, mais especificamente, ao Novo Jornalismo. Exímio escritor, Talese se tornou notável, principalmente, pela irreverência de suas publicações – tanto artigos (destaque para a reportagem sobre Frank Sinatra, 1966), quanto livros-reportagem (*Fama e Anonimato*, 1970, *A Mulher do Próximo*, 1981), dentre outros.

mergulharam de cabeça na grande reportagem, criando outra vertente jornalística ainda mais densa.

A linguagem proposta pelo Novo Jornalismo abrange palavras em itálico no meio do texto, uso de aspas e pontos de exclamação sem precedentes e uma linguagem própria, onomatopéica, debochada, psicodélica e poética. O fluxo de consciência é “para excitar tanto intelectual quanto emocionalmente o leitor” (WOLFE, 2005, p. 28). Segundo Lima (1998), o que a reportagem visa atingir é a harmonia entre eficiência e fluência. Para não cair na mesmice de um texto monótono e sem vida, sugere que os autores utilizem diferentes artifícios ao escrever os textos: alterar o ritmo narrativo e o ponto de vista, entrevistar exaustivamente, descrever objetiva ou emocionalmente seus personagens. Afirma que “a influência da literatura sobre o jornalismo não se dá apenas no aspecto estilístico, de escrita [...]. Também acontece no plano da captação, da observação do real” (LIMA, 1998, p. 43).

Segundo Wolfe (2005), ao longo dos anos 60, o Novo Jornalismo desenvolveu quatro características ou recursos básicos: a construção da cena era imprescindível e, quando seguida de um registro completo do diálogo, demonstrava muito mais a realidade do discurso e envolvia ainda mais os leitores; o ponto de vista de uma terceira pessoa, ou narração do próprio jornalista no meio dos fatos; e, por último, detalhes simbólicos do *status* de vida ou do dia a dia da pessoa. No posfácio do livro de Wolfe (2005), Santos (2005) acrescenta que o Novo Jornalismo não tinha a intenção de abafar ninguém, queria mostrar que fazia reportagem da mesma forma, sem utilizar-se do formato tradicional de narrativa escrito em “tom bege”. O jornalismo de Wolfe podia ser mais subjetivo e ter valor estético de arte, ter todas as cores e deixar de lado a cor pálida estampada nos jornais diários.

A grande reportagem é o gênero mais trabalhado pelo Novo Jornalismo, justamente por ser um tipo de escrita entre o jornalismo informativo e o literário. O jornalista necessita muito mais tempo para buscar informações do que em uma reportagem comum, busca entrevistar diferentes fontes e dedica boa parte da atenção geral do trabalho ao produto final, procurando redigir um texto mais intenso e com grande carga de informação. A reportagem evoluiu muito a partir dos anos 60 e 70: aprendeu a utilizar-se da descontração nos textos para lidar com assuntos mais densos e fez a escrita mais solta e criativa. O Novo Jornalismo trouxe, também, a desconstrução das narrativas, com “várias tramas paralelas, construídas cinematograficamente, com cortes precisos de tempo e espaço na narrativa” (LIMA, 1998, p. 54). Segundo Carta (2003), o texto dessa época era objetivo e ao mesmo tempo elegante. Na grande reportagem, o ideal é dispor de voz, ritmo e de uma boa história, narrados em linguagens e estruturas com imagens e imaginação.

O principal legado do Novo Jornalismo, segundo Lima (1993), é a combinação entre o melhor da reportagem – captação do campo e fidelidade ao real – e a melhor técnica literária. Para o autor, esse estilo de reportagem, que surge após as quebras de tabus jornalísticos, encontra lugar ideal no livro-reportagem. Com mais possibilidades de narrativa, tempo para apuração e espaço para desenvolver as histórias, o livro-reportagem permite, ao jornalista, criar uma obra de fôlego, que discuta questões pertinentes, seja fiel à realidade e combine técnicas literárias e jornalísticas.

Pode-se dizer, segundo Cadernos da Comunicação (2003), que a reportagem, no Brasil, ampliou seus horizontes estilísticos e seu espaço investigativo a partir de 1928, com a revista *O Cruzeiro*. Em 1938, surgiu como concorrência a revista *Diretrizes*, disputando tanto o público quanto os melhores profissionais do Rio de Janeiro. Os jornais cariocas, como *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *O Globo* e *O Jornal*, também tinham publicações investigativas. Mas foi em 1966 que surgiu, em São Paulo, a revista com mais características literárias ligadas ao Novo Jornalismo: a *Realidade*. Lançada pela Editora Abril, a revista foi o maior expoente do jornalismo com ambições estéticas e, claro, com conteúdo crítico – representava a resistência no período da Ditadura Militar – e que acreditava na vivência direta do jornalista.

A *Realidade* tinha uma proposta literária própria e abusava da fotografia como composição das matérias. Em função de sua edição mensal, os repórteres tinham mais tempo para embrenharem-se em aventuras com maiores experimentações e podiam trabalhar bem o texto. Mas nada poderia faltar: o jornalista era um pesquisador, não um mero compilador de fatos e declarações. A visão do repórter era muito valorizada e o texto trazia a perspectiva pessoal dos jornalistas nas narrativas, assim “tornou-se um sinal de prestígio fazer parte da redação de *Realidade*” (Cadernos da Comunicação, 2003, p. 50).

A *Realidade* abordava assuntos polêmicos e pouco discutidos naquela época. O corajoso projeto editorial e os audaciosos jornalistas trouxeram para as páginas da revista as inquietações daqueles anos. O conteúdo sempre explorava assuntos tabus para a sociedade paulista: “matérias sobre liberação feminina, comportamento sexual, movimento estudantil, participação política, desenvolvimento científico, homossexualismo⁵, mudança nos padrões da Igreja Católica, revoluções em outros países” (FARO, 2003, p. 59). Um jornalismo produzido assim, segundo Faro (2003), é um jornalismo que incomoda: tira o leitor da zona de conforto

⁵ Atualmente, emprega-se o termo “homossexualidade”. O termo utilizado originalmente pelo autor, já caiu em desuso em função do seu significado pejorativo em relação à união de casais de mesmo sexo.

e mostra os poderes da imprensa. Talvez, por isso, a *Realidade* tenha sofrido ameaças em relação à liberdade de expressão, por demonstrar-se forte. Em 1968, com a instituição do Ato Institucional nº5, que instituiu a censura prévia, a revista perdeu um pouco suas forças: continuava produzindo, mas em clima de insegurança e medo. Embora a censura não tenha sido a única causa do fim da publicação, a revista murchou até desaparecer em 1976.

2.3.1 O Jornalismo Gonzo

Vertente mais radical do Novo Jornalismo, o Jornalismo Gonzo foi criado por Hunter S. Thompson, um excêntrico repórter da revista *Rolling Stone*. Segundo Pena (2006), o jornalista cometeu suicídio, em 2005, depois de muito ter investido energia no estilo de reportagem gonzo, no qual o repórter se envolve com o tema de sua matéria sem medir consequências. No caso de Thompson, ele defendia que o repórter deveria provocar o entrevistado, com xingamento ou o que mais viesse à mente, para conseguir o resultado desejado. Não à toa, Thompson foi parar no hospital depois de ter levado uma surra dos motoqueiros do *Hell's Angels*, com quem conviveu mais de um ano a fim de fazer uma matéria (ainda assim a publicou).

Basicamente, para Pena (2006), o Gonzo consiste em um grande envolvimento do autor no processo de elaboração; não há outros personagens, o autor é o próprio personagem e tudo é narrado a partir da sua visão; lida com exageros, sarcasmo e opinião aberta: escancara a impossibilidade de uma narrativa isenta, como pregam os manuais de redação. Tudo isso regado a muito álcool, “sucessão de drogas, *rock'n roll* e muito sarcasmo” (PENA, 2006, p. 57). O humor ácido e as questões sociais levantadas mostravam o quão brilhantes eram os textos de Thompson e o quão longe ele era capaz de ir por uma grande reportagem.

2.4 O livro-reportagem

A quebra de paradigmas alcançada pela reportagem significou uma nova fase. A partir dela, desenvolveu-se o livro-reportagem, ruptura ainda maior em relação à plataforma jornalística. Muito conhecido nos meios editoriais ocidentais, o livro-reportagem “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 1993, p. 15), representando uma extensão do jornalismo cotidiano, uma modalidade específica que, dominando técnica de captação e tratamento de texto, atingiu qualidade a nível literário. Antes

publicadas, majoritariamente, em revistas – poucos jornais aderiram a esse gênero – as reportagens passaram a ser publicadas em livro: “Uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o *lead* e as pirâmides” (LIMA, 1993, p. 24).

Segundo Lima (1993), o livro-reportagem é fruto da inquietude do jornalista, daquele que tem algo a dizer, ou deseja um espaço que permita “utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade” (LIMA, 1993, p. 33). Além disso, certos temas não agradam a grande imprensa, o que dificulta a publicação nos meios tradicionais de comunicação. Dificulta, mas não impossibilita. Nas duas categorias de livro-reportagem, propostas por Lima (1993), a primeira se refere aos livros, que são uma compilação de reportagens publicadas em jornais ou em revistas, ou seja, frutos do trabalho de muito tempo em veículos tradicionais; a segunda é o livro como projeto, uma única reportagem trabalhada ao longo das páginas da publicação.

O livro-reportagem se diferencia, segundo Lima (1993), por três condições fundamentais: conteúdo, no sentido de que o objeto do qual o livro trata deve corresponder ao real e respeitar veracidade e verossimilhança; tratamento, abarcando linguagem, montagem e edição de texto; e função, que serve para diferentes finalidades jornalísticas – a finalidade apenas extensiva como a do jornalismo informativo arredondado, a visão unilateral do jornalismo de opinião, a abordagem multiangular do jornalismo interpretativo, o aspecto de denúncia do jornalismo investigativo e a categoria que foge ao contorno clássico, do jornalismo diversional –, mas tem como objetivos básicos informar, orientar e explicar. Outro grande rompimento com as redações convencionais é a questão da atualidade e da periodicidade, feito, primeiramente, pela reportagem e, mais tarde (e de forma mais completa), pelo livro-reportagem.

Segundo Lima (1998), em lugar da atualidade, as grandes reportagens buscam ver um contexto mais elástico de tempo, a contemporaneidade. Em relação à periodicidade, deve-se evitar uma obediência cega aos prazos curtos, pois o jornalismo perde o alvo que procura. As publicações periódicas deixam um vazio em função da superficialidade e do oportunismo com que se desenvolvem; a reportagem preenche esse vazio. E por mais que a mídia tente incorporar a linguagem da reportagem, muitas vezes, a produção em massa impõe prazos e padrões que simplificam até mesmo esse gênero jornalístico tão rico – além de limitar o espaço disponível em detrimento da publicidade. Portanto, a grande reportagem ganha liberdade de composição e mais tempo para o amadurecimento dos fatos, para o desenvolvimento máximo da pauta. “O livro-reportagem transcende as concepções

norteadoras do jornalismo atual. Tem potencial para assumir posturas experimentais” (LIMA, 1998, p. 16).

Por se debruçar sobre casos da sociedade e por seu caráter observador, o jornalismo trata de conflitos centrados no homem, portanto, “o conflito é o coração das notícias [...] recorrendo-se aos títulos de um diário, tropeça-se constantemente com palavras de forte teor conflitivo: guerra, ataque, querela, luta, combate, escalada, vitória, derrota, protesto” (KIENZT, 1974⁶ *apud* LIMA, 1993, p. 64). A construção da pauta na grande reportagem deve encontrar os conflitos e tentar esmiuçá-los, identificando suas causas e efeitos. No século XIX, já era possível encontrar livros-reportagem de relatos de guerra e pós-guerra, como por exemplo, *O Sertão*, de Euclides da Cunha, e *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed – registros que reconstituem a história e documentam, com detalhes, determinado período, com mais vivacidade do que qualquer notícia escrita em uma redação distante do acontecimento.

Para Lima (1993), as bases para a compreensão dos pontos em comum entre o jornalismo e o livro-reportagem vêm da chamada ordem hierárquica da Teoria Geral dos Sistemas, ou seja, concebe a realidade como constituída por diferentes entidades organizadas, em uma superposição de níveis. Cada nível, no caso, seria dotado de um princípio organizador e todos níveis seriam interligados formando um conjunto. Portanto, a análise de um sistema seria a análise do fator central desse conjunto e do ambiente que o envolve. De acordo com o autor, o livro-reportagem pode ser visto como um subsistema híbrido, ligado ao sistema jornalismo e sistema editoração (LIMA, 1993).

Lima (1993) aborda, em sua tese, apenas o livro-reportagem como um subsistema do jornalismo: “Se cabe ao jornalismo informar e orientar, cabe a seu subsistema, o livro-reportagem, informar e orientar com profundidade” (LIMA, 1993, p. 37). O aprofundamento pode ser representado de duas formas: extensivo (ou horizontal) e o intensivo (ou vertical). No primeiro caso, os detalhes enriquecem a narrativa (dados, números, informações, que ampliam quantitativamente o conhecimento) e no segundo caso, inserem o tema no contexto atual e proporcionam real compreensão (informações que ampliam qualitativamente o conhecimento).

⁶ Kientz, Albert. **Para analisar los mass media**. Valencia: Fernando Torres, 1974.

Para explicar como a narrativa jornalística se constrói, Lima (1993) sugere que as dimensões de tempo e espaço sejam vistas como círculos concêntricos, ou mais claramente, como uma cebola:

Em termos espaciais, no centro encontra-se o fato nuclear, a ocorrência social central que desperta o interesse da cobertura jornalística. Em torno, naquele mesmo círculo, está o espaço geográfico imediato dessa ocorrência. Externamente ao primeiro círculo circundante está centrado outro fato secundário e se encontra localizado mais um espaço geográfico. Num terceiro círculo circundante, mais afastado do primeiro, poderão estar os efeitos, as repercussões mais importantes, os espaços geográficos adicionais relacionados ao fato nuclear (LIMA, 1993, p. 38).

Cada um desses círculos agrupa ações, personagens, ambientes, detalhes, clima psicológico; quanto mais força tiver um acontecimento, mais círculos são envolvidos. Com essa lógica, chegamos à ideia de evolução de uma narrativa: um fato com poucos círculos consiste em uma notícia, outro com mais, pode ser considerado uma reportagem, e por último, envolvendo vários círculos concêntricos está o livro-reportagem. Os círculos podem representar também o tempo: o passado, presente e futuro; quanto maior a cobertura do tempo, maior o aprofundamento. O livro-reportagem, nesse sentido, leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando fatos esquecidos. Lima (1993) deixa claro que não se deve confundir o trabalho de pesquisa com história, pois a abordagem jornalística sempre estará ligada à contemporaneidade e, também, avançará no futuro, por meio dos desdobramentos do acontecimento, “mergulhando no passado apenas para compreender com maior elasticidade as causas dos conflitos presentes originados no tempo que já fluiu [...], tudo para ampliar o foco de compreensão contemporâneo” (LIMA, 1993, p. 40).

Lima (1993) propõe uma classificação dos livros-reportagem, distintos entre si pela temática e modelos narrativos. O livro-reportagem-perfil evidencia a história e o lado humano de uma pessoa reconhecida ou anônima – uma variação seria o livro-reportagem-biografia; já o livro-reportagem-depoimento reconstitui algum fato importante de acordo com a visão de um participante ou de testemunha; o livro-reportagem-retrato pode lembrar o perfil, mas focaliza em uma questão geográfica, social, econômica, não na questão humana; o livro-reportagem-ciência serve para divulgar um tema científico específico; o livro-reportagem-ambiente se refere a causas ecológicas e interesses ambientalistas; o livro-reportagem-história focaliza em um termo do passado recente e o relaciona com o presente vivido, possibilitando um elo com o leitor – uma variação seria o livro-reportagem-epopeia, modalidade que abrange episódios históricos de grande magnitude; o livro-reportagem-nova-consciência focaliza as novas correntes comportamentais; o livro-reportagem-instantâneo se dedica a um fato recém-acontecido, mas que tem possibilidade de ampliação e de definição de contornos

finais; livro-reportagem-atualidade também se dedica a um fato recém-acontecido, porém está no centro do conflito, apenas identifica as forças que se opõe e as questões de interesse público, sem ideia do desfecho; livro-reportagem-antologia reúne reportagens previamente publicadas na imprensa cotidiana ou em livros, agrupando-as; livro-reportagem-denúncia tem um propósito investigativo, focalizando em casos escandalosos de interesse público; livro-reportagem-ensaio tem a presença do autor evidenciada, buscando, de tal forma, convencer o leitor sobre a sua opinião; por último, e mais importante para a análise proposta neste trabalho, é o livro-reportagem-viagem, no qual a viagem se torna o fio condutor para retratar vários aspectos da realidade humana de determinado local. Esta modalidade será abordada com mais detalhes nos próximos subcapítulos.

Segundo Lima (1993), o livro-reportagem é o meio que chega mais próximo ao jornalismo ideal, pois estende a função comunicativa e consegue enquadrar muito mais perspectivas em sua narrativa. Tudo isso é possível em função das liberdades que o livro-reportagem proporciona: liberdade temática; liberdade de angulação, pois o livro é obra de autor, ou seja, seu compromisso é com a sua cosmovisão e com o estímulo ao leitor, não com as fórmulas da redação; liberdade de fontes, já que se utiliza de várias vozes para construir a narrativa; liberdade temporal; liberdade do eixo de abordagem e liberdade de propósito.

Além de todas as liberdades que o livro-reportagem possibilita, também coloca em xeque a objetividade. Segundo Lima (1993), não há neutralidade, imparcialidade ou quaisquer verdades absolutas quando o filtro de captação do real é determinado por fatores pessoais e modos de visão do indivíduo, inerentes ao sistema ao qual está inserido. A visão do repórter, a sua formação e compreensão sistemática, bem como a visão da empresa para a qual o repórter trabalha, cercada de comprometimentos econômicos, políticos e sociais, limitam a objetividade e a cosmovisão. Fugindo da burocratização do jornalismo e de distorções tecnicistas, o livro-reportagem permite a construção honesta dos fatos, buscando novos padrões de expressão jornalística e diferentes versões dos acontecimentos. “A objetividade, enquanto marcada pelo seu ranço reducionista deve ser substituída pela ideia de amplitude ordenada onde operam novos níveis de compreensão” (LIMA, 1993, p. 82).

Segundo o autor, a solução para a renovação estilística do jornalismo em relação ao comunicar e permanecer, se encontra na aproximação com as formas narrativas das artes. “Narrativa, aqui, entendida como o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia” (LIMA, 1993, p. 106). Ao desenvolver um livro-reportagem, o jornalista propõe um jogo implícito ao leitor: capta sua atenção, cativa para então abstrá-lo

para seu universo narrativo; chama o leitor para o desconhecido que a obra propõe. Por isso, a obra deve ter uma fluência elaborada com cuidado, para que o texto avance com naturalidade, se mantenha convidativo e interativo, dando elementos para que o leitor possa aumentar sua compreensão de mundo, instigando novas combinações possíveis.

Para Lima (1993), a narrativa no livro-reportagem é construída a partir de uma ação dada (compreendendo os pontos cruciais do acontecimento), principalmente, com enfoque na intensidade (ressonância emocional) e menos frequentemente no ambiente (descrição do meio físico que cerca o fato). De qualquer forma, mais vale o texto impregnado com substrato emocional e ambiental do que apenas construído na efemeridade de um simples relato do acontecimento. A descrição pode ser pictórica, ou seja, construída pela soma dos detalhes, com o observador afastado; topográfica, tornando alguns aspectos do assunto mais encorpados; cinematográfica, destacando o jogo de luz e sombra sobre o objeto observado; ou utilizando-se da prosopografia, descrevendo fisicamente as pessoas, e da cronografia, descrevendo as circunstâncias temporais. Mais um elemento que pode ser utilizado na narrativa jornalística são as funções de linguagem: referencial, expressiva, conotativa, fática, poética e metalinguística. De acordo com Lima (1993), no jornalismo diário utiliza-se mais a função referencial; já no livro-reportagem, faz-se necessária a alternância no uso das funções, para tentar evitar a dispersão do leitor. A angulação também é importante na narrativa, pois é ela que ajuda a construir o texto de forma mais parecida com aquilo que aconteceu – isso pode ser feito por meio de analogias, imagens, comparações, mistura de texto direto e indireto, descrição de ambiente, de pessoas e de objetos.

Há algumas técnicas de edição de livros-reportagem, mas como já foi dito anteriormente, para Lima (1993) o livro-reportagem é experimentação. O que se deve perseguir na edição de texto são a fluência e a eficiência da mensagem que se pretende passar com o livro. A estruturação deve ser bem pensada, bem como a implantação de ações-chave, às quais Lima (1993, p. 125) se refere como “conflitos menores” que estruturam um “grande conflito”. Aprendendo certas lições com o cinema, o jornalismo das grandes reportagens usa diferentes cortes de tempo e espaço; antecipa o futuro, recua para resgatar o que já se foi; quebra o ritmo; junta sequências; conecta conflitos e alimenta a tensão da trama.

Apesar de Lima (1993) enumerar diversos apontamentos referentes ao desenvolvimento de um livro-reportagem, esse material não necessariamente deve ser seguido como regra ou como fator determinante para definir o que é ou não livro-reportagem.

Para Lima (1993), o interessante sobre as narrativas jornalísticas mais longas está no poder de experimentação que elas trazem consigo:

Flexibilidade que, no jornalismo, quase sempre apenas o livro-reportagem tem o potencial para encarnar. Porque mais liberto. Porque menos tolhido. Porque pode experimentar. Porque tem fôlego para abarcar dimensões grandiosas e no fim não cercar a verdade como absoluta e perene (LIMA, 1993, p. 128).

Lima (1993) propõe que além de seguir uma linha experimental, o livro-reportagem aborde a contemporaneidade com profundidade, oferecendo sentido e significados ampliados da realidade, baseados em pesquisas bem fundamentadas e que tragam consigo a informação densa o bastante para situar, precisamente, o leitor em relação ao fato. Sob o ponto de vista ético, esse tipo de reportagem faz leituras críticas da realidade e, também, indica soluções para os problemas apresentados – ou pelo menos a contextualização necessária para que o leitor compreenda as dimensões variáveis do real. O jornalismo, segundo este autor, deve mergulhar nas correntes científicas de pesquisa e renovar seus instrumentos de leitura, fazendo isso de espírito livre, mente aberta, humildade e sem preconceitos. O livro-reportagem propõe recuperar o substrato mais expressivo do passado, trazendo para o presente esse conhecimento, potencializando o sentimento de identidade e integração. Essa passagem por povos e territórios, que o livro-reportagem-viagem se propõe a fazer, é muito importante para localizar o leitor no mundo, descrevendo e participando da dinamicidade de outras culturas.

2.4.1 *A apuração*

Para que o livro-reportagem atinja seus objetivos, o jornalista deve seguir o preceito da fidelidade para com os fatos e buscar a informação mais completa possível por meio de pesquisa, observação e entrevistas com as fontes. Segundo Lima (1993), não basta ter material informativo à disposição: é preciso ter propriedade no assunto – o que exige do jornalista sensibilidade e condições de trabalho. O livro-reportagem não está, ou não deveria estar, preso à rotina dos grandes jornais. Deveria ter o seu tempo de divagação e libertar-se da objetividade reducionista, buscando outras maneiras de estruturar e desenvolver a narrativa jornalística.

Lima (1993) elenca as formas básicas de captação: primeiramente, aponta as entrevistas de compreensão, um diálogo aberto entre entrevistador e entrevistado, não apenas para completar o vazio entre as aspas de uma simples matéria de jornal, mas sim, um trabalho aprofundado e que permite maior abrangência de assuntos e expressividade por parte do

entrevistado. A entrevista conceitual explora um conceito; a investigativa busca contradições entre a fala do entrevistado e os fatos; a confrontação-polemização segue em um ritmo parecido com a investigativa, podendo ser feita em forma de debate, mesa redonda ou qualquer forma de confronto por meio de diálogo direto; o perfil humanizado é um diálogo interativo, no qual o entrevistado se sente à vontade: há pauta, mas também uma flexibilidade de assuntos, tentando ao máximo descobrir o universo do ser humano.

As histórias de vida, segundo Lima (1993), também são um recurso de captação que revelam dados importantes: podem ser inseridas no texto, usufruindo da liberdade que a reportagem em profundidade dispõe, e humanizam o tema abordado. Da mesma forma, o resgate de riquezas psicológicas e sociais, por meio da memória dos personagens, traz dimensões maiores de compreensão de determinado momento histórico.

Para Lage (2009), a pesquisa é a melhor base para o jornalismo, seja por meio de documentos ou, atualmente, de tabelas numéricas e balanços de empresas (para o jornalista econômico). A coleta de dados é essencial para o jornalismo em geral, mas, especialmente, para o jornalismo de grande reportagem – não só recolhe as informações para comprovar os fatos, como também se analisa a situação e todas as questões envolvidas no caso. Segundo Lima (1993), havia maior propensão de o profissional recorrer apenas a entrevistas como forma de captação, porém, muitos seguem os modelos europeus e norte-americanos, buscando pesquisas documentais sólidas para embasar o seu trabalho. “A captação, todavia, não se resume à entrevista, à observação. Envolve também a *documentação*, no sentido da coleta, exame, classificação e uso de dados registrados disponíveis na sociedade moderna, em seus mais diversos meios” (LIMA, 1993, p. 82). Com os olhos na atualidade, Lage (2009) comenta sobre as dificuldades de produção: não se pode negar a real situação das redações, o que impossibilita, muitas vezes, que o jornalista tenha condições necessárias de aprofundar-se nas matérias, devido ao tempo limitado e poucos recursos disponíveis.

2.4.1.1 Observação participante

A observação participante não deixa de ser um recurso de apuração, mas merece destaque maior, justamente, por encontrar abrigo em outra área do conhecimento: a antropologia. Segundo Girardi (2000), a prática etnográfica se aproxima do trabalho de campo jornalístico e é definida como:

Um conjunto de procedimentos de coletas de dados e análise de informações, baseados na observação direta, na entrevista, no contato prolongado com o

sujeito/objeto de interesse que nos possibilita uma tentativa de interpretação de suas formas de organização, representação, construção de identidades, experiências culturais, etc. (GIRARDI, 2000, p. 207).

A preocupação com a objetividade faz com que o etnógrafo siga à risca o processo de coleta de dados, evitando alterações de análise. Segundo Girardi (2000), a reportagem de campo é uma espécie de caricatura (no bom sentido) da prática etnográfica, em função de haver menor preocupação do jornalista com a totalidade e inserção do acontecimento – a grande reportagem não deixa de ser um “apressado trabalho de campo” (GIRARDI, 2000, p. 207). Para Lima (1993), o jornalismo deve tentar trabalhar com “a incorporação de óticas modernas abrangentes. [...] Elementos que ajudam a explicar o real em um contexto total, sistêmico” (LIMA, 1993, p. 101).

O outro ser social e os fatos que ele envolvem são descritos focando nas diferenças e por meio da experiência do repórter. Desse modo, “através da reportagem, esse *outro* que aparece na narrativa passa a ter um rosto, uma história de vida, uma *visão de mundo*” (GIRARDI, 2000, p. 208). As próprias características da produção jornalística podem limitar a entrega total ao processo etnográfico: ao lidar com outras pessoas, o jornalista busca a história que espanta ou que gera interesse no leitor. Foca em como reproduzirá a sua experiência, ao contrário da antropologia, que busca uma descrição densa (e não narrativa), um distanciamento dos “personagens”, de modelos interpretativos e particularidades suas diante de outros grupos.

Mesmo assim, segundo Girardi (2000), isso não impede que o jornalista se torne um etnógrafo da própria sociedade. A observação direta e a descrição de comportamentos e acontecimentos são comuns, de certa forma, tanto à literatura como à etnografia. A narrativa jornalística é portadora de elementos diferentes da dissertação acadêmica. Tem tendência a focar no interesse humano, buscar um protagonista e humanizar o relato, participando dos fatos e sendo a ligação entre o leitor e a história contada. Em uma pesquisa de campo, o jornalista acaba utilizando “de maneira inconsciente métodos etnográficos” (GIRARDI, 2000, p. 210) e, por meio das informações coletadas, consegue interpretar, minimamente, uma cultura.

A capacidade de observação, segundo Girardi (2000), encontra-se no nível de interação que o pesquisador determina, seja ocultando do grupo o motivo pelo qual está presente, seja revelando, aos poucos, os seus propósitos e sua identidade ou revelando-os totalmente ou não tendo qualquer tipo de contato com o grupo. De qualquer forma, segundo Lima (1993), a observação se torna participante, “quando o observador estabelece do grau de

participação dentro dos grupos observados de modo a reduzir as estranhezas mútuas” (LIMA, 1993, p. 77). Ainda nessa linha, Lima (1993) destaca a pesquisa participante, a pesquisa-ação e a entrevista como pontos cruciais na captação de informação aprofundada, recuperando a capacidade de escutar, tão importante para o jornalismo.

Segundo Lima (1993), a observação participante no jornalismo teve seu auge com o Novo Jornalismo, nos anos 60, época em que a ordem era sentir, se emocionar, perceber o mundo a sua volta. Essa nova fase buscou experimentações e um novo caminho para relatar os fatos, quando “descobrem que não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade e presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total [...], os jornalistas tentando viver na pele as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens” (LIMA, 1993, p. 96). O registro dos detalhes, segundo Wolfe (*apud* LIMA, 1993) está tão próximo do realismo quanto qualquer outro artifício da literatura.

No Brasil, segundo Girardi (2000), o marco das inovações no ramo da reportagem são as obras do jornalista Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio. O cronista carioca foi um dos pioneiros a utilizar-se da observação direta, indo para as ruas, registrando os lugares, entrevistando pessoas. Os tipos sociais observados em suas matérias representam a tentativa de humanização e comprovação do assunto tratado, bem como fazia a incipiente forma de escrita: por vezes lírica, a reportagem se construía poeticamente. Na época de João do Rio, a imprensa passava por grandes mudanças, inclusive propostas por ele e seu estilo *flâneur*.

2.4.1.2 Jornalismo flâneur

Um novo tempo jornalístico começa a engatinhar, no Brasil, a partir da euforia da modernização da cidade do Rio de Janeiro. A capital da República, no início do século XX, só se preocupava em seguir os passos modernistas europeus e deixava de lado a sociedade à qual deveria se dedicar. Nesse turbilhão de mudanças, eis que surge uma figura, que segundo Torres e Procópio (2014), passava a ser o representante que denunciaria e investigaria a realidade social: o *flâneur*. Em registros de textos da época, é possível encontrar jornalistas com o hábito de flunar, expressão definida como “ato de passear, de caminhar a esmo, a vadiação mesma” (BULHÕES, 2006, p. 50). O termo já era utilizado por personagens como Charles Baudelaire, poeta romântico francês e precursor do *flâneur* europeu, conforme apontamentos de Torres e Procópio (2014).

Paulo Barreto, o João do Rio, foi adepto a esse tipo de observação: era um cronista-repórter sempre atento às transformações, não só estruturais, como de costumes e

comportamento dos moradores do Rio de Janeiro. Deixava seu olhar percorrer os caminhos de suas andanças ociosas, como se não estivesse a procurar nada, mas esse olhar bisbilhoteiro encontrava, pelas ruas, a inspiração para o seu trabalho. Para Bulhões (2006), há uma ambiguidade no João do Rio: como pode conviver o *flâneur* com um jornalista profissional? Apesar da postura despreocupada assumida com o flandar do jornalista carioca, ele realizava entrevistas, apurava acontecimentos e imprimia suas marcas na narrativa: era uma aventura investigativa. Bulhões (2006, p. 60) aponta que “é, pois, válido lançar uma designação para João do Rio: a de repórter-*flâneur*”. O repórter-*flâneur* não tem uma pauta a seguir ou algo determinado, “ele está aberto ao acaso, lançado à indeterminação da vida” (BULHÕES, 2006, p. 63).

Nos textos de João do Rio, o leitor encontrava muitas referências que compunham o cenário da cidade, naquela época e, segundo Bulhões (2006), iam para as matérias, desde os elementos da gastronomia, da religião, do modo de se vestir, do lazer, das edificações, ao urbanismo da capital. Além disso, o processo narrativo de João do Rio colocava o leitor na posição de testemunha, assistindo com ele o desenrolar da trama. Para Lima (1993), a contribuição de João do Rio pode não ter sido tão significativa no tratamento estilístico do texto, mas sim na observação detalhada da realidade, apresentando uma visão próxima, mas concomitantemente, com distanciamento crítico. João do Rio, segundo o autor, representou a descoberta de novos horizontes na atmosfera urbana.

2.4.2 O narrador

A narrativa jornalística é uma extensão do livro-reportagem, como se fossem os olhos do escritor guiando o olhar do leitor, desvendando uma realidade sob determinada perspectiva. Segundo Lima (1993), há a necessidade técnica de conduzir a narrativa em primeira ou em terceira pessoa – ou em segunda, a menos habitual. No jornalismo, argumenta o autor, não se utiliza grande variabilidade de foco (recursos sensoriais e espaciais) como na literatura.

O ponto de vista na terceira pessoa, o mais comum em livros-reportagem, se refere a um narrador onisciente. Já “em primeira pessoa, ocorre o uso do foco denominado narrador-protagonista, com maior frequência” (LIMA, 1993, p. 122). Quando o narrador introduz algum tipo de comentário na narrativa, o ponto de vista passa a ser denominado onisciente intruso e quando o relato se desenvolve por meio de narrativas de vários personagens,

segundo Leite (1985⁷ *apud* LIMA, 1993), é chamado de onisciência seletiva múltipla, muito utilizada pelo livro-reportagem no Novo Jornalismo. Nessa prática, segundo Lima (1993), o dinamismo introduzido na narrativa combinava vários recursos desde o chamado ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, monólogo interior, ou o próprio fluxo de consciência.

Bulhões (2007) utiliza-se do exemplo do jornalista e escritor Benjamin Costallat – repórter que buscava a dramatização dos acontecimentos por meio de uma narrativa dinâmica – não entrando no mérito da aproximação de Costallat com a ficção. Em uma de suas reportagens, Costallat utiliza um interlocutor como fonte de informações e situa-o como especialista no assunto discutido, dividindo com ele a narrativa. O narrador-repórter, por vezes, se insere na ação descrita, o que o torna, segundo Bulhões (2007) um narrador-personagem. O autor também se refere a Sylvio Floreal, jornalista conhecido por sua tendência *flâneur*, que marca a reportagem com suas próprias impressões, tanto visuais como sensoriais. Diz que “a plasticidade impactante de Floreal é apropriada ao comportamento de um caminhante que se perde na multidão da cidade ou ingressa em seus infernos e passa a ser um autêntico *voyeur*” (BULHÕES, 2007, p. 124).

O Novo Jornalismo também trouxe, fortemente, a ideia de narrador-protagonista. Na vertente que seguia o Jornalismo Gonzo, o narrador-personagem se tornava imprescindível, pois, segundo Pena (2006), todas as aventuras, os perigos e as atitudes extremas são narradas a partir da visão do jornalista, mostrando sua opinião e escancarando a parcialidade jornalística. Portanto, colocar-se como narrador-personagem não, necessariamente, seja um ato de vaidade: “é, muitas vezes, a única maneira de escrever para escapar das garras do jornalismo que não toma partido e, talvez mais importante, o melhor atalho para se soltar.” (CARTA, 2003, p. 39). A própria revista *Realidade*, conforme expõe Faro (2003), tem muito forte a presença da perspectiva pessoal do jornalista na narrativa: o uso da primeira pessoa intercala entre aspecto dominante ou apenas acessório, ao mesmo tempo em que o ponto de vista do personagem mistura-se com verbos em terceira pessoa na construção da reportagem.

2.4.3 O livro-reportagem-viagem

Segundo Lima (1993), o livro-reportagem, na concepção moderna, praticado nos Estados Unidos e na Europa, é menos denso do que o livro-reportagem-história ou o livro-reportagem-epopeia, mas isso não significa que, apesar de sua leveza, o trabalho de apuração

⁷LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

seja menos preciso ou profundo do que deveria. O trabalho feito, como o próprio nome já diz, resulta de uma viagem, um passeio que abre portas para discutir questões relevantes até certo limite, de forma sintetizada, mais básica e introduzindo debates na narrativa. A versão mais comum desse tipo de livro-reportagem é determinar um território, seja uma região, país ou continente, e explorá-lo, como sugere Lima (1993), em mosaico, unindo informações e conduzindo as perspectivas que se somam.

A passagem pelos segmentos da realidade se dá em um ritmo veloz, de movimento contínuo, seguindo uma sequência alternada de fatos narrados de forma descritiva, expositiva e reflexiva. Lima (1993) adverte que o livro-reportagem-viagem não se confunde com um livro de viagens voltado ao turismo – com um narrador deslumbrado com o ambiente e que estranha a cultura do outro tratando-a como exótica –, porque é um livro de repórter. O jornalista conversa com as pessoas da cidade, independentemente de classe social, para realmente entender como as coisas funcionam para ambos os extratos sociais; pesquisa o cotidiano e a história do local visitado; se envolve com as cores locais e busca sempre uma compreensão, por mais fugaz que seja, de uma camada da realidade, sempre mantendo o senso crítico.

E ao contrário da matéria turística, que fica, no geral, na frivolidade do aspecto passageiro que lhe interessa, o livro-reportagem-viagem sai fora do circuito turístico, ou mesmo realiza-o, mas abarca-o numa dimensão ampliada onde a verdade de fantasia exposta ao visitante convive com a sua significância real e diária do dia-a-dia [sic] (LIMA, 1993, p. 219).

Edvaldo Pereira Lima baseia sua tese sobre livro-reportagem-viagem, especialmente, em suas experiências como repórter e escritor do livro *Colômbia espelho América: dos piratas a García Márquez, viagem pelo sonho da integração latino-americana*, publicado em 1989, pela Editora Perspectiva em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo. A justificativa do autor pela escolha do tema é a predileção por temas transculturais e transnacionais e pela facilidade técnica de o livro-viagem passar por uma realidade social, humana, histórica e geográfica sem excessivo aprofundamento, mesmo assim, o suficiente para costurar fragmentos do real. Segundo Lima (1993), esse tipo de livro-reportagem é da mesma linhagem do romance de aventura grego – uma narrativa de origem mais remota, com um fundo geográfico onde a ação acontecia – e encontra fundamentação também no passado colonial europeu – principalmente, em função da expansão do Império Britânico, aguçando a curiosidade dos que em solo europeu ficavam imaginando como seriam as terras estranhas. Mais atualmente, surgiram alguns livros de ficção sobre aventuras e viagens muito famosos

na Europa e nos EUA. Lima (1993) sugere que a ausência de um passado colonial poderia ser a explicação para poucas publicações desse tipo no Brasil.

Segundo Lima (1993), no planejamento do livro-reportagem, ficou definido que a Teoria Geral dos Sistemas ajudaria a pautar o tema e que o local para o qual viajaria seria a Colômbia, a fim de falar sobre o país e utilizá-lo como estímulo para o debate sobre a integração latino-americana. O livro coloca, conforme explica o autor, cinco símbolos dessas aspirações latentes de integração, organizadas dentro de três planos de tempos históricos: tempo estrutural, com duração longa, consiste na posição geográfica do país, condições geológicas e naturais, cordilheiras, rios, mar; tempo conjuntural, com duração média, agrega três pontos: a figura do venezuelano Simón Bolívar, libertador da América dominada por espanhóis, que sonhava com a integração, Cartagena, cidade severamente atacada durante os anos de colonização, justamente por ser o principal porto por onde as riquezas latino-americanas eram enviadas à Europa, e El Dorado, a cidade que virou lenda, um paraíso imaginado pelo colonizador, onde tudo seria feito de ouro, prata e pedras preciosas. No tempo individual, com curta duração, estariam representados García Márquez e seu microuniverso de realidades surrealistas. O fio condutor da história seria o próprio relato de viagem, “deslocamento pelo espaço que abre as comportas para outros níveis espaciais, para outros quadrantes de tempo e segmentos temáticos” (LIMA, 1993, p. 225).

O autor utilizou-se de artifícios de transposição temporal, dinâmica de vozes (expondo falas de pessoas anônimas), depoimentos (tratados em terceira pessoa onisciente, mesclando com falas dos personagens em primeira pessoa) e variações de funções de linguagem (dinamizando o ritmo narrativo). Cria-se um panorama sintético, porém de conteúdo, um convite ao leitor em geral, “daí a linguagem jornalística: fundamentação combinada com fluidez” (LIMA, 1993, p. 227).

2.4.4 *O Jornalismo de Aventura*

O Jornalismo de Aventura é um termo atribuído ao trabalho do jornalista e escritor Airton Ortiz, referente as suas mais de dez viagens radicais pelo mundo relatadas em livros publicados pela Editora Record. Ortiz contou, em entrevista (APÊNDICE A) concedida à autora, no dia 9 de novembro de 2014, que sua primeira viagem foi escolhida para ser apenas uma aventura e o roteiro privilegiaria o contato com a natureza e os esportes radicais.

O primeiro livro-reportagem, *Uma Aventura no Topo da África*, seria sobre como escalar uma montanha:

E como jornalista convencional o que eu deveria fazer? Eu deveria entrevistar as pessoas que escalaram a montanha e contar isso. Eu quebrei essa regra e eu escalei essa montanha. Eu escrevi a reportagem sobre a minha própria experiência. Esta abordagem do repórter ser ao mesmo tempo o autor da reportagem e o protagonista da reportagem é que começou a ser chamado de Jornalismo de Aventura (APÊNDICE A).

A maneira com que Ortiz construiu a história, segundo ele próprio menciona, foi o diferencial: ele se utiliza de uma linguagem diferente do jornalismo convencional, que se não restringe apenas ao pontual. A informação é passada por meio de uma linguagem literária. Para o autor, a diferença está entre linguagem e abordagem: “a linguagem é literária, mas a abordagem é jornalística” (APÊNDICE A).

Importante destacar, também, que o autor escreve em primeira pessoa, característica forte em Jornalismo de Aventura, justamente pelo repórter ser o protagonista da reportagem. O autor acredita que sua participação na narrativa enriquece a história, como ressalta na entrevista: “Ao passar para o papel as minhas emoções, eu vou ter um conteúdo muito mais rico [...] se o próprio jornalista vai lá⁸, é como contar uma história em primeira mão” (APÊNDICE A). Usando o livro *Em Busca do Mundo Maia*, Airton Ortiz explica que a reportagem feita por um jornalista moldado pelas técnicas convencionais seria apenas uma grande reportagem sobre as cidades maias, com pesquisas feitas em alguns livros e entrevistas com pessoas que tivessem passado pelo local ou com especialistas no assunto. Segundo Ortiz (APÊNDICE A), nada se compara às vivências que se pode ter *in loco*, experimentando essa outra realidade.

Sobre o Jornalismo de Aventura em outras plataformas, Ortiz (APÊNDICE A) alerta para o ponto prejudicial dos outros meios de comunicação: a pré-produção, em especial na televisão, a grande equipe de filmagem e a estrutura técnica necessária. Afirma que “o programa de TV é muito pré-produzido, ele praticamente elimina o risco, [...] tira a essência da coisa que é a aventura propriamente dita” (APÊNDICE A). A melhor linguagem, segundo Ortiz (APÊNDICE A), é a escrita, pois a aventura não se explica em poucas páginas, portanto, “a mídia livro é a mais apropriada para fazer isso, porque é onde te permite realmente aprofundar bem a abordagem que tu estás dando” (APÊNDICE A).

Como forma de captação, Ortiz e, conseqüentemente, o Jornalismo de Aventura, se utilizam de uma grande pesquisa feita antecipadamente e, também, no local; entrevistas com

⁸ Ortiz refere-se a fazer a apuração *in loco*, nesse caso, escalar uma montanha.

os moradores e pessoas da localidade, a fim de descobrir coisas que os nativos consideram importantes, não necessariamente turísticas; um diário muito minucioso com anotações sobre tudo que acontece durante a aventura; e fotografias para auxiliar a memória dos acontecimentos e registrar os fatos. Segundo o autor, são necessários três meses de preparação e estudo antes da viagem, três meses viajando e mais três meses para escrever e concluir o livro. Sobre como construir a narrativa, o autor afirma que “isso nada mais é do que uma reportagem, a matéria tem uma pauta, e eu só uso aquilo que aconteceu e que está dentro da minha pauta” (APÊNDICE A).

Sobre as entrevistas, Airtón Ortiz comenta que não se identifica como jornalista em função das pessoas perderem a espontaneidade, mas ao utilizar a fala de algum entrevistado em seus livros, ele garante que protege a fonte: “Sempre que alguém se expôs ao me dar a informação, eu protegi essa fonte usando um pseudônimo, porque o importante para mim não é a fonte, é a historinha que ela me conta” (APÊNDICE A). O autor deixa claro que no Jornalismo de Aventura não há repórter isento, justamente porque a narrativa se apoia em experiências do autor do livro e a emoção e os sentimentos transparecem no texto.

Em nova entrevista (APÊNDICE B) concedida à autora, no dia 14 de maio de 2015, Ortiz (2015) comenta que o seu objetivo com relatos de viagem é proporcionar uma visão geral do lugar, não factual. Para exemplificar essa lógica, o autor usa um exemplo fictício sobre o Tibet, supondo que os tibetanos, em sua maioria, utilizem roupas vermelhas, e poucos usem roupas amarelas:

E eu encontro casualmente aquele que está de roupa amarela. E se eu botar no meu texto que lá no Tibet os caras usam roupa amarela, eu estou dando uma informação errada. Então, eu posso dizer que o cara estava vestido de vermelho. Porque eu não estou preocupado com ele, com o factual, que estou preocupado com o geral; passar para o leitor uma visão holística do lugar onde eu estou. Porque se tu estás fazendo um jornalismo convencional, tu não podes mudar a roupa do cara, mas não é isso que eu quero passar. Na verdade eu quero que ele represente um povo, uma realidade total. Eu me dou essa liberdade (APÊNDICE B).

Ortiz destaca também as similaridades e diferenças entre o Jornalismo de Aventura e o Jornalismo Investigativo, afirmando que a pesquisa investigativa é feita da mesma forma, mas o que diferencia é a abordagem dos assuntos. Segundo ele, o Jornalismo de Aventura “busca muito mais a alma humana, as reações das pessoas, o emocional, o sentimental, o psicológico, as nossas fragilidades, do que aquela informação pontual do jornalismo diário” (APÊNDICE B). Em relação à Antropologia, o autor destaca duas ações importantes, quando se lida com uma realidade muito diferente: em primeiro lugar, é necessário se despir de suas referências culturais, a fim de compreender plenamente o modo de vida do outro, evitando leituras

impróprias; e em segundo lugar, de certa forma, manter o olhar de estrangeiro, pois esse olhar vai mostrar nuances que os nativos não se dão conta – linha tênue entre as percepções.

3 METODOLOGIA

A base teórica para essa análise será o texto *Estudo de Caso*, de Marcia Yukiko Matsuuchi Duarte, que faz parte do livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, de Jorge Duarte e Antônio Barros (2005a). Esse método foi escolhido, pois, segundo Yin (2001⁹ *apud* DUARTE, 2005b), o primeiro passo do estudo de caso é definir as questões a serem estudadas, as do tipo “como” e “por que” são as mais indicadas – exatamente as perguntas problematizadas neste trabalho: De que forma o livro *Em Busca do Mundo Maia*, de Airton Ortiz, se constitui como livro-reportagem? Por que seria considerado uma obra jornalística?

O próximo passo, como a metodologia determina, foi a escolha do que seria analisado e a definição do objeto social unitário para análise. Nesse caso, foi escolhida apenas uma amostra do trabalho de Airton Ortiz, o livro *Em Busca do Mundo Maia*, publicado em 2007, como parte da série *Viagens Radicais* da Editora Record. O livro consiste em 221 páginas divididas em 8 capítulos. O objeto analisado foi definido pelo interesse no tipo de linguagem que o autor utiliza, no formato de livro-reportagem-viagem e nos assuntos tratados, principalmente, as viagens pelo Mundo Maia. Na sequência, a coleta de dados, realizada por meio de entrevistas e leituras, e, para o fechamento da pesquisa, como o estudo de caso sugere, foi feita uma ligação lógica entre a teoria e o objeto de estudo.

3.1 Airton Ortiz

Nascido em Rio Pardo, no dia 27 de novembro de 1954, e criado desde pequeno em uma fazenda, Airton Ortiz sempre teve grande apego à natureza. Aos dez anos, foi para Cachoeira do Sul para estudar e, mais tarde, mudou-se para Porto Alegre, a fim de fazer a faculdade. Formou-se em Jornalismo pela PUC-RS e fez pós-graduação na UFRGS. Nos anos 80, Ortiz criou o jornal *Tchê*, que era um elo entre a cultura regionalista gaúcha e a juventude urbana. Esse jornal originou a Editora Tchê, na qual ocupou o cargo de editor-chefe. Aos 40 anos, o então jornalista, resolveu resgatar o contato com a natureza, começou a praticar montanhismo e decidiu aventurar-se em uma viagem para a África, na qual ele pudesse praticar esportes radicais: nada mais justo do que subir o Kilimanjaro. Suas experiências na viagem se tornaram um livro, *Aventura no Topo da África* (1999), o primeiro publicado pelo

⁹ YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

autor. A Editora Record não só aceitou a proposta de Ortiz de publicar o livro, como contratou-o para mais expedições: assim surgiu a série de livros *Viagens Radicais*, registros de grandes travessias, em formato de reportagem. Conta com mais outras nove publicações: *Na Estrada do Everest* (2000); *Pelos Caminhos do Tibete* (2001); *Cruzando a Última Fronteira* (2002); *Expresso para a Índia* (2003); *Travessia da Amazônia* (2004); *Egito dos Faraós* (2005); *Na Trilha da Humanidade* (2006), livro originado de uma série com 12 reportagens publicadas no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em 2005; *Em Busca do Mundo Maia* (2007), livro originado de uma série com seis reportagens publicadas no *Jornal do Povo*, de Cachoeira do Sul; e *Vietnã Pós-Guerra* (2009).

A série rendeu a Airton a autoria do gênero jornalístico Jornalismo de Aventura, narrativa na qual o jornalista é, ao mesmo tempo, repórter e protagonista da reportagem, usando uma linguagem que enfatiza o lado emocional das pessoas, não necessariamente a informação pontual. Com o sucesso dos livros, Ortiz gravou também documentários para a televisão, mas o autor adverte que a televisão lida com muita pré-produção, o que tira a espontaneidade do momento e elimina os riscos, essenciais, segundo ele, para que a situação seja considerada Jornalismo de Aventura.

Em 2009, o autor se aventurou pelo mundo da fotografia e publicou *Retratos da Terra* (2009), pela Editora Mecenaz. Em 2010, Ortiz fez parceria com outros cinco escritores, grupo chamado *Os Seis de Poa*, no livro infanto-juvenil *Aqui há um Longe Imenso*. Além dos dez livros da série *Viagens Radicais*, Ortiz publicou a série *Expedições Urbanas*, que conta com dois livros de crônicas: *Havana* (2010) e *Jerusalém* (2011), e, ainda pela Editora Record, dois romances: *Cartas do Everest* (2008) e *Gringo* (2012). Novamente, em parceria com *Os Seis de Poa*, publicou *Foi o que Coube na Mochila* (2013). Também em 2013, foi lançado *Atenas*, o primeiro livro da coleção *Aventuras pelo Mundo*, editados pela *Benvirá*, selo de Literatura Brasileira do Grupo Saraiva – dessa coleção fazem parte também *Paris* (2014) e *Nova Iorque*, que será lançado na Feira do Livro de 2015.

Os livros de Airton Ortiz foram bastante premiados: *Na Estrada do Everest*, *Pelos Caminhos do Tibete* e *Havana* foram finalistas do Prêmio Açorianos de Literatura; *Travessia da Amazônia*, *Havana*, *Aqui há um Longe Imenso* e *Jerusalém* ganharam o prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores (AGES); *Expresso para a Índia* ganhou, em 2003, o prêmio Euclides da Cunha, da União Brasileira de Escritores, como o melhor livro de ensaio lançado no Brasil no ano do seu lançamento; *Na Trilha da Humanidade*, foi publicado em jornal impresso, antes de se tornar um livro – por meio de uma série com 12 reportagens e 24 páginas, a história foi contada no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em 2005 – e a matéria

foi finalista do prêmio mais tradicional da mídia nacional, o Prêmio Esso de Jornalismo; *Em Busca do Mundo Maia*, no formato de série de reportagens – com seis reportagens e 12 páginas, publicadas no Jornal do Povo, de Cachoeira do Sul – rendeu ao autor o Prêmio da Associação Rio-Grandense de Imprensa (Prêmio ARI de Jornalismo), o mais importante da mídia gaúcha, na categoria Reportagem Cultural (2006).

Na medida em que os livros foram sendo vendidos em larga escala, Ortiz foi se desligando dos outros compromissos, até que pode investir, exclusivamente, na literatura. Já foi patrono de 20 feiras do livro no Rio Grande do Sul e após ser indicado nove vezes ao título de patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, Airton Ortiz foi, finalmente, escolhido em 2014. Atualmente, o autor se dedica a sua série de crônicas *Aventuras pelo Mundo* e roda o Brasil fazendo palestras nas áreas de planejamento e motivação.

3.2 Resumo do livro *Em Busca do Mundo Maia*

O livro *Em Busca do Mundo Maia: desvendando o colapso de uma civilização* foi primeiramente publicado por Airton Ortiz, em 2006, no formato de série de reportagens (seis reportagens e 12 páginas) no *Jornal do Povo*, de Cachoeira do Sul. O formato livro veio em 2007, publicado pela Editora Record, e fez parte da coleção *Viagens Radicais*, de autoria de Airton Ortiz. Percorrendo cinco países, começando por Manágua, capital da Nicarágua, e seguindo por Honduras, Guatemala, Belize, até a região de Chiapas, no México, Airton Ortiz seguiu seu trajeto em busca dos mistérios e encantos do Mundo maia. O autor narra, em seu livro, as aventuras dessa viagem, durante a qual teve a oportunidade de conhecer muitas pessoas, encontrar pequenas aldeias que ainda perpetuam a ancestral cultura maia e desbravar matas e reservas naturais, que guardam as ruínas de uma das mais antigas civilizações do território latino-americano, tudo em formato de grande reportagem, utilizando-se de técnicas jornalísticas para narrativa. Alternando a narrativa da viagem, descreve os passeios pelas cidades, registra a hospitalidade dos povos por onde passou e, até mesmo, mostra as dificuldades financeiras vividas em função de percalços com o seu cartão de crédito. Ortiz sempre insere fatos históricos importantes dos locais que visita, trazendo para o leitor uma ampla ambientação na história.

Na Nicarágua, Ortiz conhece, além da capital, Manágua, a Ilha de Ometupe, Granada e León. Intercalando os textos sobre essas cidades, o autor cita curiosidades históricas da região, como Huellas de Acahualinca, sítio arqueológico que consiste em uma trilha com mais de seis mil anos com registros de pegadas de homens, mulheres e crianças nômades, marcadas

em cinza vulcânica petrificada. Nesse mesmo país, Ortiz descreve ainda a histórica disputa entre a Família Somoza, apoiada pela conservadora cidade de Granada, e Sandino, libertador apoiado pela revolucionária cidade de León. Em Honduras, Ortiz conhece a capital, Tegucigalpa, e Copán, cidade que abriga ruínas da antiga capital cultural maia, de mesmo nome, uma das mais importantes entre 625 a.C. e 800 d.C.. Na Guatemala, foi a vez do autor passar por Rio Hondo e seguir em direção a Flores, na região de El Petén, e conhecer Tikal, a mais antiga capital maia, fundada em 700 a.C., com gigantescos e impressionantes templos.

Seguindo viagem, Ortiz vai para Belize, passa por Caracol, outra importante cidade maia, e pára na Cidade de Belize, ponto estratégico para ir até o centro agrícola ao norte do país, o Orange Walk, próximo à localidade de Cuello, onde foram descobertas as mais antigas ruínas do Mundo Maia. Ainda na Guatemala, junto à lagoa New River, está Lamanai, sítio arqueológico com templos embrenhados na selva – o que se torna uma bela aventura para o autor. No México, na cidade de Chetumal, Ortiz visita o Museu do Mundo Maia, a coleção mais completa sobre o assunto e com um ótimo centro de documentação – o que permite ao jornalista confirmar as informações já pesquisadas e aumentar seu conhecimento sobre a cultura maia. Em Tulum, no litoral mexicano, foi possível visitar as ruínas cercadas por muros na beira do oceano Atlântico. O destino seguinte – depois ainda de Cobá, início de uma grande rede de passarelas que liga duas cidades maias a mais de 100 quilômetros de distância, e Valladolid, cidade construída sobre um centro cerimonial chamado Zaci – ficava na região de Yucatán: Chichén Itzá, inicialmente uma cidade puramente maia, mas que foi conquistada por guerreiros toltecas, ocasionando uma mistura religiosa e arquitetônica no local. Na região de Chiapas, ainda no México, Ortiz viaja por pequenos povoados remanescentes maias, em especial, San Cristóbal de las Casas e San Juan Chamula, sendo que, neste último, ele pode observar um ritual pagão, feito uma vez por ano na cidade – por sorte, exatamente, o dia em que o aventureiro esteve por lá.

Na última parte da viagem, Ortiz volta à Guatemala, onde visita Quetzaltenango e Chichicastenango. Em “Chichi”, o autor descobre mais detalhes sobre a bíblia maia, o *Popol Vuh*, livro que descreve a criação do povo maia e dá significado para o orgulho dos guatemaltecos em serem chamados de “homens do milho”. Ainda por lá, Ortiz visita o maior mercado maia existente, onde se delicia com as comidas tradicionais da região e, também, conhece um último sítio arqueológico: o cerro Pascual Abaj, considerado o local mais sagrado do Mundo Maia atual. Na conclusão do livro, Ortiz elucida os prováveis motivos para o colapso do Mundo Maia e questiona se o fim desse povo antigo não poderia ser comparado a um provável fim da humanidade. Além de questões como superpopulação e incessantes

guerras entre tribos, o autor põe em pauta o desequilíbrio ambiental gerado por grandes potências mundiais: algo tão antigo e ao mesmo tempo tão atual.

3.3 Estudo de Caso

O estudo de caso é considerado um método qualitativo, e, segundo Duarte (2005b), é definido de diferentes formas. Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b) define como uma inquirição empírica que investiga um fenômeno em um contexto real, principalmente, quando a fronteira entre ambos não é evidente e diversas fontes de evidências são usadas, considerada pelo autor a metodologia essencial para responder as questões “como” e “por que”. Goode e Hatt (1979¹⁰ *apud* DUARTE, 2005b) definem o estudo de caso como um método de observar a realidade social, preservando o caráter unitário do objeto social e o desenvolvimento dessa unidade, seja um grupo de pessoas, uma cultura, um conjunto de relações e processos, etc. Segundo Stake (1994¹¹ *apud* DUARTE, 2005b), estudos de caso não são a escolha de um método, mas sim de um objeto de estudo – o autor defende que o objeto estudado deve ser mais específico do que um ampla área de conhecimento. Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1991¹² *apud* DUARTE, 2005b) o estudo reúne informações detalhadas e numerosas para apreender a totalidade da situação, sugerindo a coleta de informação por meio de observações, entrevistas, documentos, observação participante e pesquisa de cunho etnográfico.

As quatro características essenciais do método, segundo Merriam (1988¹³ *apud* DUARTE, 2005b), são o particularismo, o estudo que se centra em um fenômeno particular e proporciona análise prática de problemas da vida real; a descrição, na qual o resultado final consiste na descrição meticulosa do assunto submetido à indagação; a explicação, que ajuda a compreender o que é submetido à análise, tendo como objetivo obter novas perspectivas, interpretações e o descobrimento de novos significados; e a indução, quando princípios e generalizações emergem a partir da análise dos dados particulares. Mais do que analisar hipóteses já formuladas, o estudo de caso pretende encontrar novas relações entre os elementos analisados. Segundo Duarte (2005b), para falar sobre um caso, faz-se necessária a interpretação e contextualização dele em uma realidade.

¹⁰ GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

¹¹ STAKE, Robert E. Case Studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **Handbook of qualitative research**. United States of America: Sage, 1994. p. 236-247.

¹² BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jaques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

¹³ MERRIAM, S. B. **Case study research in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1988.

Segundo Castro (1977 ¹⁴ *apud* DUARTE, 2005b), a atividade científica busca regularidades ou padrões, analisando frações de diferentes tamanhos do universo dos fatos considerados por meio de estudos agregados, examinando o próprio universo. Ressalta ainda que o interesse maior da pesquisa se dá em torno do todo que engloba o estudo, não apenas o caso em si. O autor destaca, também, que, no estudo de caso, é recolhida apenas uma amostra e o todo é percebido por meio das inferências deixadas ao leitor.

Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b) destaca cinco elementos imprescindíveis no projeto de pesquisa de estudos de caso: primeiramente, a definição das questões de estudo, as do tipo “como” e “por que” são especialmente indicadas para o estudo de caso; depois, a definição do que será analisado no estudo; na sequência, a definição da unidade de análise, se apenas um caso será estudado ou se haverá um estudo de casos múltiplos; e, por fim, pensar em uma lógica de ligação entre os dados e as proposições delimitadas anteriormente.

Há alguns questionamentos contrários a essa metodologia segundo Duarte (2005b). Por ser uma pesquisa qualitativa, e não quantitativa, ela pode oferecer riscos ao rigor científico e ao plano básico da pesquisa – o pesquisador, com suas pré-concepções e certezas, pode ignorar o planejamento do estudo e levá-lo a um resultado parcial. Para que isso não aconteça, Duarte (2005b) sugere medidas para que o trabalho siga independente e com rigor científico, como por exemplo, definição clara da questão de pesquisa; elaboração de um plano de pesquisa que considere os possíveis sentimentos de certeza e que mantenha um padrão de amostra como base racional para análises sobre o universo do qual ela é obtida; afastamento de narrativas maçantes que dificultem a análise; leitura de pesquisas anteriores a fim de obter maior objetividade na formulação sobre o mesmo tópico.

3.3.1 *Tipos de projetos e desenvolvimento do estudo de caso*

Os tipos de projetos para estudos de caso são divididos por Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b) em quatro partes: os projetos de caso único holístico (unidade única de análise); os projetos de caso único incorporado (unidades múltiplas de análise); os projetos de casos múltiplos holísticos (unidade única de análise); e os projetos de casos múltiplos incorporados (unidades múltiplas de análise). Os projetos de caso único são questionados quanto a sua validade, mas, conforme defende o autor, ele é válido justamente para situações em que o caso representa um teste fundamental da teoria existente, ou é um evento raro, ou serve a um

¹⁴ CASTRO, Cláudio Moura. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

propósito revelador. O autor comenta ainda que a escolha entre os projetos depende do objeto a ser estudado. O projeto holístico é adequado quando não se identifica nenhuma subunidade lógica e quando a teoria em questão é de natureza holística. Quanto ao projeto incorporado, ele é recomendado quando o estudo de caso envolve subunidades de análise.

O desenvolvimento do estudo de caso não apresenta apenas uma definição: é discutida por diversos autores, cada qual com seu ponto de vista e número de tópicos desenvolvidos – mas isso não significa total incongruência entre eles, os tópicos se parecem e se somam. Segundo Nisbet e Watt¹⁵ (1978 *apud* DUARTE, 2005b), a primeira fase do desenvolvimento é a especificação das questões e dos pontos críticos, estabelecendo contatos iniciais para o trabalho de campo, localizando dados para o estudo; a segunda é a coleta dos dados, com base nas características singulares do objeto estudado; e a terceira é a análise e interpretação dos dados a fim de elaborar o relatório. Para Wimmer e Dominick (1996¹⁶ *apud* DUARTE, 2005b) as etapas são cinco: primeiramente, o planejamento; depois uma espécie de estudo piloto, conferindo o planejamento e fazendo a aplicação prévia das entrevistas; a coleta de dados em si, documentação, observação participante e entrevistas; análise das informações; e, por fim, redação do relatório.

Para aferir a qualidade dos projetos de pesquisa com a metodologia estudo de caso, Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b) sugere a avaliação da validade do constructo, estabelecimento de medidas operacionais corretas para os conceitos a serem estudados, especialmente, utilizando várias fontes de evidência; validade interna, segundo, Skyes (1990¹⁷ *apud* DUARTE, 2005b), estrita aos estudos explanatórios e causais, é o resultado de estratégias que determinam eliminar a contradição e ambigüidade, bem como estabelecimento de conexões forte entre os dados; validade externa, que determina a área de compreensão à qual as descobertas dos estudos pertencem e podem ser generalizadas, permitindo testar a teoria; e, por fim, a confiabilidade, demonstração de reaplicação do estudo, aplicando a mesma metodologia e chegando ao mesmo resultado. Essa avaliação inclui os “conceitos de fidedignidade, credibilidade, confirmabilidade e fidelidade de dados” (DUARTE, 2005b, p. 226).

¹⁵ NISBET, J; WATT, J. **Case study. Readguide 26:** guides in educational research. University of Nottingham School of Education, 1978.

¹⁶ WIMMER, Roger D.; DOMINICK, Joseph R. **La investigación científica de los médios de comunicación:** uma introducción a sus métodos. Barcelona: Bosh, 1996.

¹⁷ SKYES, Vanda. Validity and reliability in qualitative marketing research: a review of literature. **Journal of the Market Research Society.** v. 32, n. 3, July, 1990.

3.3.2 *Coleta de dados e condução do estudo de caso*

O pesquisador, segundo Duarte (2005b), deve estar apto a fazer perguntas pertinentes e saber interpretar as respostas, ser bom ouvinte e não se deixar levar por suas concepções e ideologias acerca do tema estudado, ter capacidade de adaptação e encarar desafios como oportunidades e não, ameaças, ter clareza sobre as questões estudadas, ser imparcial em relação a noções pré-concebidas sobre o tema e a teoria. Para Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b), os pesquisadores devem ter claros os conceitos básicos, a terminologia e os pontos importantes do estudo, bem como o motivo do trabalho estar sendo realizado, quais são as provas procuradas, quais as variações podem ser consideradas antecipadamente e o que poderia servir como prova contrária para qualquer posição dada. Além destes cuidados, DUARTE (2005b) sugere que seja feito o protocolo, documento no qual estão escritos os procedimentos gerais a serem seguidos. Segundo Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b), é interessante acrescentar os objetivos e leituras essenciais, os procedimentos de campo, fontes potenciais de informação, registro de dados e, finalmente, o relatório, composto por resumo, documentos e dados bibliográficos. É possível, também, utilizar-se do estudo piloto, o que auxilia o pesquisador a melhorar os planos de pesquisa e a articulação das proposições teóricas.

A condução dos estudos de caso se utiliza da coleta de evidências, principalmente, de “seis fontes distintas de dados: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos, cada uma delas requerendo habilidades e procedimentos metodológicos diferenciados” (DUARTE, 2005b, p. 229). Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b) acrescenta, ainda, a importância de utilizar várias fontes, criar um banco de dados para o estudo de caso e fazer a manutenção de um encadeamento de evidências. A documentação pode assumir várias formas, desde cartas, atas de reunião, recortes de jornais, publicações na mídia e, segundo Duarte (2005b), é fonte ideal de confirmação e conferência de informações, bem como análise de dados contraditórios. É importante destacar, segundo Duarte (2005b), que esses documentos devem ser usados com cuidado, pois, também, podem conter falsas indicações. Em geral, a entrevista é considerada a fonte de informação mais importante para o estudo de caso, caracterizada como “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2005a, p. 62). A observação direta é feita quando se está no local de estudo e pode fornecer dados adicionais à análise. A observação participante é uma modalidade de observação, na qual o pesquisador passa a ser

observador ativo, podendo participar dos acontecimentos relacionados ao estudo, tendo um ponto de vista de dentro do caso. O ponto negativo, segundo Duarte (2005b), é a dificuldade de registro das práticas e da perda do foco do estudo. Artefatos físicos também podem ser coletados ou observados como evidências.

3.3.3 *Métodos de análise*

Métodos de análise podem ser divididos entre duas estratégias gerais e quatro modelos específicos sugeridos por Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b). Primeiramente, como estratégias gerais, o autor sugere seguir as proposições que deram origem ao estudo de caso, ajudando, assim, a organizar e definir as explicações, além de elaborar uma estrutura descritiva do processo de estudo. Para os modelos específicos de condução de análise, o autor destaca a comparação de um padrão empírico com outro de previsões alternativas – se os padrões coincidirem, os resultados podem ajudar a reforçar a validade interna do estudo de caso. Ressalta, também: a construção de uma explicação – estratégia de difícil aplicação –, que tem como objetivo a análise de dados, por meio dos quais o pesquisador procura explicar algum fenômeno; a análise de séries temporais e, por fim, os modelos lógicos de programa, uma combinação entre técnicas de padronização e análise de séries temporais, a fim de constatar algum padrão nas sequências de eventos.

3.3.4 *Relatório e conclusão*

O relatório “pode ser escrito, oral ou pictórico. É uma das fases que exige maior esforço do pesquisador e deve ser iniciada o mais cedo possível, antes mesmo da fase da coleta e da análise de dados” (DUARTE, 2005b, p. 232). Yin (2001 *apud* DUARTE, 2005b) aponta alguns pontos essenciais para a formulação do relatório, a começar pela definição de público-alvo, ao qual o estudo de caso se destina. Seguido pela variedade de composição do estudo, garante maior credibilidade quando é entregue por escrito – fotos e vídeos podem realçar o texto, mas não substituí-lo. Além disso, é importante definir as estruturas para as composições do estudo de caso, fundamentais para a organização estrutural do relatório. Depois, cada pesquisador deve desenvolver procedimentos personalizados de pesquisa, considerando começar o relatório logo no início do processo de análise. Por último, o estudo de caso deve trazer alguma contribuição e ser significativo, apresentar evidências suficientes e válidas, com texto trabalhado e atraente – o estudo de caso está ligado diretamente à vontade

do pesquisador de ir em busca de evidências durante a investigação e de acreditar no seu estudo.

Segundo Duarte (2005b), o estudo de caso tem um traço distintivo intrínseco: a capacidade de compartilhar conhecimentos. O pesquisador deve trabalhar com o pressuposto de que o conhecimento está sempre em construção, deve buscar novas respostas durante a investigação e enfatizar a multiplicidade de dimensões presentes em um acontecimento, estando aberto a relações entre seus componentes. Para a autora, cada fenômeno analisado se refere a uma história diferente: “o que poderia significar uma imperfeição no estudo de caso é o que leva à diferenciação” (DUARTE, 2005b, p. 233). A realidade pode ser vista de diversas perspectivas, dificultando a existência de apenas uma versão dos fatos. Para Duarte (2005b), o método do estudo de caso abre portas para que o pesquisador identifique os vários elementos que constituem a situação e possibilite que os leitores tirem suas próprias conclusões.

Em resumo, o estudo de caso é o método que contribui para a compreensão dos fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais, sociais ou políticos. É o estudo das peculiaridades, das diferenças daquilo que o torna único e por essa mesma razão o distingue ou o aproxima dos demais fenômenos (DUARTE, 2005b, p. 234).

O pesquisador acaba se envolvendo com o estudo e se beneficia com experiências pessoais, compartilhando relações sociais e aplicando técnicas de coleta de dados e agregando conhecimento para sua formação e para sua análise do estudo de caso.

4 ANÁLISE

Esta análise consiste em um estudo sobre o Jornalismo de Aventura presente no livro *Em Busca do Mundo Maia*, série *Viagens Radicais*, autoria de Airton Ortiz, publicado, em 2007, pela Editora Record, em comparação com as teorias de livro-reportagem e livro-reportagem-viagem, a fim de comprovar ou não sua constituição como obra jornalística. O objeto de estudo seguirá a ordem de construção de um livro-reportagem: no primeiro subcapítulo, será analisada a preparação do jornalista para a pauta, a apuração dos fatos, os meios de captação de informações e o papel da entrevista no Jornalismo de Aventura. No segundo, será estudado o trabalho do narrador em primeira pessoa, como ele expressa suas emoções e opiniões e como lida com a aventura. No terceiro, o livro-reportagem em si, analisando o texto e a construção narrativa. E, finalmente, no quarto subcapítulo, como foi trabalhada, jornalisticamente, a resolução do problema inicial proposto pelo livro.

4.1 Livro-reportagem como base ideal para o Jornalismo de Aventura

O livro-reportagem, em especial o livro-reportagem-viagem, é a melhor plataforma para desenvolver o Jornalismo de Aventura, pois as suas liberdades – de tema, abordagem e estrutura – deixam o repórter de aventura à vontade para viver suas experiências radicais. O tema escolhido por Ortiz, no livro *Em Busca do Mundo Maia*, foi a História do Mundo Maia desde os primórdios até o seu colapso. Mas o livro não se trata de uma simples reportagem: o Jornalismo de Aventura exige uma grande entrega do repórter em relação à apuração, observação e experimentação durante a viagem.

O relato é mais profundo, justamente em função das pesquisas e vivências intensas. O esforço físico também está presente, pois a aventura exige isso. Para passar todo o conhecimento adquirido, o jornalista de aventura escreve em primeira pessoa, expondo seus medos, alegrias, frustrações, curiosidades. Na hora de construir o texto, busca elementos que tragam fluidez para a narrativa. Os textos são escritos por meio da linguagem literária e chamam a atenção os toques críticos e humorísticos durante a narrativa.

4.1.1 A preparação do jornalista

A grande dificuldade do jornalista, atualmente, é tempo, como já dizia Olinto (1958). Espremendo ao máximo o tempo dentro das redações, tira-se o que há de mais importante

para a reportagem: a apuração. O jornalista que busca uma boa pesquisa, uma boa preparação e ambientação, com certeza, terá um texto mais completo e sistêmico, facilitando a compreensão e atendendo muito mais as expectativas dos leitores. No livro-reportagem, esse processo é mais completo; suas páginas ampliadas encantam aqueles que ainda acreditam em um jornalismo intenso e aprofundado.

Mesmo propondo uma pauta a partir de uma viagem, o que, geralmente, as pessoas associam às férias e à tranquilidade, o Jornalismo de Aventura não é superficial: abre portas para discutir questões relevantes, principalmente, relacionadas à cultura e à história das mais distintas partes do mundo – aliás, quanto mais distintas, melhor. Airton Ortiz prefere roteiros que não são comuns entre turistas, o que torna essencial o estudo sobre o lugar visitado.

No livro *Em Busca do Mundo Maia*, por exemplo, a pauta escolhida foi, basicamente, a História do Mundo Maia e as prováveis causas do colapso dessa civilização, o que exigiu conhecimentos geográficos e históricos sobre a civilização maia. Em entrevista (APÊNDICE B) concedida em maio de 2015, Airton Ortiz comentou que sua preparação já começou no Brasil, seguindo uma pauta mínima, justamente, para não correr o risco de viajar e passar ao lado de algo que seria importante conhecer. Sua pesquisa básica consistiu em buscas na internet e em livros, tanto históricos, quanto científicos, e começou, aproximadamente, três meses antes da viagem.

No sítio arqueológico de Copán, por exemplo, Ortiz pôde aproveitar muito bem seu tempo em função de já ter feito uma pesquisa prévia: “Minha intenção era visitar as estruturas na ordem cronológica em que foram construídas, algo possível graças a meus mapas detalhados e estudos preliminares feitos ainda no Brasil” (ORTIZ, 2007, p. 93). Por causa das pesquisas preparatórias, Ortiz também se programou para conhecer, pessoalmente, o Museu de Chetumal, no México, segundo ele, um dos mais completos sobre a cultura maia:

Passei a noite em Chetumal e, no dia seguinte, deliciei-me no Museu de la Cultura Maya, o melhor que encontrei nessa expedição. Principal atração na cidade, visitá-lo justifica todos os esforços para chegar na isolada fronteira México Belize, uma das zonas mais primitivas do país. Curiosamente, eu havia começado meus estudos sobre os maias por esse museu, ao consultar suas informações antes de sair do Brasil. Conhecê-lo pessoalmente foi, portanto, um deleite (ORTIZ, 2007, p. 170).

O autor ainda complementou, em seguida, acrescentando a importância de uma pesquisa bem embasada para compor o livro-reportagem:

A importância da visita, no entanto, não se restringiu à apreciação dos objetos expostos. Um museu com um centro de documentação tão qualificado me serviu para uma rigorosa avaliação sobre as pesquisas feitas ao longo da viagem. Muitas informações colhidas pelo caminho precisaram ser descartadas; entravam em total conflito com os estudos realizados pelos técnicos do museu. Outras tantas foram confirmadas. O mais importante, contudo, foi poder adicionar às minhas anotações

preliminares um série de dados levantados durante a expedição, frutos das minhas observações e das entrevistas com as pessoas envolvidas em cada comunidade, o que ajudava a esclarecer um pouco mais o passado dos maias (ORTIZ, 2007, p. 171).

Como visto acima, as pesquisas e as leituras sobre os países continuam, mesmo quando o repórter já está viajando. Em um momento de sossego entre uma aventura e outra, Ortiz conseguiu parar para ler um pouco mais sobre a história do local: “Como não havia mais nada para fazer depois do jantar, voltei para o hotel e aproveitei o descanso para colocar em dia minhas leituras sobre a Guatemala. A história desse povo é uma das mais sofridas do mundo, apenas lê-la já me deixava deprimido” (ORTIZ, 2007, p. 108). Essa frase já foi o suficiente para Ortiz engatar muitas páginas sobre a história da Guatemala, um ótimo gancho que facilita a coesão narrativa.

O Jornalismo de Aventura não exige um roteiro fechado, portanto, o autor escolhe quantos dias vai ficar em cada lugar, dependendo das informações encontradas e do ritmo que der ao trabalho, pode até mudar radicalmente o percurso. Na parte em que descreve os povos nicaraos, o autor deixa claro que já estava há tempos na estrada, o que ele chama de um “aquecimento cultural”:

[...] área que eu estava cruzando nesta expedição, iniciada no Panamá, e que vinha se estendendo preguiçosamente havia semanas. Eu teria muitas dificuldades pela frente, em especial quando entrasse nas selvas para visitar as ruínas das grandes cidades maias, mas por ora estava mais para um turista a passeio do que para um repórter investigativo. [...] Especialmente interessado na tradição maia, a primeira parte da viagem serviu mais como uma espécie de aquecimento cultural, adaptando-me ao ritmo de vida dos habitantes da ponte de terra que ora liga o sul e o norte do continente americano (ORTIZ, 2007, p. 23).

Para se aprofundar na realidade do povo, Ortiz conversa com os habitantes locais sempre na tentativa de descobrir elementos e lugares que são importantes para os nativos da região e não somente para os visitantes. A pesquisa realizada *in loco* possibilita a compreensão do modo de vida dos povos estudados, seus costumes, sua religião, os totens realmente importantes – não apenas exuberantes atrativos turísticos, como explica: “Por isso, além da ampla pesquisa bibliográfica feita antes de começar esta reportagem, quero munir-me também das informações locais, sobretudo as colhidas através das minhas observações” (ORTIZ, 2007, p. 55)..

4.1.2 A apuração

A apuração serve, não só para recolher informações a fim de comprovar os fatos, como também para oferecer embasamento suficiente para uma análise mais aprofundada. No livro *Em Busca do Mundo Maia*, há, basicamente, a pesquisa sobre o povo maia e a busca por informações sistêmicas que possibilitem a comparação entre os povos da antiguidade e o mundo atual. Em um pequeno trecho do diálogo entre Ortiz e Nestor, seu companheiro de viagem, pelo menos durante a travessia entre Nicarágua e Honduras, é possível compreender a necessidade de embasamento histórico para desenvolver uma teoria mais aprofundada sobre o colapso maia, e o quanto esse fato pode estar relacionado ao nosso modo de viver atualmente:

- As intensas pesquisas científicas realizadas nas últimas décadas, especialmente amparadas em modernas técnicas arqueológicas, estão trazendo novas informações sobre o ocorrido na região na época dos maias, porém, ainda existe muita controvérsia sobre o assunto. O certo, sem sombra de dúvidas, é que um colapso ambiental está entre as causas dessa monumental tragédia.
- Um alerta para os dias de hoje – completou Nestor.
- Sim, mas isso não pode ficar só no *achismo*, são necessários dados técnicos precisos para se escrever sobre um tema tão instigante. [...]
- Isso significa que você vai visitar todos esses lugares?
- Pretendo.
- Mesmo as cidades que estão no meio da selva, abandonadas?
- Mesmo essas, pois são as mais interessantes.
- Até nas selvas montanhosas de Chiapas, no México?
- Sim.
- E você vai conseguir licença dos zapatistas para entrar no território controlado por eles?
- Espero que sim, embora eu saiba o quanto isso vai ser difícil e perigoso. Mas faz parte do jornalismo investigativo e eu não abro mão da técnica de visitar pessoalmente os lugares citados em minhas reportagens. Além do mais, já tenho uma boa experiência com esse tipo de dificuldade (ORTIZ, 2007, p. 56).

Com forte teor investigativo, o Jornalismo de Aventura busca sair da mesmice do noticiário de viagem – geralmente, feito a distância, atrás de um computador, por meio de pesquisa básica e entrevistas com viajantes e especialistas – e vai para o mundo atrás de pessoas que contem a sua própria história e que passem o verdadeiro sentimento do lugar. Esse sentimento proporcionado pela viagem transparece no relato do jornalista, que por meio de suas aventuras e emoções, constrói a imagem da localidade visitada. Esse tipo de narrativa busca muito mais a alma humana e o inusitado, do que a informação fria escrita a distância, em uma redação qualquer.

Nesse ponto, entram a coleta de dados e a análise de informações baseadas na observação direta – utilizadas, principalmente, pela Antropologia, mas que trazem uma grande contribuição para o jornalismo. Apesar dos relatos serem mais técnicos e da

preocupação do antropólogo não ser a de transmitir as informações para um leitor, o jornalista faz o que Girardi (2000) chama de um “apressado trabalho de campo”. No Jornalismo de Aventura, especificamente, é importante ir atrás de uma aproximação mais densa e se despir de suas referências para que seja possível escrever sobre a realidade do outro, caso contrário, a leitura feita pode ser equivocada. Uma noção básica desse tema pode ser encontrada nas próprias palavras de Ortiz durante o livro:

O etnocentrismo – a presunção da superioridade cultural européia, sepultado logo após a Segunda Guerra Mundial, ainda prevalece nas cabeças de muita gente; mesmo os modernos universitários reproduzem a superada filosofia do antigo colonizador, menosprezando as culturas nativas. Graças ao belga Claude Lévi-Strauss, criador da moderna antropologia, as teorias evolucionistas do século XIX, segundo as quais as sociedades ditas “primitivas” representavam estágios ultrapassados pela Europa no caminho do progresso, haviam ficado para trás. Para ele, o importante nas sociedades humanas não eram suas diferenças, mas sim suas semelhanças. Ele não se preocupou com as particularidades de cada grupo humano: seu objetivo não era conhecer uma sociedade específica, mas o que havia de universal em todas elas, seu verdadeiro valor (ORTIZ, 2007, p. 84).

O outro ser social é visto com alteridade e para se integrar à realidade do outro é preciso respeitar as diferenças. Na tentativa de romper a barreira do “diferente”, Ortiz chega a um bar em Manágua e cumprimenta a todos com um sonoro *buenas tardes*:

Não falei para ninguém em especial, fiz apenas um cumprimento genérico, como manda o costume local. Todos responderam, também por questão de educação, e continuaram seus afazeres [...] Melhor assim, pensei, talvez me julguem um morador da capital. Passar despercebido numa cidade estrangeira é a melhor das camuflagens, nada mais seguro do que se parecer com alguém da própria comunidade (ORTIZ, 2007, p. 18).

Um simples *buenas tardes* já basta para que um sorriso apareça no rosto das pessoas. Para o autor, o que mais encanta na América Central é justamente a hospitalidade do povo: “Independentemente da posição social, da religião, das origens étnicas ou do local em que vivem, uma característica uniforme na nação é a amabilidade do povo, sempre disposto a uma boa conversa mesmo com o mais arredio dos estrangeiros” (ORTIZ, 2007, p. 122).

É interessante notar o respeito do jornalista para com a cultura alheia, até mesmo em sua forma de vestir. Por mais que estivesse completamente desarrumado, com roupas de andarilho, Ortiz se preocupava com a roupa que usaria para atravessar uma fronteira, ou para conhecer uma cidade mais interiorana, justamente para que o choque cultural não fosse grande. Os guatemaltecos, como o próprio Ortiz (2007) menciona, dão muito valor a boas vestimentas e estão sempre arrumados. Antes de chegar à aldeia de El Florido, Ortiz deu um jeito de colocar roupas mais adequadas para a cidade. Explica: “Troquei a minha bermuda por uma calça comprida, não queria chocar os moradores com minha roupa extravagante. Embora

ela batesse no joelho, esse tipo de vestimenta, para o pessoal da redondeza, deve ficar restrito à praia” (ORTIZ, 2007, p. 106).

Já mais para o final do livro, Ortiz chega a uma pequena cidade, San Juan Chamula, exatamente no dia em que era feito um ritual especial, uma vez por ano, na igreja da cidade. O autor respeitou as ordens de não registrar o momento, e para isso, saía de quando em quando para anotar em um caderninho o que havia visto, respeitando, assim, o ritual e, ao mesmo tempo, coletando as informações: “Como não pude fotografar nem fazer anotações dentro da igreja, eu memorizava as cenas e saía para escrever na praça em frente à capela” (ORTIZ, 2007, p. 195).

A experiência antropológica ajudou Ortiz a compreender os costumes dos maias. Eles, normalmente, não gostam de ser fotografados, e se sentem ameaçados, principalmente, quando os estrangeiros brincam com as crianças, pois “aconteceram casos de estrangeiros, especialmente mulheres brancas, seqüestrarem [sic] garotas para mais tarde contrabandeá-las para o exterior ou retirar seus órgãos para transplantes” (ORTIZ, 2007, p. 204). Em geral, o autor afirma que os maias são pessoas reservadas. “É preciso respeitar essa privacidade. As mulheres, especificamente, preferem evitar o contato com forasteiros. Pela etiqueta local falar com desconhecidos não é algo que uma moça descente deva fazer” (ORTIZ, 2007, p. 204).

Quando os maias se sentem respeitados, eles podem convidar os viajantes até mesmo para frequentar sua casa. Assim, “estabelecido o primeiro contato cordial, eles se tornam atenciosos e dispostos a falar sobre qualquer assunto, quando se pode realmente ingressar no Mundo Maia” (ORTIZ, 2007, p. 205). Em San Lorenzo Zinacantán, Ortiz foi convidado para conhecer a casa de um morador local:

A cozinheira ia preparando as tortilhas num fogão a lenha à medida que comíamos, todos sentados em banquinhos da própria cozinha. Na sala ao lado, em frente a um altar com imagens de santos católicos e oferendas maias, como litros de Coca-Cola e espigas de milho queimado, suas filhas teciam coloridíssimas mantas para vender no mercado em San Cristóbal de las Casas (ORTIZ, 2007, p. 195).

Talvez o mais difícil da observação participante, proposta pelo Jornalismo de Aventura, é manter um olhar que relativiza e, ao mesmo tempo, estranha o que acontece. Sem preconceitos ou deslumbramentos, o olhar estrangeiro, segundo Ortiz (2015), é que vai mostrar as nuances de uma cultura, da qual nem mesmo os nativos do lugar se dão conta. Encontrar o ponto certo nessa linha tênue, entre naturalizar e tratar como exótico, é essencial para uma narrativa cativante e mais próxima da realidade, como é trabalhada no Jornalismo de Aventura.

No quesito “culinária típica da região”, é essencial exercitar a alteridade e o não julgamento da cultura alheia. Uma forma de conhecer o lugar que está sendo visitado, segundo Ortiz, é ir ao mercado público da cidade ou experimentar as comidas de rua. A gastronomia é imprescindível para descrever um povo, por isso, durante as suas viagens, Ortiz experimenta os mais variados sabores da culinária local, sempre na tentativa de se integrar às novas culturas e compreender seus significados. Destaca:

Comida sempre me atrai, onde quer que seja. [...] Viajantes há que gostam de fazer compras, uma forma de interagir com os costumes locais. Os comerciantes são por natureza pessoas loquazes, não se furtam a um bom bate-papo. Nada melhor do que uma bela pechincha para entender o espírito da cidade. Prefiro, no entanto, exercitar essa conversação comprando comida de rua. Ela propicia o mesmo contato e ainda nos dá uma idéia [sic] dos sabores preferidos da população (ORTIZ, 2007, p. 70).

Logo no início da viagem, o autor já se refere ao prato *gallo pinto*, tradicionalmente, consumido como café da manhã na Nicarágua: um grande prato de arroz, misturado com feijão e ovos mexidos, plátano (um tipo de banana verde cozida) e café com leite. Além de experimentar, busca explicar as origens daquele alimento e suas formas de consumo:

Trata-se da comida mais barata do país, largamente consumida pelos nicas mais pobres, principalmente nas pequenas comunidades do interior. [...] Em razão do preço popular, o *gallo pinto* também é amplamente requisitado pelos mochileiros estrangeiros, tanto no almoço, quanto no jantar. Em alguns lugares, em vez dos tradicionais ovos de galinha, oferecem *huevos de paslama* (ovos de tartaruga). Por se tratar de um animal em extinção, a iguaria costuma ser rejeitada pelos visitantes, seu consumo resumindo-se aos moradores locais (ORTIZ, 2007, p. 46).

Na Guatemala, os sabores eram muito parecidos: arroz, feijão, carne e salada, acrescidos de queijo e tortilhas. A descrição de Ortiz sobre os pratos e a bebida típica fica ainda mais interessante, pois o autor relaciona a comida aos antigos reis maias. Ao experimentar o *licuado*, uma batida de cacau, conta que as sementes de cacau eram moeda de troca no Mundo Maia e a polpa abastecia os reis, nobres e sacerdotes: “Tomar uma batida de cacau no jantar me deixava mais próximo à realeza maia” (ORTIZ, 2007, p. 108).

No interior do país, Ortiz teve a oportunidade de conhecer ainda mais sobre os maias. Como de costume, o autor buscou a essência da cultura em um grande mercado de uma cidadezinha mexicana:

No mercado público, outro lugar onde costumo encontrar a alma da cidade, descobrindo um pouco mais das tradições do seu povo, em especial seus cheiros e sabores, costumava comer ótimos tacos, uma tortilha de milho enrolada e recheada com feijão, queijo e carne, tudo muito bem temperado, como manda a tradicional cozinha mexicana. Deliciava-me também com o tradicional *guacamole*, uma salada espessa de abacate com cebola, pimenta, limão e tomate (ORTIZ, 2007, p. 177).

No Mercado de San Cristóbal de las Casas, aproveitou para passear e desfrutar dos quitutes e da diversidade cultural presente naquele ambiente.

O Mercado Municipal, centro de abastecimento da cidade, ocupa todo um quarteirão, onde pude degustar maravilhosos doces da culinária local. Mulheres das aldeias próximas, com seus trajes típicos, tomavam as estreitas ruas do centro vendendo roupas e artesanato, em especial ao redor da igreja de São Domingo, onde se misturavam hippies de todas as partes do mundo, dando um colorido especial às frias manhãs. Enquanto vasculhava as tendas, podia ouvir uma penca de línguas, dos dialetos *tzotzil* ao *tzeltal* passando pelo espanhol, inglês e japonês (ORTIZ, 2007, p. 189).

À noite, a fim de ter uma experiência interessante na noite mexicana, Ortiz se aventurou na *marguerita*, famoso *drink* da região, feito com tequila. A experiência maior foi no outro dia, quando precisou procurar a medicina maia para curar sua dor de cabeça. Conta:

Amanheci com uma dor de cabeça além do suportável. Pergunta daqui, pergunta dali, fui até o centro da Medicina Maia, instituição administrada pela Organização dos Médicos Indígenas do Estado de Chiapas, especializada no tratamento das doenças a partir dos conhecimentos da medicina tradicional maia. Diagnosticado, disseram-me que precisavam tratar-me o espírito e o corpo, então começamos pelo espírito. Benzido por um xamã em frente a um altar com imagens de santos católicos, [...] fui enviado à farmácia, nos fundos do complexo de pequenos prédios. O farmacêutico, depois de ouvir minhas queixas, me receitou um chá (ORTIZ, 2007, p. 190).

Passadas as ressacas, o jornalista de aventura está sempre pronto para passear pelas ruas das cidades, sempre aberto a novas descobertas. Muito observador, percebe os trajes típicos, as comidas típicas, a forma como o povo se organiza. Mas não apenas isso: o jornalista observa e, também, interage. É, ao mesmo tempo, observador e participante daquela realidade, o que lembra muito o Jornalismo *Flâneur* – apesar dessa linguagem se relacionar mais com a crônica, do que propriamente com a reportagem, a apuração *flâneur* é utilizada no Jornalismo de Aventura. Mesmo não sendo essencial, conforme descreve Ortiz (2015), o ato de flanar está descrito em algumas passagens do livro, quando o autor sai pelas cidades caminhando, à procura de nada e, ao mesmo tempo, aberto para quaisquer diálogos e novidades:

Dada a espontaneidade de seus moradores, precisei de poucas horas para descobrir que ela¹⁸ compensa seus poucos atrativos naturais com a hospitalidade de sua gente. [...] Voltei na manhã seguinte, uma caminhada e tanto. Pelo menos estava conhecendo a cidade em seus detalhes, suas ruas, seu comércio, e, em especial, seus moradores (ORTIZ, 2007, p. 66).

Assuntos interessantes podem surgir, nas ruas, e o repórter de aventura deve estar atento a isso. Um pequeno diálogo pode render uma história interessante ou, quem sabe, divertida, como aconteceu com Ortiz nas ruas de Tegucigalpa: “Às vezes, eu explicava que

¹⁸ Ortiz refere-se à cidade de Tegucigalpa.

era brasileiro, [...] nesses casos, eles desandavam a falar de futebol, a Copa do Mundo se aproximava, torceriam fanaticamente pelo Brasil, e ninguém saía do lugar. ‘O Ronaldinho Gaúcho vai jogar o Mundial?’ era sempre a primeira pergunta.” (ORTIZ, 2007, 67).

A grande diferença do *flâneur* é que no Jornalismo de Aventura, o repórter se expõe a uma realidade e faz parte da história que está descrevendo, não apenas observa-a. Reflete: “É por isso que eu gosto de cidades pequenas. Além de eu as considerar mais bonitas, tem-se mais oportunidades de contato direto e mais profundo com seus moradores, meu verdadeiro interesse quando visito o país – apenas paisagens não dizem nada” (ORTIZ, 2015, p. 17).

4.1.3 As entrevistas

As entrevistas também fazem parte da apuração. Diálogos corriqueiros aparecem constantemente durante o livro e ajudam o autor a mostrar as situações ocorridas com as próprias palavras das pessoas com quem ele conversa. Esses pequenos diálogos abertos não são entrevistas em si, mas ajudam Ortiz a construir sua narrativa e guarnecê-la de informações. Também chamado de diálogo interativo, essa forma de entrevista deixa o entrevistado mais à vontade e se empenha em descobrir o universo do ser humano.

Há momentos em que o diálogo, durante o texto, consegue explicar o que um parágrafo de texto não conseguiria, e a liberdade de fontes, amplamente utilizada por Ortiz, traz fluidez para o texto e coloca os próprios moradores do país como testemunhas dos processos históricos. No trecho abaixo, retirado do livro, o autor se utiliza de dois depoimentos – um, de um jovem de León, cidade com tradição mais intelectual e a favor da revolução, e outro, de um morador de Granada, a cidade mais rica e mais conservadora – para deixar claros os contrastes políticos herdados desde a Revolução Sandinista:

- A revolução melhorou em muito a infra-estrutura [sic] do país – ouvi de um jovem em León.
- Os sandinistas se deixaram contaminar pela corrupção que tradicionalmente se instaura em regimes antidemocráticos – disse-me um comerciante em Granada (ORTIZ, 2007, p. 32).

No Jornalismo de Aventura, o autor prefere não se identificar como jornalista, pois quando as pessoas não sabem que estão sendo entrevistadas, são mais verdadeiras em suas respostas: “Eu quero buscar nas pessoas a essência delas, e não o que elas querem me contar” (ANEXO B). Apesar do impasse ético, Ortiz garante que não publica o nome verdadeiro das pessoas, a fim de proteger suas identidades. No trecho acima, é possível notar que os

personagens não foram identificados: a entrevista pode ter sido com qualquer jovem de León, assim como pode ter sido qualquer comerciante de Granada.

Durante o livro, o autor se utiliza muito dessa generalização para não atingir as pessoas com quem faz uma pequena entrevista – é comum se referir a “uma jovem européia [sic]”, “um gringo”, “uma senhora”, “um velho maia”, expressões que representam um povo e ajudam o leitor a criar uma imagem das pessoas que ele encontra durante a viagem. Certa noite, em um albergue, o autor conheceu até mesmo um “sujeito tão anacrônico quanto bizarro” (ORTIZ, 2007, p. 69), nunca identificado, mas que rendeu divertidas histórias durante o livro.

As situações de diálogo acontecem sempre com os jornalistas de aventura, principalmente, por estarem sempre abertos a isso. Uma senhora guatemalteca, identificada por Ortiz como dona Maria, começou a conversar com ele, em um ônibus, e foi contando a sua vida. O encontro rendeu um relato muito interessante sobre a vida na Guatemala e em Belize:

Embarquei em um velho ônibus na estação rodoviária de Belize e segui pela Northern Highway em direção à Orange Walk. A meu lado, uma simpática senhora puxou assunto.

– Usted habla español?

– Sim.

Dona Maria pretendia visitar um parente no interior, aproveitaria o domingo para reencontrar alguns familiares que também moravam em Belize.

– Saí da Guatemala fugindo da guerra civil – ela me contou, feliz por encontrar alguém interessado na sua história.

– Belize é mais seguro?

– Com relação à guerra sim, embora aqui existam tantos crimes quanto na Guatemala.

– Sente saudade do seu país?

– Sinto, mas aqui é melhor para viver (ORTIZ, 2007, p. 157).

À noite, em um momento de descanso em um bar, Ortiz conheceu outra pessoa que imigrou para Belize na tentativa de uma vida melhor. Mais uma vez, o autor se aproximou e começou a conversar sobre a vida:

Como sempre, puxei conversa.

– Boa jogada – comentei com o senhor do meu lado, referindo-me à tacada de um jovem jogador.

– ¿Hablas español? – Admirou-se ele.

– Sim.

– Que bom – ele exclamou. – Os gringos que passam por aqui dificilmente falam espanhol.

[...]

Seu José Xavier era mexicano, havia migrado para Belize fugindo da guerra em seu país.

[...]

– Foi há muito tempo. Quando cheguei aqui, não havia estrada, nem automóvel. Agora temos todo este progresso, o senhor deve ter visto. Até luz elétrica.

- Naquela época era melhor? – perguntei, mais para dar corda nele; queria ouvi-lo falar, embora já imaginasse a resposta.
- Muito melhor, meu filho. Muito melhor! Não havia toda essa violência.
- Pensa em algum dia regressar ao México?
- Não! Que isso! Minha terra agora é Belize (ORTIZ, 2007, p. 161).

Sugerindo ao leitor que a conversa continuou, e demonstrando sua curiosidade jornalística e pessoal pelo depoimento do senhor, Ortiz acrescenta: “Ficamos conversando, ele feliz em me contar sua vida e eu ávido em escutá-lo” (ORTIZ, 2007, p. 162).

4.2 O narrador

O ponto mais característico do Jornalismo de Aventura é o narrador. Diferente de todas as formas de se fazer jornalismo, se caracteriza por ser feita, majoritariamente, em primeira pessoa, ou seja, faz uso do narrador-protagonista ou narrador-personagem. Nesse gênero, o escritor não só guia o olhar do leitor, como também suas emoções, trazendo-o para mais perto da realidade que descreve e das aventuras que vive, enriquecendo a história. Não há neutralidade ou imparcialidade; a captação do real é determinada por fatores pessoais, pois o narrador participa, descreve suas emoções, suas dores, suas angústias; por buscar a reação, os pensamentos mais profundos e os sentimentos das pessoas, narrador e personagem mostram suas fragilidades.

Ortiz, como jornalista de aventura, se preocupa em descrever muito bem a cidade, quando chega e quando se despede dos lugares visitados, sempre deixando claros os seus sentimentos em relação ao tempo em que ficou no país. Em sua passagem pela Nicarágua, se referindo à dona do *hostel* onde se hospedou, comenta: “Ela e todas as pessoas que encontrei haviam sido gentis e prestativas durante meus poucos dias em Manágua.” Complementa ainda, externalizando seu sentimento de insegurança em relação à cidade: “Mesmo assim, quando pisei no escritório da empresa¹⁹ senti um certo alívio, embora essa seja uma situação comum pra mim. Por algum motivo estranho, senti muito medo nas ruas de Manágua” (ORTIZ, 2007, p. 43)

Logo no início do livro, Ortiz acompanha uma situação constrangedora em Manágua: uma jovem europeia esquece sua bolsa dentro do táxi e fica muito nervosa, pois não acredita que o taxista seria capaz de devolver seus pertences. Em pensamento, Ortiz deixa transparecer sua indignação em relação ao preconceito que os latino-americanos sofrem: “fico indignado quando me imputam todo tipo de desconfiança apenas por morar no lado de baixo do

¹⁹ Nesse ponto, Ortiz refere-se a uma empresa de transporte.

Equador.” E complementa com uma ironia: “Onde, ao contrário da música, também existe pecado” (ORTIZ, 2007, p. 19).

Por vezes, o autor divide a narrativa com algum personagem ou narra a história com muitas inserções de diálogos. Esse é o caso de Nestor, um antropólogo que se sentou ao lado de Ortiz na viagem de Nicarágua até Honduras. Nestor e Ortiz compartilham seus conhecimentos sobre os povos da América Central. Nesse momento do livro-reportagem, o local de palavra passa a ser do novo personagem: “Nas proximidades da lagoa Tecomapa ainda existem as ruínas de um importante centro cerimonial dedicado a Cihua Coalt (Mulher Serpente), a deusa da Terra e da Humanidade – explicou-me Nestor” (ORTIZ, 2007, p. 44).

Para narrar o momento em que ele e Nestor atravessaram a fronteira entre Nicarágua e Honduras, Ortiz preferiu desenvolver o texto em forma de diálogo, na tentativa de recuperar cada fala da polícia e enfatizar o momento de tensão pelo qual passou:

- Carrega dinheiro? – perguntou o primeiro policial.
 - Sim, umas poucas notas para alguma emergência, prefiro sacar dinheiro diretamente nos países visitados – expliquei.
 - Onde carrega dinheiro? – ele insistiu.
 - Algumas notas na mochila, algumas notas nos bolsos da camisa, algumas notas nos bolsos das calças... Por aí.
 - Podemos ver? – perguntou o segundo policial.
 - Sim – respondi, e fui mostrando, um pouco constrangido, um punhado de dólares.
 - Tem muito dinheiro – disse o policial.
 - Não é muito, não – falei com toda calma. – Distribuindo assim, caso eu seja assaltado, não me levam tudo. São muitas notas, mas todas de pequeno valor.
 - Se está sobrando dinheiro – disse o segundo policial –, pode deixar um pouco conosco.
 - Não! Não está sobrando! – falei, quase ríspido. Sei lidar com essa gente. Ou, pelo menos, imagino que sim.
- O segundo policial ainda voltou a perguntar se eu tinha mais dinheiro, ao qual eu respondi com o mesmo tom de voz:
- Não! (ORTIZ, 20017, p. 47).

Enquanto descreve a situação, o autor intercala suas falas com trechos que expressam seus sentimentos e pensamentos durante o interrogatório, deixando claro ao leitor que foi um momento marcante da viagem, pois foi quase extorquido pela polícia hondurenha.

Assim como há momentos de tensão no Jornalismo de Aventura, há muita descontração. Para levar a narrativa de forma leve, o autor utiliza recursos como a ironia e a comédia. Antes de sair da Nicarágua, Ortiz comprou uma garrafa de rum *Flor de Caña*, um dos mais caros e melhores rums do país. Conversando com Nestor, o seu companheiro de viagem, pelo menos no curto trajeto entre Nicarágua e Honduras, o autor põe na roda sua garrafa novinha de rum e, de gole em gole, Ortiz vê sua preciosa *Flor de Caña* sete anos, envelhecida em barril de carvalho, cara como só ela, indo até quase acabar. “Tomou e me devolveu a garrafa, ainda pensativo. Por um tempo fiquei com ela na mão, olhando o tamanho

do meu prejuízo. *Flor de Caña* sete anos. O castelhano era bom de goela, dava pra notar. Estava com sede o maldito” (ORTIZ, 20017, p. 55). Chegando a Tegucigalpa, capital de Honduras, Airton Ortiz ainda lamenta a perda de seu rum: “Havia levantado muito cedo, o argentino tomara quase todo o meu rum, meu humor em nada contribuía para amenizar o impacto da triste realidade. [...] Fazia muito calor, a atmosfera estava úmida e densa, eu realmente estava muito cansado. Pior: meu rum estava no final” (ORTIZ, 2007, p. 60).

Além do rum, outro conflito se instalou: Ortiz ficou sem dinheiro em função de problemas com a aceitação do seu cartão de crédito. Para expressar seus sentimentos, usou de metáfora, deixando transparecer sua impotência diante dos fatos: “um cachorro que leva um pontapé e sai com o rabo entre as pernas, essa foi a imagem que me veio à mente. Feito um cão sem dono, sentei-me em frente à enorme estátua eqüestre [sic] do general Francisco Marazán” (ORTIZ, 2007, p. 74).

Mais tarde, na cidade Copán, depois de muitos dias sem dinheiro e passando “a pão e água, muito mais água do que pão” (ORTIZ, 2007, p. 81), o autor exagerou em uma das refeições e passou muito mal do fígado. Ortiz comenta, no livro, que chegou a acordar de madrugada com muita dor. Conforme a história segue, ainda em Copán, o autor se recuperou e teve boas surpresas no seu primeiro dia de exploração das ruínas. Relata:

Enfiar-me pelos bosques, observar a flora e parte da fauna do tempo dos maias em meio ao silêncio e à solidão do passado justificariam todo o estresse dos últimos dias. Não dava para negar, eu estava feliz; e não era só por estar com os bolsos cheios de dinheiro (ORTIZ, 2007, p. 94).

Chegando à Guatemala, Ortiz travou um pequeno diálogo com um velho senhor, a fim de conseguir informações sobre trajetos de ônibus. Mas, além da informação, o autor deixou transparecer sua emoção ao refletir sobre a realidade desse senhor, e acrescentou uma pitada de esperança em sua narrativa:

– O senhor sabe se de lá partem ônibus regulares para Rio Hondo?
 – O senhor pode viajar a qualquer lugar do mundo de ônibus – ele disse.
 Era verdade, isso eu sabia havia tempos. Mas eu não desejava viajar a qualquer lugar do mundo; queria apenas ir até Rio Hondo.
 – De El Florido saem ônibus para Rio Hondo?
 – Claro – ele respondeu com certo ar de impaciência. – De El Florido saem ônibus para qualquer lugar do mundo.
 El Florido, que para muita gente é o fim do mundo, para esse velho maia é o centro, de onde partem ônibus para todas as periferias. Sem dúvida, ele mantinha um certo orgulho de viver na região, e isso me comoveu. Nem tudo estava perdido no Mundo Maia (ORTIZ, 2007, p. 105).

Essa esperança do velho senhor maia emociona não só o autor, mas os leitores da reportagem de aventura. A forma como Ortiz narra sua mudança durante a viagem fica clara,

especialmente, quando demonstra seu carinho pelas cidades interioranas e seus moradores, que, do ponto de vista dele, são mais puros e respeitam com mais afinco as tradições:

Passamos por Rio Dulce, às margens do lago de Izabal, e continuamos nossa longa jornada pelas planícies maias. Aos poucos eu estava penetrando no coração do antigo império e uma agradável sensação de paz me envolvia. Intuí, sem entender bem o motivo, que ao me afastar das grandes cidades e mergulhar naquelas selvas intermináveis poderia sentir com mais intensidade os fluidos dessa milenar cultura. [...] Essas riquezas naturais, unidas aos mistérios da antiga civilização, nos dão a sensação de estarmos viajando por uma região encantada (ORTIZ, 2007, p. 123).

A ansiedade por conhecer as ruínas está registrada também na ida de Airton Ortiz para Tikal, um dos mais famosos sítios arqueológicos maias: “Estava ansioso para embrenhar-me logo nesse paraíso e a recepção não foi menos calorosa” (ORTIZ, 2007, p. 128). A sensação do autor é passada com exatidão; é possível ver sua felicidade ao pisar nesse território maia e sentir a selva pura que cercava o sítio arqueológico. Ortiz pôde aproveitar com tranquilidade o lugar:

Às vezes eu caminhava sobre o que restara das antigas calçadas feitas para ligar templos, importante para as cerimônias religiosas e para as práticas astronômicas dos sacerdotes. Outras vezes, era selva pura. O penetrante aroma da terra úmida e da sua vegetação, a tranquilidade [sic] do ambiente e o som emitido pelos animais dão a Tikal uma característica que eu ainda não havia encontrado em outros sítios arqueológicos (ORTIZ, 2007, p. 132).

Em certos momentos, Ortiz também revela seus pensamentos e devaneios a respeito dos maias. Em um dos trajetos que percorreu de ônibus, a estrada chamou sua atenção e desencadeou uma série de pensamentos sobre a vida nessa antiga civilização: “Deveria ter sido difícil nessa região, embora fosse exatamente por causa de sua acidentada topografia que eles mantinham suas características culturais até os dias atuais” (ORTIZ, 2007, p. 202). Ao mesmo tempo, o autor se mostrou impressionado com o visual entre as montanhas: “Eu estava embasbacado com tamanha beleza, mas meus amigos dentro do ônibus se mostravam mais preocupados em acompanhar o ritmo de uma salsa saindo em altos brados do velho e empoeirado alto-falante” (ORTIZ, 2007, p. 202).

4.2.1 *A aventura*

No *Em Busca do Mundo Maia*, Ortiz não encontrou muitos riscos pelo caminho: os trechos de aventura foram mais leves em comparação a outros livros da coleção *Viagens Radicais*. De qualquer forma, pode-se considerar que estar em um país tão diferente, culturalmente, já é aventurar-se. A aventura proporcionada pelo esforço físico ao driblar barreiras naturais em caminhadas ou praticando escaladas em lugares arriscados – aqueles de

sentir frio na barriga – se apresentam de forma mais pontual no livro, especificamente, a partir da passagem do autor pela Guatemala.

Ortiz (2007) relata:

É possível percorrer o sítio arqueológico em um único dia, desde que se esteja disposto a caminhar de sol a sol, além de subir centenas de degraus para saborear as vistas deslumbrantes desde o topo de seus mais altos templos. Como muitas escadarias são escorregadias, algumas cobertas por musgos, a possibilidade de resvalar e despencar pirâmide abaixo faz do cansaço um ingrediente a mais na adrenalina do lugar (ORTIZ, 2007, p. 129).

Os grandes templos não são fáceis de serem escalados. Com 32 metros de altura e base de 80 metros, as grandes estruturas surpreenderam Ortiz: “Pude subir por seus degraus, atualmente desgastados pelo tempo e cobertos por uma camada de limo escorregadio. O perigo foi recompensado pela agradável sensação de estar num dos lugares mais antigos do Novo Mundo” (ORTIZ, 2007, p. 133). Depois de uma hora de subida até o templo IV, maior templo desse sítio arqueológico, o autor ficou impressionado com a vista do lugar: “Todas as cúpulas dos altíssimos templos vistos por sobre a copa da grande floresta, exatamente como aparece no filme *Guerra nas Estrelas*. Senti-me como se estivesse ao lado de Han Solo, copilotoando sua velha nave espacial” (ORTIZ, 2007, p. 134).

Em Orange Walk, Ortiz estava em busca dos vestígios maias mais antigos, que datavam mil anos antes de Cristo. Mas, para visitá-las, era necessário entrar em um local proibido. O jornalista de aventura conseguiu a chegar até lá e descreveu sua emoção ao ver tais estruturas milenares.

As ruínas ficavam nas terras de uma destilaria de álcool, sendo necessária uma licença para entrar na propriedade. Estava fechada, não encontrei vivalma nas redondezas do prédio, me decidindo a seguir em frente sem a tal autorização. Cruzei um canavial e saí no local desejado apenas para constatar que pouco havia para ver além de algumas pedras no chão e uma pequena pirâmide. Mas valeu pela curiosa sensação de estar pisando num dos lugares mais antigos da História humana (ORTIZ, 2007, p. 160).

O momento mais esperado de Ortiz era sua visita ao Cerro Pascual Abraj, o lugar mais sagrado do atual Mundo Maia. Ortiz apostou em ir desacompanhado, apesar dos alertas sobre os perigos que corria estando sozinho no monte. Com água, comida e um chapéu, seguiu rumo ao cerro e começou sua peregrinação.

Desci ao fundo do vale, cruzei entre algumas *morerías* e subi pelo outro lado, uma encosta tão íngreme que o caminho levando ao cume do cerro seguia em ziguezague para tornar a subida menos dramática. Em alguns lugares o chão de terra desmoronava, obrigando-me a testar a solidez do solo antes de apoiar o pé e largar todo o peso do corpo. Imaginei que o próprio desafio fazia parte das penitências pagas para ter acesso ao santuário. [...] Avancei lentamente, nada de esforço extra capaz de me deixar extenuado. Segui prestando atenção aos movimentos ao longo da

trilha, mas não me pareceu que alguém mais estivesse pelas redondezas (ORTIZ, 2007, p. 209).

A descrição de seus esforços é bem desenvolvida, de forma que o leitor percorre o caminho junto com o autor, sendo possível até mesmo sentir o cansaço provocado por essa longa caminhada. O esforço físico de Ortiz e seus sentimentos se tornaram evidentes na narrativa de aventura.

Após um bom esforço cheguei ao alto da montanha, no lado sul da cidade, onde havia uma clareira na mata, local do santuário Pascual Abraj (Pedra do Sacrificio). Deus, não sei se o dos maias ou o meu, atendeu às minhas preces: fiquei sozinho no local. Plasticamente falando, o lugar nada tem de especial. Apenas chão coberto de fuligem, um pequeno e baixo altar e no meio uma imagem de pedra negra rodeada de oferendas e coberta de sebo de vela (ORTIZ, 2007, p. 209).

Ortiz explicou que, nesse local, os reis praticavam, frequentemente, rituais de sangrias, como oferendas aos deuses, pedindo, principalmente, fertilidade para a terra. Em uma das passagens mais emblemáticas do livro, o autor demonstra seu envolvimento com a cultura maia, sua espiritualidade e sua crença na natureza:

Ao contrário do que os reis como Dezoito Coelhos, Ah Cacau ou Pakal devem ter feito, não usei uma espinha de peixe para fazer meu sangue escorrer para sensibilizar os deuses para os problemas da terra. Uma simples picada com meu canivete suíço serviu para uma gota de sangue pingar junto a Huyup Tak'ah, escorrendo pelo solo sagrado do Mundo Maia e fertilizando não apenas o inframundo, mas as esperanças de meu próprio mundo (ORTIZ, 2007, p. 210).

4.2.2 *Opinião e crítica*

O narrador do Jornalismo de Aventura está disposto a abrir seus relatos pessoais, expor seus sentimentos e suas opiniões. Por isso, o livro-reportagem também se caracteriza por ser um espaço de crítica. Um bom repórter de aventura não fica limitado a escrever apenas sobre o que leu, mas sim, sobre o que vivenciou: há uma força muito maior na narrativa, pois ela traz consigo elementos da convivência com os povos. Essa liberdade temática e de posicionamento permite que a reportagem se desenvolva a partir de alguns temas que não são tratados com grande frequência pela grande imprensa.

No livro-reportagem, a opinião do autor pode ser exposta independentemente de agradar, ou não, a grande mídia. Ortiz descreve, por exemplo, que ao chegar ao *hostel*, em Manágua, se deparou com uma novela brasileira passando na televisão. Ao invés de assistir com os colegas de albergue as notícias aterrorizantes sobre a capital da Nicarágua, Ortiz trocou de canal e deixou em uma novela brasileira para “relaxar”, atitude que, por meio de

uma fina ironia, crítica em seguida: “Nada melhor do que a indústria cultural brasileira para nos arrancar da crua realidade e nos jogar num mundo fantasioso, em que todos os sonhos são possíveis” (ORTIZ, 2007, p. 16). Essa passagem do livro, além de mostrar que os nicaraguenses assistem a novelas brasileiras, o que é uma curiosidade, mostra também a semelhança entre os países em relação à fórmula de programação utilizada pela grande mídia: notícias aterradoras versus um mundo maravilhoso das novelas.

O repórter, no Jornalismo de Aventura, segundo Airton Ortiz (ANEXO B), não tem como ser imparcial, pois lida com informações que passam por suas experiências de mundo e pelo seu ponto de vista. A crítica do autor mostra seus ideais políticos e sua visão sobre a história da América ontem e hoje. No trecho seguinte, o autor comparou o passado e o presente maias:

Os *quiché*, isolados, embora tivessem lutado bravamente não resistiram aos exércitos espanhóis acrescidos de indígenas incorporados no México e dos próprios povos maias rivais. Tratava-se de uma força multinacional, e, como hoje, o povo local logo se deu conta do tamanho da desgraça a ser enfrentada. Por mais corajosa que seja uma população, não é páreo para exércitos profissionais, mercenários que matam, e morrem, por dinheiro (ORTIZ, 2007, p. 109).

E prosseguiu na página seguinte:

O bárbaro espanhol²⁰ percorreu toda a Guatemala em busca de fama e fortuna, assassinando pelo caminho os nativos que lhe oferecessem alguma forma de resistência. Armados com a nova tecnologia militar trazida da Europa, acrescida de suas doenças tradicionais, eles espalharam chumbo e germes por onde passavam, o maior flagelo que já assolou a América Central, só comparado às invasões dos Estados Unidos nos anos mais recentes (ORTIZ, 2007, p. 110).

Para fins de ambientação, Ortiz escreve a história de Honduras. Nesse breve parágrafo introdutório, é possível perceber o posicionamento do autor sobre os fatos ocorridos no país e, como o Jornalismo de Aventura permite, o autor expressou sua livre opinião sobre a exploração norte-americana na América Central:

Desde o apoio ao aventureiro William Walker, até o patrocínio dos Contras na Nicarágua, passando pela presença dos fuzileiros navais para proteger as grandes empresas bananeiras norte-americanas, Washington tem dado as cartas em Honduras. [...] A política passou a ser apenas um brinquedo para defender os investimentos dos empresários norte-americanos. [...] Durante muitos anos foi mais fácil comprar um fuzil de fabricação norte-americana, juntar-se a um grupo paramilitar nas montanhas e ser mantido pelo dinheiro das empresas multinacionais do que conseguir um emprego com carteira assinada em Tegucigalpa (ORTIZ, 2007, p. 59).

²⁰ Ortiz refere-se ao explorador espanhol Pedro Alvarado.

Já na Guatemala, Ortiz expôs o quanto o regime ditatorial, implantado entre 1898 e 1920, impulsionou a entrada de multinacionais no país e, ainda por cima, forçou o cultivo de uma fruta que não era nativa da região.

Em 1870, no primeiro ano em que os Estados Unidos importaram bananas na Guatemala, a maioria dos norte-americanos ainda não conhecia essa fruta. Menos de 20 anos depois, eles consumiam 16 milhões de cachos por ano. Em 1901, favorecida pelo presidente Estrada Cabreira, a empresa norte-americana United Fruit Company se instalou na Guatemala, moldando a vida econômica e política do país por mais de meio século e impedindo, com seu enorme poder, o avanço democrático na região (ORTIZ, 2007, p. 113).

Sobre o narcotráfico, Ortiz comparou a situação da delinquência nas sociedades guatemalteca e brasileira: “desde o motorista de ônibus da Cidade da Guatemala, que precisa pagar pedágio às gangues urbanas a título de proteção, até juízes [...], jornalistas e ecologistas que recebem ameaça de morte sempre que suas ações dificultam a vida da elite corrupta que governa o país” (ORTIZ, 2007, p. 121).

O posicionamento aparece em grande parte do livro – gesto espontâneo do narrador em primeira pessoa. Ao conversar com um jovem europeu, Ortiz ficou sabendo que muitos jovens viajam para a América Central a fim de realizar trabalho voluntário, na tentativa de ajudar a população que trabalha nas lavouras: “Se essas ONGs instruísem seus exércitos juvenis a pressionar os governos a acabar com os subsídios agrícolas, metade do mundo sairia da miséria” (ORTIZ, 2007, p. 85).

4.3 A construção do livro-reportagem

A construção textual tem um dever e tanto: unir a preparação, a apuração, as vivências e o estilo narrador-personagem do jornalista de aventura, transmitindo de forma coesa todas as experiências do repórter. Para Airton Ortiz (2015), o que torna isso possível é a linguagem literária, mais sofisticada, que se preocupa com a construção e forma do texto. No Jornalismo de Aventura, o que importa é a compreensão do fato, não o fato em si. Para isso, o papel extensor do livro-reportagem vai além do factual e destrincha, no livro *Em Busca do Mundo Maia* – por meio de diferentes inserções no texto, como diálogos e tramas paralelas –, grande parte da história do povo maia, dos primórdios até o colapso dessa grande civilização.

É difícil demarcar a fronteira entre jornalismo e literatura no Jornalismo de Aventura. Responsável pela leveza do produto final, a literatura anda lado a lado com o conteúdo jornalístico, sempre respeitando os recursos de verossimilhança e contemporaneidade, tornando a narrativa mais clara e de fácil acesso aos leitores. Portanto, o livro-reportagem

estudado está embebido de linguagem literária. A análise, a seguir, se limita a apresentar apenas algumas amostras desse tipo de linguagem.

Ao longo de todo livro, a cada cidade nova apresentada ao leitor, Ortiz faz um relato minucioso sobre as características climáticas, urbanas, sociais, econômicas e históricas do local: uma exposição leve e que expressa os sentimentos do autor, mas sempre preocupada com o conteúdo jornalístico. No início do livro, já foi possível perceber o envolvimento dele com a cidade de Manágua:

Manágua está a 50 metros de altitude, sua temperatura média diária dificilmente baixa dos 30°C. Quando cheguei fazia um calor terrível, a chuva no meio da tarde servira apenas para deixar o clima mais desagradável, úmido e sufocante. Engrossada pela fuligem dos escapamentos dos carros, movidos por motores desregulados (ORTIZ, 2007, p. 13).

Mais adiante, Ortiz apresentou a situação econômica da Nicarágua:

Passamos pelo Estádio Nacional e entramos no subúrbio, cada esquina nos levando para lugares mais miseráveis. Segunda economia mais pobre do hemisfério ocidental, à frente apenas do Haiti, e com 70 por cento da população vivendo abaixo da linha da pobreza, não admira que a Nicarágua, embora seja o maior país da América Central e um dos mais bonitos do mundo, tenha substituído a violência política pela insegurança nas ruas (ORTIZ, 2007, p. 27).

Já em Tegucigalpa, o autor comentou, com uma dose de humor, o estado dos automóveis utilizados pelos hondurenhos:

Tegucigalpa é barulhenta, agitada e com frequência [sic] encontra-se envolta numa nuvem de poluição, especialmente a fumaça emitida por seus veículos, máquinas velhas em constante conflito com as íngremes ladeiras de sua acidentada topografia. Vistos de longe, os carros ainda se parecem com o que costumamos chamar de automóveis; vistos de perto, ficamos intrigados como eles ainda se movimentam por suas próprias forças. [...] Localizada em uma bacia rodeada por um anel de altas montanhas, morros cobertos de pinheiros e favelas, passa-nos a sensação de que seu povo, pouco mais de um milhão de habitantes, vive espremido naquele pouco espaço (ORTIZ, 2007, p. 65).

Sobre a cidade de Copán, Ortiz fez um relato mais pético, a fim de transmitir a aura tranquila do local, como se sentisse a proximidade cada vez maior dos vestígios maias mais importantes:

O dia foi minguando, a luz solar se esvaindo, a claridade ficando cada vez mais tênue. Logo escureceu e fomos abraçados pela noite, a mesma que fazia os maias se recolherem às suas casas esperando por um futuro melhor. Um futuro prodigamente anunciado pelos oráculos, mas que se recusava a se tornar presente. Assim foi, por séculos, até tudo, e todos, serem engolidos por seus desatinos, soterrados pela selva, da mais humilde choupana ao mais alto dos templos (ORTIZ, 2007, p. 79).

Em uma das últimas cidades que visita, Ortiz, feliz por conhecer um dos vilarejos que mais representa a cultura maia, a apresentou com carinho:

Chichi, como a cidadezinha é chamada pelos locais, é um dos lugares mais extraordinários do que sobrou da grande cultura. A mais de dois mil metros de altitude, perdida em meio às altas montanhas, ela amanhece coberta pelas nuvens; seus telhados avermelhados envoltos pela neblina lhe dão contornos de contos de fada (ORTIZ, 2007, p. 204).

4.3.1 Conflitos

Como grande conflito a ser resolvido pelo livro-reportagem, tem-se o fim do Mundo Maia. Ao longo do texto, o autor insere parágrafos que instigam o leitor a buscar, com ele, a resposta para esse colapso; questiona o porquê desses povoados tão avançados terem chegado ao fim e se haveria respostas consistentes sobre isso:

Teriam elas sido dizimadas por alguma epidemia? Essa pergunta há muito vem sendo feita pelos estudiosos, uma das tantas questões que me levaram a empreender este desafio. Esperava, até o fim da expedição, ter respostas não só para essa, como para tantas outras dúvidas. Por isso, ansiava pela hora de entrar em contato com os vestígios do antigo Mundo Maia. Estudando o passado e conversando com os sobreviventes, provavelmente conseguiria esclarecer certas questões, pelo menos as mais relevantes (ORTIZ, 2007, p. 78).

Os conflitos menores, muitas vezes os imprevistos de viagem, vão levando a narrativa adiante e acabam por estruturar o grande conflito. Podemos considerar como pequenos conflitos a impossibilidade de Ortiz ficar em alguns *hostels*, em função de estarem fechados; a complicada travessia de fronteiras; o fato de não conseguir sacar dinheiro no caixa eletrônico; ou quando fica sem calçado, pois suas sandálias, gastas de tanto caminhar, arrebentaram.

Um conflito que perpassa todo livro-reportagem é a questão financeira. Ao narrar suas tentativas de poupar dinheiro, o autor lidou com bom-humor e arrematou a frase com um toque literário: “Até a barata Salva-Vidas ficou cara, meus bolsos sendo esvaziados mais rápido do que copos” (ORTIZ, 2007, p. 74). Ao descrever a angústia pela qual passava nas agências bancárias, o autor criou a tensão no diálogo e, como já foi citado no subcapítulo anterior, expôs seus sentimentos: “Quando o caixa se afastou para uma sala no interior da agência com o meu cartão de crédito, passaporte, e o formulário preenchido, ficamos tensos, eu e a minha angústia” (ORTIZ, 2007, p. 74).

Essa busca por algum banco onde conseguisse sacar dinheiro estrutura a história até a derradeira tentativa na cidade de Copán. Apesar de estar preparado para tentar tudo na agência bancária da cidadezinha, Ortiz não precisou nem levantar a voz: a operação foi feita com sucesso. Passado o nervosismo, no qual se encontrava, beijou as efígies do índio Lempira e do general Mazarán das notas recém-retiradas do banco.

Saí assobiando com os bolsos cheios de dinheiro (cada dólar comprava 18 Lempiras), pensando na cerveja gelada que eu tomaria depois de visitar as ruínas. Uma galinha assada, arroz, *frijoles*, milho assado, muita banana caramelada, café com leite, pão feito em casa... Meu Deus do céu! (ORTIZ, 2007, p. 91).

Viajar entre os países é outro conflito exposto pela narrativa, pois as fronteiras são um grande problema para o viajante. Mais uma vez, Ortiz passou pela constrangedora situação que passara semanas antes com Nestor, na fronteira de Honduras. Dessa vez, foi entre Belize e México – pelo menos quatro vezes durante sua viagem pelo Mundo Maia, Ortiz teve que atravessar fronteiras e, em todas, ele ficou apreensivo, atento para que não o subornassem ao cruzar a demarcação entre os países. Relata:

Cruzar fronteira é sempre motivo de estresse, seja onde for. Já atravessei tantas que até desisti de contá-las, mas a sensação é sempre a mesma: insegurança e constrangimentos. Nas bibocas do mundo temos problemas com a língua e burocratas corruptos, somos um pouco mais que contrabandistas; nas esquinas movimentadas temos problemas com as drogas e burocratas autoritários, somos pouco mais do que terroristas (ORTIZ, 2007, p. 169).

E complementou com sua opinião, sempre contundente: “Lá e cá nos constroem e humilham, sempre nos dando a entender que estão fazendo um favor em nos deixar entrar em seus países, um cerceamento da liberdade de viajar que, paradoxalmente à suposta globalização, cada ano fica mais complicado” (ORTIZ, 2007, p. 169).

Mais um pequeno conflito estabelecido, dessa vez, facilmente resolvido, foi o rompimento das tiras de sua sandália, o único calçado que tinha. Conta: “Minhas sandálias, rotas desde Tikal, como bem observara Marcos, arrebentaram de vez: uma das tiras se rompeu completamente; o solado, gasto de tantas caminhadas, desprende-se, deixando-me descalço” (ORTIZ, 2007, p. 176).

4.3.2 *Tentativa de aproximação com o leitor*

O livro faz um jogo com o leitor, chama-o para dentro da narrativa, captando sua atenção e construindo meios para que o leitor se mantenha interessado. Curioso é o uso que o jornalista de aventura faz das palavras “nós brasileiros”, “nós seres humanos”, na tentativa de chamar o leitor para a trama, tornando-o parte de um grupo e da narrativa: “Bárbaros é um adjetivo comum na mente dos viajantes independentes que já tiveram a má sorte de encontrar-se com a cara feia da violência no território brasileiro. Bárbaros nada doces, esses somos nós. Pelo menos assim nos vêem [sic] no exterior” (ORTIZ, 2007, p. 15).

A comparação entre Brasil e América Central também é um recurso muito utilizado pelo Jornalismo de Aventura. Ao apresentar para o leitor uma realidade nova, é preciso criar

uma base para que ele compreenda suas palavras e sinta o ambiente que está sendo criado diante de seus olhos – para isso, nada melhor do que comparações com sua cidade ou país de origem. Narra: “Os perigos eram os mesmos de qualquer cidade grande, talvez como em Porto Alegre, por isso acabei atribuindo o excesso de zelo para com os visitantes mais à generosa hospitalidade dos nicas” (ORTIZ, 2007, p. 43).

Ortiz também traz, implicitamente, em seu texto, expressões reconhecidas pelos brasileiros – popularmente chamadas de “piadas internas”. Ao contar a história de Daniel Ortega e sobre como ele chegou à presidência do país, o autor comentou que “era preciso deixar o homem trabalhar” (ORTIZ, 2007, p. 38), fazendo referência ao jargão do ex-presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, político esquerdista e simpatizante dos ideais sandinistas.

Quando vai descrever algum alimento tradicional da região, o autor, por vezes, busca uma comparação com algum prato do Brasil. Na passagem em que falou do *gallo pinto*, típico prato nicaraguense feito com arroz, feijão, ovos mexidos e banana verde, ele descreveu seu sabor como agradável “tão comum ao gosto brasileiro” (ORTIZ, 2007, p. 46). E ao se aventurar nos embalos da noite hondurenha para descrever a salsa, o ritmo mais característico da região, o autor exibiu seus atributos em dança gauchesca: “Os casais dançavam graciosamente, tanto homens quanto mulheres, aquele balanço de cintura que obviamente eu jamais tentaria. Não consigo nem dançar chula, imagine salsa” (ORTIZ, 2007, p. 70).

A colonização também é motivo de comparação entre as nações, justamente para dimensionar, historicamente, a grande substituição cultural e étnica que houve no Brasil:

A população de Flores é composta por mestiços, filhos dos descendentes europeus mesclados com os indígenas colonizados. Ao contrário do Brasil, onde os nativos foram substituídos pelos europeus, uma das maiores substituições da população da história da Humanidade, na América Central preponderam os ladinos (ORTIZ, 2007, p. 126).

Como viajou na época da Copa do Mundo da Alemanha, Ortiz parou em determinadas cidades e conseguiu assistir ao jogo acompanhado de nativos do lugar. Em Quetzaltenango, assistiu à vitória do Brasil sobre o Japão com os amigos guatemaltecos. “Eles são os maiores torcedores do Brasil na América Central, nossa seleção de futebol representa para eles a vitória de uma pobre nação latina sobre as grandes potências europeias, uma consciência política que não temos no Brasil” (ORTIZ, 2007, p. 200). Salientou ainda que todas as casas, ruas e carros são enfeitados em dia de jogo do Brasil: “Eu tive a sensação de caminhar pelas ruas de Porto Alegre” (ORTIZ, 2007, p. 200).

Na tentativa de chamar a atenção do leitor para o texto, Ortiz acrescenta informações, não só sobre as semelhanças do Brasil com os países centro-americanos, mas curiosidades em geral. O sítio arqueológico de Tikal, na Guatemala, por exemplo, a maioria dos leitores da série Viagens Radicais poderia já ter visto em algum lugar.

Ortiz só refrescou a memória:

Suas elevadas pirâmides despontam sobre as copas das mais altas árvores como tentando alcançar os raios de sol que tanto inspiraram a religião e a cultura ao longo dos séculos. Seu fascínio é tamanho que, em 1977, George Lucas usou o local como cenário do filme *Guerra nas Estrelas*. Quem viu a série lembra que as naves da Rebelião, pilotadas por Luke Skywalker e o capitão Han Solo, ao voltarem para sua base após terem destruído a Estrela da Morte, sobrevoam uma floresta compacta na qual sobressaem os picos de algumas pirâmides (ORTIZ, 2007, p. 129).

É interessante perceber que o jornalista de aventura, quando fica aproximadamente uma semana em um lugar, acaba se tornando amigo dos moradores locais, conhecendo os costumes e até mesmo sabendo de fofocas das redondezas. Ortiz estava sempre aberto a conversas, pois ali poderia estar uma dica para sua próxima aventura – ou quem sabe, uma curiosidade sobre as tesouras brasileiras. Narra:

O barbeiro, em que cortei o cabelo e fiz barba algumas vezes, tanto quanto o sapateiro era um dos sujeitos mais bem informados da cidade. Em poucos encontros fiquei sabendo das fofocas correntes sem precisar ler o jornal, desde os nomes dos políticos corruptos até quem estava traindo quem. Falou-me muito de suas tesouras, quase um lamento, quando lhe disse morar no Brasil.

– Eu usava uma tesoura brasileira, muito boa – disse, pensativo. – Pena que sumiu das lojas, agora só há essas marcas de péssima qualidade (ORTIZ, 2007, p. 177).

Ortiz seguiu a sua viagem, mas sempre com a pauta no horizonte. Mesmo quando saiu do roteiro previsto, escreveu rapidamente sobre, mas não se deixou dispersar. “Depois de visitar as ruínas, passei alguns dias descansando nas vilas caribenhas da Riviera Maia. Existe uma infinidade de praias entre Tulum e Cancun, no continente, e outras tantas ilhas” (ORTIZ, 2007, p. 175). E complementou, deixando os leitores curiosos sobre o que viria na sequência: “Foram alguns dias de merecido ócio, me preparando para a travessia do sul do México, meu desafio nas semanas seguintes” (ORTIZ, 2007, p. 175).

4.3.2.1 Ironia e comicidade

O autor se vale do bom-humor durante todo o seu texto. Nada mais justo do que uma pequena parte da análise ser direcionada a esse estilo marcante de Airton Ortiz, jornalista de aventura que escreve com comicidade e ironia. Segundo o próprio autor, “viajar por conta

própria, especialmente em lugares [*sic*] em que se privilegia as belezas naturais em vez de infraestrutura turística, requer boas doses de humor” (ORTIZ, 2007, p. 71).

Mesmo quando advertido diversas vezes sobre o perigo da cidade de Manágua, Ortiz comenta no livro que não se afeta com alardes, mas que prefere não subestimar os perigos: “adrenalina provoca no sangue um bem-estar agradável, mas desde que o sangue se limite a correr apenas dentro das veias” (ORTIZ, 2007, p. 15).

Já em uma discussão na qual se envolveu na cidade de Tegucigalpa, o repórter de aventura brincou que a sua fluência em diversas línguas depende apenas da quantidade de álcool no sangue: “Os que falavam espanhol entenderam de primeira; para os que falavam inglês e francês fui traduzindo o meu discurso. Após algumas cervejas, fico fluente em qualquer língua” (ORTIZ, 2007, p. 69).

A fina ironia está nos pequenos diálogos que o autor insere de forma perspicaz no texto. A ironia provoca reflexão no leitor e deixa transparecer a opinião do autor sobre o assunto. Acostumados a sempre receber ordens em função do colonialismo até hoje empregado por seus governantes, os guatemaltecos não se questionam por que fazem, apenas, fazem. Neste trecho, Ortiz realçou o jeito maia de lidar com autoridades:

No caminho fomos parados por uma patrulha da polícia rodoviária e ele precisou pagar 30 quetzales.
 – Tenho que pagar essa propina sempre que passo nesse lugar – ele me disse.
 – O carro tem algum problema? – perguntei.
 – Não.
 – Você tem licença para transportar passageiros?
 – Tenho.
 – Então por que você precisa dar dinheiro para eles?
 – Todo mundo dá (ORTIZ, 2007, p. 106).

Ao terminar o diálogo, Ortiz simplesmente mudou de assunto e deixou no ar a última frase, propondo uma reflexão sobre o tema e apresentando, de forma silenciosa, sua crítica a esse modelo de sociedade. Acontece um fato parecido a caminho de Chichicastenango, Guatemala, o que remete ao antigo colonialismo ainda presente na região. Embora o letreiro do ônibus estivesse escrito em letras muito grandes, o cobrador sempre abria a porta para avisar em que direção estava indo.

–Chichi! Chichi! Chichi!
 Intrigado, numa das inúmeras paradas perguntei-lhe por que precisava dizer para onde íamos se estava escrito no ônibus.
 – O pessoal não sabe ler – ele se limitou a responder. – Está escrito em espanhol, deveria estar escrito em *quiché* (ORTIZ, 2007, p. 201).

4.3.3 *Fluidez textual*

Para dinamizar o ritmo narrativo, a linguagem jornalística se propõe a fundamentar os assuntos tratados e desenvolvê-los com fluidez. O Jornalismo de Aventura, no livro *Em Busca do Mundo Maia*, por exemplo, tem sua narrativa costurada por trechos de aventura e por pequenas passagens da história do povo maia, utilizando o recurso de tramas paralelas, dinâmica de vozes e descrição.

4.3.3.1 Tramas paralelas

Ao mesmo tempo em que se refere ao seu dia a dia da viagem, o autor encontra uma maneira de inserir fatos históricos e curiosidades sobre o local que está sendo visitado. Junto a isso, Ortiz utiliza recursos de transposição temporal, trazendo complementos para melhor compreensão da história. Na passagem a seguir, Ortiz mesclou seu passado como jornalista com a história da América Central:

A outra atração de Loma de Tiscapa, outrora bem mais perigosa do que a atual tirolesa, era visitar uma enorme silhueta de Augusto Sandino, o líder rebelde nicaraguense [sic] que influenciou os movimentos de libertação de toda América Central. [...] Quando irrompeu a revolta contra a ditadura somozista eu era estagiário no departamento de jornalismo da Farroupilha, uma das principais rádios de Porto Alegre, então pertencente aos Diários Associados. Como redator, acompanhei de perto os despachos das agências internacionais, especialmente as norte-americanas (ORTIZ, 2007, p. 30).

Em seguida, o autor foi mais a fundo, criticou a imprensa e voltou no tempo para contar o que gerou as revoltas na América Central, retomando a história desde a colonização dessa região:

Em um primeiro momento os sandinistas eram chamados de terroristas pela imprensa mundial. Quando o movimento começou a se espalhar pelo país, eles passaram a ser tratados por rebeldes. Semanas mais tarde, os boletins classificavam os seguidores dos ideais de Augusto Sandino de guerrilheiros e, pouco antes da grande marcha vitoriosa sobre Manágua, em 1979, os noticiosos já os denominavam revolucionários. Mas essa história começou bem antes. O ouro que atraía os espanhóis ao território nicaraguense [sic] não foi encontrado, mas Granada e León permaneceram ativas, e a maioria de seus moradores era descendente de europeus (ORTIZ, 2007, p. 31).

Nas ruínas de Copán, Ortiz travou um diálogo com um senhor descendente dos maias. Durante o diálogo, o autor foi acrescentando informações e jogando com passado e presente, tentando prever algum futuro para o descendente maia. Divagando sobre o assunto, escreveu:

O velho maia precisava ganhar a vida. Ele não sabia esculpir imagens de deuses, sacerdotes ou reis, sua arte se resumia ao trabalho braçal ou a pequenos trambiques

quando estava desempregado. Essa era a realidade do novo mundo, bem menos instigante do que os esplendores encontrados pelos primeiros europeus a aportar por estas bandas (ORTIZ, 2007, p. 96).

Apesar do majestoso passado dos maias, em Honduras, o presente desse povo não ostenta mais tamanha glória. Mais uma vez comparando esses dois tempos, Ortiz (2007) falou sobre a dificuldade que os descendentes maias passam para sobreviver atualmente – muitos deles tentam trabalhar em torno do turismo, vendendo ingressos mais baratos e fazendo tours básicos pelos sítios arqueológicos. Esclarece:

Essa era a nova realidade do outrora orgulhoso povo maia, um choque com a imagem romântica que todos temos dessa antiga civilização. Eu tinha ali na minha frente de um lado o passado glorioso formatado em pedras milenares, impassíveis ao tempo, e de outro o presente fugidio, frágil, uma história humana que poderia ser aniquilada sem deixar vestígios. Caso aquele homem e sua família morressem se fome, ninguém lhes ergueria uma estátua, turistas não acorreriam para visitar suas sepulturas. Ele sabia disso, não se iludia com o passado de seus ancestrais, procurava apenas sobreviver no presente sem esperar nada do futuro (ORTIZ, 2007, p. 97).

Locais tão significativos, historicamente, acabam sendo breve passagem de turistas apressados em conhecer novos lugares e preocupados em fotografar tudo. O livro-reportagem mostra, nesse sentido, a importância da observação detalhada. Esse senhor maia, que estava oferecendo seus préstimos, faz parte daquela história escrita nas pedras; é o real em meio a tantas suposições do passado. O jornalismo busca essa aproximação. E se o descendente maia não tem mais nada a ver com seus antepassados, cabe ao jornalista enxergar uma possibilidade de comparação entre épocas e questionar essas mudanças.

Era um contraste muito grande com os fantasmas históricos que eu estava imaginando se moverem por entre aquelas pirâmides suntuosas. Resolvi então espantá-los e me concentrar no meu amigo de carne e osso: ofereci-lhe trabalho, podíamos nos ajudar mutuamente. Paguei-lhe o valor equivalente ao ingresso no túnel para ele posar para algumas fotos, o que ele fez de bom grado. [...] O quadro formado pela imagem de Juan enfiado numa calça jeans e usando um chapéu de caubói, ao lado da estela²¹ com a imagem do rei Dezoito Coelhos, construída em 731, a obra mais bonita do complexo, ficou pateticamente perfeito. O mesmo povo visto em duas épocas, duas dimensões arrasadoras de uma mesma realidade (ORTIZ, 2007, p. 97).

4.3.3.2 Dinâmica de vozes

A dinâmica de vozes, proposta pelas teorias do livro-reportagem, figura de maneira constante no livro, como já vimos, no subcapítulo Entrevistas. O texto do Jornalismo de

²¹ Monumento monolítico construído em homenagem a reis ou a importantes conquistas e passagens históricas do povo. Representação utilizada por diversos povos da antiguidade.

Aventura se utiliza da exposição das falas de pessoas anônimas a fim de agregar mais credibilidade a sua narrativa. Aproveitando esse recurso e utilizando também outras formas de inserção, Ortiz apresenta a história dos povos maias. Na passagem abaixo – o diálogo se estende por mais seis páginas –, Nestor questionou sobre os maias e Ortiz respondeu:

- Os maias – expliquei-lhe – não formavam uma única nação como em geral se pensa. Eram diversos povoados espalhados pelo norte da América Central e sul do México, em particular na atual Guatemala. Eles tinham instruções, língua, religião e traços culturais em comum, mas nem sua origem é bem definida. Viviam em cidades-estado, a maioria delas inimigas entre si, um dos motivos da ascensão dessa civilização, pela competição, mas também de sua destruição, pela guerra.
- Quando a região recebeu seus primeiros habitantes? Perguntou Nestor.
- Caçadores-coletores nômades devem ter passado no centro americano há mais de 12 mil anos, quando migraram da América do Norte para a América do Sul. Existem pinturas rupestres na Amazônia brasileira com mais de 11 mil anos.
- E os maias, quando surgiram?
- Segundo o calendário Maia, o mundo existe desde sempre, mas ele está dividido em eras bem definidas, sendo que a atual surgiu em 3114 a.C. [...] (ORTIZ, 2007, p. 51).

Uma inserção clássica utilizada pelo autor são os pequenos diálogos entre trechos muito extensos de texto. Para dinamizar a estrutura, principalmente, quando acaba de falar sobre a história do país, insere pequenos espaços de fala, como no exemplo:

- Os arqueólogos acreditam tratar-se de uma cerimônia extremamente significativa, pois raramente eram feitos sacrifícios humanos como oferendas aos monumentos. Esses, quando se davam, eram dedicados aos deuses, especialmente Chac, a divindade da chuva, de grande importância para os agricultores, os trabalhadores que sustentavam as extravagâncias de reis e sacerdotes.
- Em Copán também viveu um rei chamado Fumaça Caracol – Comentei com Antônio Novelo. – Seriam parentes?
- Não – ele respondeu. – A fumaça subindo aos céus em forma de caracol era uma forma de se comunicar com os deuses. Por isso muitos nobres adotavam esse nome. Perto do complexo Templo do Jaguar, também modificado muitas vezes ao longo dos séculos, uma demonstração da longevidade do reino Lamanai [...] (ORTIZ, 2007, p. 165).

E para ajudar a contar a história de quando tentou procurar um brasileiro que estava em Flores, na Guatemala, inseriu um diálogo com o atendente do hotel – e aproveitou para mostrar como as coisas funcionam nessa pequena cidade. O trecho que remeteu a “um cara que falava uma língua estranha” dá um toque de humor:

- Meu telefonema chamou no hotel, onde realmente estava hospedado um cara que falava uma língua estranha. Como também acontecera comigo, em Flores não havia a necessidade de nos registrarmos nos hotéis. Dizia-se [sic] quantos dias ficaríamos hospedados, pagávamos as diárias adiantadas e pronto. Ninguém sabia se havia hóspede chamado Marcos.
- Mas tem um homem falando uma língua muito estranha – disse-me o atendente. – Não é inglês nem espanhol, embora a gente entenda um pouco (ORTIZ, 2007, p. 137).

Quando encontrou com o outro brasileiro, Marcos, com quem viajou até Belize, Ortiz utilizou uma forma diferente de narrar a sua história por meio da voz de outra pessoa. Além dos diálogos entre os dois, o autor teve acesso ao diário de Marcos, no qual ele contava todos os desencontros com Airton Ortiz, depois, finalmente, como o encontrou e, mais tarde, como conseguiram atravessar a fronteira entre Guatemala e Belize.

Ortiz (2007) incluiu um trecho do diário de Marcos em seu livro:

Vi um tipo com a camiseta do Brasil. Mas como o Brasil antes da Copa da Alemanha estava na moda, só desconfiei que realmente era brasileiro quando vi a sandália rasgada. Acabei não falando com ele em Tikal, o cara caminhava rápido demais, se enfiou pelo mataréu e logo o perdi de vista. [...] Quando cheguei em Flores fui até o hotel²² mas o tal brasileiro tinha saído. Resolvi então lhe deixar um bilhete me apresentando e informando de meu interesse de viajar com ele para Belize. [...] Voltei mais uma vez para a pousada e o encontrei tomando banho. Esperei um pouco e finalmente conheci Airton Ortiz (ORTIZ, 2007, p. 139).

No meio da viagem para Belize, Marcos e Ortiz assistiram a um acidente, que bloqueava a estrada por onde passavam. Um caminhão de óleo virou e começou a jorrar fluído químico para o rio, o que poderia causar um desastre ambiental – não que os guatemaltecos estivessem preocupados com isso. Nesse momento, o autor aproveitou para inserir, novamente, uma referência ao colapso maia, criando expectativa nos leitores sobre as resoluções de um grande conflito:

– Perto do que eles já fizeram – comentei com Marcos, vendo o óleo escorrer para o mato –, isso não é nada.
 – E o que eles já fizeram? – ele perguntou, enquanto filmava a cena.
 – Existem indícios de que o colapso da civilização maia se deveu a uma tragédia ambiental (ORTIZ, 2007, p. 144).

Para não escrever da forma mais convencional o valor das coisas, Ortiz incluiu essa informação em um diálogo com Marcos – e aproveitou para estabelecer novamente o ponto de conflito “dinheiro”:

– Já deu pra ver, os preços por aqui são bem mais caros do que nos demais países centro-americanos – disse Marcos. – Ainda não havia pagado 7,5 dólares por uma diária.
 – Por falar em preços – falei-lhe –, precisamos sacar dinheiro em algum banco, meus dólares belizenses estão terminando (ORTIZ, 2007, p. 153).

4.3.3.3 Descrição

Artifício muito utilizado por Airton Ortiz no Jornalismo de Aventura, a descrição pode situar o leitor nas cidades, exemplificar a cultura e moradores locais, ou até mesmo descrever

²² Marcos descobriu a localização do hotel por indicação de um motorista. Este fato é explicado minuciosamente no livro.

a beleza cinematográfica de alguma cena da viagem. O autor soma detalhes e destaca elementos pitorescos, auxiliando na representação da história, na construção da espacialidade, ou no simples detalhamento de alguma cena, dependendo do sentido que quer dar à situação apresentada. Destaque para a caracterização bem-humorada do próprio narrador-personagem:

Impressionava-me que as minhas velhas sandálias de couro, uma bermuda desfiada e uma camiseta regata enxovalhada pudessem atrair a cobiça de alguém. Meu chapéu de palha então... Fazia muito calor e meus únicos sinais exteriores de riqueza eram uma câmera fotográfica compacta, tão compacta que nem aparecia no bolso lateral da bermuda, e um relógio comprado algumas semanas antes em um mercado de pulgas na Cidade do Panamá por menos de cinco dólares (ORTIZ, 2007, p. 26).

Neste outro trecho, o autor descreveu a sua chegada ao albergue Tobacco Road Inn, em Tegucigalpa. O leitor consegue se situar muito bem na narrativa e imaginar o lugar apenas pela descrição espacial:

Pela grade da porta pude ver o interior do albergue: um bar à esquerda, um pátio central rodeado por um alpendre onde safam alguns quartos, a típica construção colonial tão característica da América Central. [...] A placa no lado de fora indicava um restaurante, uma outra, no lado de dentro, anunciava uma livraria (ORTIZ, 2007, p. 62).

Ao comentar sobre a polícia religiosa em San Juan Chamula, o autor utilizou a descrição para apresentar, mais uma vez, um pouco mais das tradições maias para o leitor:

Cidadãos da comunidade, usando grandes chapéus de palha em estilo caubói e vestindo túnicas brancas feitas de pele de cabra usadas sobre as camisas e calças brancas, com bastões de madeiras às costas, formavam a polícia religiosa, corpo responsável pela ordem do templo. Mesmo não sendo remunerado, cada um deles serve durante um ano, ocupação para a qual há lista de espera (ORTIZ, 2007, p. 192).

No momento em que Ortiz visitou essa cidadezinha, a polícia religiosa estava protegendo um dos rituais pagãos mais conhecidos da região, que ocorre uma vez ao ano, exemplo do sincretismo religioso. O autor confessou que se deparou com uma das cenas mais inusitadas que já viu dentre todas as suas experiências pelo mundo. A sua descrição reconstituiu todo o ambiente:

Rituais pagãos num templo que deveria ser cristão. Um forte cheiro de incenso invadiu minhas narinas e o som dos acordeões, violas, chocalhos e tambores enchia o ambiente com uma melodia sincopada, músicas religiosas tradicionais da cultura maia. [...] O piso da igreja estava coberto com folhas de pinheiros, elemento capaz de absorver a energia negativa trazida pelos peregrinos e enviá-las ao inframundo. As paredes laterais da única nave estavam repletas de santos católicos em altares envidraçados ornamentados com muitas flores. [...] Havia uma infinidade de mesas com velas acesas, milhares delas, todas brancas. No chão, entre os inúmeros peregrinos sentados, muitas velas ardiavam (ORTIZ, 2007, p. 192).

A angulação também está presente, a todo o momento, no texto do Jornalismo de Aventura. Unindo descrição e angulação, Ortiz se dá a liberdade de construir o texto da forma

mais parecida com o que aconteceu, misturando texto indireto e direto, descrevendo a atmosfera e os sentimentos que pesam no momento de seu registro – uma preocupação com o estímulo ao leitor. Conta:

– Lamentável – dizia Nestor, sempre reclamando de alguma coisa. O argentino estava contrariado, pude notar, mas não quis entrar em detalhes. Eu estava preocupado com a estrada, viajávamos quase sem ver a pista por causa da cerração. Mesmo assim, ignorando os perigos, especialmente desaconselháveis à presença de estrangeiros, nosso ônibus seguiu em frente, em sentido norte, até Ocotal, pequena cidade ao pé da Sierra de Dipilto, a mais alta cadeia montanhosa da Nicarágua (ORTIZ, 2007, p. 45).

O que poderia ser apenas uma passagem vazia sobre o dia a dia de um viajante, o jornalista de aventura é capaz de enriquecer com detalhes e características importantes da cultura maia. O leitor acaba internalizando informações, sem perceber, justamente pela sutileza com que as informações são inseridas no texto e pela angulação proposta pelo autor.

Explica:

Descansei alguns minutos sob um grande cedro, árvore muito utilizada na época maia para a construção de canoas. Aproveitei o tempo ocioso para perguntar a um velho senhor sobre o caminho a seguir, onde poderia embarcar num ônibus com destino ao norte do país.

– Basta continuar andando – ele disse, apontando para a continuação da estrada. Há uma adiante, El Florido (ORTIZ, 2007, p. 105).

4.4 A resolução do livro-reportagem

O conflito que norteia o livro-reportagem é dado logo no início da análise: o colapso maia. O tema, que intriga a sociedade contemporânea e que já inspirou tantas pesquisas, é finalmente apresentado de maneira completa e acessível por meio da grande reportagem de Airton Ortiz, *Em Busca do Mundo Maia*. Durante todo o livro, é possível perceber a preocupação do autor em encontrar uma resposta para esses questionamentos. Apresentando fatos históricos muito recentes, ou questionando a lógica de poder e facilidade em se destruir a natureza, o autor conseguiu, aos poucos, comparar passado e presente, mostrando exatamente que esse frágil passado dos maias não está distante de nós.

A História é cíclica, como os maias acreditavam, e conhecê-la poderá ser a chave para evitarmos no futuro erros cometidos no passado. Entender os maias e em especial, por que tão poderosa cultura sucumbiu será de grande importância para prever a sobrevivência da nossa própria civilização (ORTIZ, 2007, p. 135).

Seguindo esse raciocínio, é possível identificar, nessa publicação, mesmo não sendo essencial no livro-reportagem, um gancho para a atualidade. O autor faz referência ao livro de

Jared Diamond, *O Colapso*, questionando a possibilidade de a humanidade ter o mesmo fim dos povos maias.

Airton Ortiz trouxe informações confirmadas, cientificamente, sobre o declínio da civilização maia: pesquisas feitas por climatologistas e paleoecologistas, advertem para diversos sinais de mudanças climáticas e ambientais que foram encontrados nos antigos territórios maias. “Entre as diversas causas que contribuíram para o colapso de Copán, e que vale para todo o Mundo Maia, a mais importante advém de sua grande população na época do declínio” (ORTIZ, 2007, p. 213).

Segundo as pesquisas do autor, no auge das civilizações maias, a fartura das safras e o bom desempenho nas guerras e conquistas de terras imperavam. A população começou a aumentar, e com ela, aumentaram os problemas. Surgiu a necessidade de mais espaços para moradia e plantio, além de madeira para combustível e outros minerais para as construções. Segundo Ortiz (2007), as árvores foram sendo derrubadas, causando pane no ciclo hídrico do vale, e os campos férteis foram sendo mal manejados. Os maias utilizavam a “agricultura de cobertura morta e irrigação por inundação, abreviando o tempo de descanso das roças” (ORTIZ, 2007, p. 215). As lavouras foram empurradas para as encostas das montanhas, onde o solo não produzia o suficiente para toda a população. Esclarece:

Recentes investigações arqueológicas indicam que durante o século VIII o vale do rio Copán perdeu as florestas que cobriam as encostas de suas montanhas, passou por longos períodos de seca, sofreu erosões massivas do solo e repentinas inundações durante a estação das chuvas. Assim, ao destruir seu entorno ambiental, a poderosa cidade precisou ser abandonada por seus habitantes, pois suas lavouras entraram em colapso (ORTIZ, 2007, p. 216).

As frequentes guerras também enfraqueceram as cidades maias e auxiliaram no consumo desenfreado de alimentos: o transporte de carga para os campos de batalha era todo feito por carregadores humanos, que, para se manterem, precisavam de grandes quantidades de alimento. “Por isso, o Mundo Maia permaneceu politicamente dividido em pequenos reinos em guerra uns com os outros, nunca se unificando em um grande império como os astecas ou incas” (ORTIZ, 2007, p. 214).

Aos poucos, os estoques de alimento, água e combustível foram terminando. O desequilíbrio ambiental causou uma onda de fome na cidade de Copán e deu início a uma revolta popular. Explica: “A guerra civil destruiu o Estado organizado, a nobreza e os religiosos foram assassinados e a população enraivecida destruiu o que pôde, em seguida voltando para o campo, lutando pela própria sobrevivência” (ORTIZ, 2007, p. 217). Aliado a

isso tudo, os períodos de fome podem ter causado a queda da fertilidade das mulheres, o que justifica os baixos níveis de natalidade pós-declínio maia.

Finalmente, o livro-reportagem chega ao seu objetivo: encontrar ou pelo menos indicar uma solução para o problema inicial. Após a escolha da pauta, a preparação para a viagem, a apuração sobre o tema escolhido e a construção da narrativa, ficou claro para Airton Ortiz que o que aconteceu com os maias não está distante de acontecer com a população mundial. “Para os cientistas, se não podemos prever o futuro, pelo menos podemos aprender com o passado, e ele ensina a preservar o entorno natural em que vivemos” (ORTIZ, 2007, p. 218). Segundo o autor, esses alertas do passado indicam que as mudanças climáticas não estão pondo em risco somente o futuro do planeta, “mas o da própria Humanidade” (ORTIZ, 2007, p. 218).

As atitudes dos seres humanos estão levando o mundo para um colapso muito parecido, pois a relação do homem com o ambiente está cada vez mais agressiva e abusiva. “Os países modernos seguem os mesmos padrões dos reinos maias: superpopulação, esgotamento dos solos, desmatamentos constantes e irreversíveis e intervenções humanas nos ciclos climáticos” (ORTIZ, 2007, p. 219).

A solução, segundo o autor, está no homem: pode-se decidir pela mudança de hábitos ou pelo total desrespeito aos sinais que a natureza dá. Ortiz conclui o livro com uma frase forte, porém que transmite esperança: “Nunca tantas gerações dependeram tanto de nossa geração, pois o colapso ou o triunfo da espécie humana, como um todo, está em nossas mãos. Então, mãos à obra!” (ORTIZ, 2007, p. 219).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi apresentar e compreender o Jornalismo de Aventura, enquanto formato jornalístico recente e pouco pesquisado, com o apoio das teorias de um velho conhecido dos jornalistas, o livro-reportagem, especificamente, o livro-reportagem-viagem. Apesar da pequena bibliografia, foi possível acessar trechos importantes para o desenvolvimento do estudo. Foram pesquisados, também, o Jornalismo Literário, o Realismo Social e o Novo Jornalismo, além de breve estudo sobre Jornalismo e Antropologia.

O livro-reportagem é uma ampliação e um aprofundamento do jornalismo, o estágio mais avançado a que uma produção jornalística pode chegar. A escolha desse gênero como alicerce para a pesquisa aqui desenvolvida, possibilitou, portanto, um entendimento completo do objeto analisado, englobando os conteúdos essenciais ao jornalismo em geral. De igual importância é o livro-reportagem-viagem, especificação do livro-reportagem, que carrega a definição mais adequada ao Jornalismo de Aventura, justamente em função da temática de viagem.

A estrutura da análise seguiu a ordem lógica de construção de um livro-reportagem, com o intuito de buscar as semelhanças e diferenças entre os gêneros jornalísticos. O texto se desenvolveu de forma simples. Os conceitos básicos do jornalismo logo encontraram seus correspondentes no Jornalismo de Aventura. Com base nas teorias do livro-reportagem, foi possível analisar o livro *Em busca do Mundo Maia*, de Airton Ortiz, e encontrar pontos em comum entre as páginas ampliadas, tanto as jornalísticas, contadas por Ortiz, quanto as teóricas, desenvolvidas por Edvaldo Pereira Lima.

Foi possível identificar uma escolha clara de pauta, responsável por manter o foco jornalístico durante todo o livro, guiando tanto o jornalista, quanto o leitor. Observou-se, também, correspondência no âmbito da apuração jornalística, muito trabalhada no Jornalismo de Aventura, tanto nos momentos de preparação de pauta, quanto nas pesquisas à distância ou no local da reportagem. Transpareceu, da mesma forma, a consciência do repórter ao lidar com os entrevistados e o seu compromisso para com a detalhada descrição sobre a história dos lugares que visitou, das pessoas que conheceu e dos ambientes que frequentou.

A resolução do conflito trouxe ainda importantes explicações sobre o colapso do Mundo Maia. O acontecimento, que ainda hoje é motivo de discórdia entre cientistas, foi sistematizado de forma clara por Airton Ortiz, em virtude de suas aprofundadas pesquisas. Cumprindo seu papel de jornalista, Airton Ortiz respeitou os preceitos da apuração aprofundada e da busca pela verdade.

A construção da narrativa do Jornalismo de Aventura, em especial no livro-reportagem de aventura *Em busca do Mundo Maia*, utilizou-se de muitos recursos estilísticos propostos pelas teorias do livro-reportagem, logrando abranger desde a antiguidade, o passado recente, até o presente maia, de forma coesa. Definiu pequenos e grandes conflitos como recursos estruturais do livro; fortaleceu a narrativa com o uso da dinâmica de vozes, tramas paralelas e descrição; trouxe o leitor para a narrativa com o uso de passagens bem-humoradas e que relacionavam a cultura maia com a brasileira.

O ponto crucial que diferenciou o Jornalismo de Aventura foi a narrativa em primeira pessoa. O posicionamento participativo do autor perante os acontecimentos da viagem é uma atitude pouco comum no jornalismo convencional. No Jornalismo de Aventura, as emoções do jornalista são expostas, o que permite ao leitor um mergulho no universo do narrador e nas aventuras da viagem. Apesar de inusitada, essa característica encontrou apoio em um dos mais valiosos princípios do livro-reportagem: a aceitação de experimentações. O Jornalismo de Aventura aproveitou essa abertura de horizontes e valorização de liberdades – de escrita, de angulação e de tantas outras – propostas pelo livro-reportagem, para desenvolver-se de forma plena.

Seguindo na experimentação, as expressões e emoções do repórter despontaram em diversos momentos da narrativa, em especial nos momentos de aventura, quando os sentimentos ficaram à flor da pele. Apesar do livro contar com poucos momentos realmente de risco – houve a tentativa por parte de Ortiz de fazer tirolesa na Nicarágua, o que não foi possível em função da falta de suporte técnico e de pessoal para coordenar a ação – a viagem se constituiu de pequenos desafios diários. De qualquer forma, o relato de aventura, combinado com uma aprofundada pesquisa sobre o passado e presente maias, tornou a narrativa densa e aprofundada. Os artifícios textuais e literários utilizados pelo Jornalismo de Aventura fizeram com que o texto ficasse fluído, apesar da quantidade de informações que apresentava.

Além dos preceitos do jornalismo, o Jornalismo de Aventura mostra-se abrangente no que diz respeito a outras áreas do conhecimento. Circulando em diferentes áreas, permite relações entre campos de pesquisa como Antropologia, Literatura, História, Geografia e Filosofia. A diversidade de enfoques possíveis na pesquisa, também reflete a importância do olhar sistêmico no jornalismo.

Acredita-se que o trabalho apresentado tenha cumprido com o reconhecimento do gênero jornalístico de aventura e a definição do livro *Em busca do Mundo Maia*, de Airton Ortiz, como livro-reportagem de aventura. Apesar da rara bibliografia a respeito e do sucinto

trabalho que pôde ser desenvolvido no formato monografia, foi possível analisar pontos significativos do Jornalismo de Aventura e elucidar a magnitude do livro-reportagem e suas especificações, muitas vezes, subestimadas pelos próprios jornalistas.

O trabalho procurou, também, resgatar características importantes do jornalismo, como a entrega do repórter à pesquisa, a apuração aprofundada e o desenvolvimento máximo da pauta. O trabalho desenvolvido pelo jornalista Airton Ortiz é uma forma particular de atuação no jornalismo, que pode servir de inspiração para quem busca novos horizontes na profissão. Obras contundentes e bem apuradas, como o livro-reportagem de aventura *Em Busca do Mundo Maia*, são importantes referências para o Jornalismo.

REFERÊNCIAS

- A GERAÇÃO Realidade. In: **Cadernos da Comunicação**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, p. 46-51, 2003.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- BULHÕES, Marcelo. O jornalista-*flâneur*: considerações sobre a reportagem em João do Rio. **Ecos Revista**. Pelotas, p. 47-64, jan.-jun. 2006.
- CADEMARTORI, Lígia. **Períodos literários**. São Paulo: Ática, 2003.
- CARTA, Gianni. O velho novo jornalismo europeu. In: **Cadernos da Comunicação**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, p. 38-45, 2003.
- COIMBRA, Osvaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005a.
- DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de Caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005b.
- FARO, J.S. O new journalism e a experiência da revista Realidade. In: **Cadernos da Comunicação**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, p. 59-73, 2003.
- FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem: notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- GIRARDI JR., Liráucio. A reportagem como experiência etnográfica. In: **Anuário de Jornalismo**, v. 2, n. 2, p. 198-213, 2000.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp, 1993.
- MILMAN, Luis. A metodologia do jornalismo: breve discurso sobre a natureza de um conflito. In: LEVACOV, Marília et al. **Tendências na comunicação**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1958.
- ORTIZ, Airton. **Em busca do Mundo Maia**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PROCÓPIO, Maria Ramalho; TORRES, Cibelih Hespanhol. Estudos e experiências de uma prática *flanêur* como alternativa ao jornalismo. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. São Paulo, Ano 8, ed. 1, jan.-jun. 2014.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Posfácio: Abaixo o jornalismo bege. In: WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

Apêndice A – Entrevista 1, com Airton Ortiz, no dia 10 de setembro de 2014.

Quais coleções tu tens publicadas atualmente e que linguagem tu usas para escrever teus livros?

Essa coleção *Viagens Radicais* são 10 títulos. Depois eu comecei a coleção de crônicas e tem também um sobre Jerusalém, outro sobre Havana e esse ano vai sair outro sobre Paris. E tem dois romances, então são três coisas diferentes; são três linguagens diferentes; três conteúdos diferentes. Na coleção *Viagens Radicais*, o conteúdo são grandes travessias e a linguagem é reportagem. Então, nessa coleção, o conteúdo é grandes travessias e a linguagem é grande reportagem. Na coleção de crônicas, não é mais sobre travessias, é sobre cidades. E a linguagem não é mais da reportagem, é da crônica. E tem dois romances, que são ficção, também de viagens, e a linguagem é do romance. Então resumi assim: na reportagem a linguagem é jornalística. A linguagem jornalística informa, tem que ser precisa. Na crônica, a linguagem sugere. É uma linguagem mais sutil, não é tão exata, como o jornalismo, tanto que na crônica a gente pode misturar um pouco de realidade com fantasia. No romance a linguagem insinua, é uma linguagem muito mais sutil, tanto é que muitas vezes a gente diz que na literatura o livro é importante pelo o que o autor não diz, do que pelo o que ele diz. Porque tudo que o autor não diz, o leitor completa. E aí isso é uma obra de arte. Então no jornalismo a linguagem informa e é precisa. Por exemplo, se o almoço custou 20 reais eu vou lá e digo: “o almoço custou 20 reais”. Ponto. Não deixo espaço para interpretação, passo a informação completa. Na crônica, a linguagem não informa, ela sugere; então eu digo assim: “o almoço custou caro”. Cada leitor vai dar um preço diferente. E no Romance, o autor insinua e o leitor vai completando. Então o meu projeto é bem definido, são três linguagens diferentes, dependendo do que eu quero escrever.

Quando tu começaste a te interessar por esportes radicais?

O projeto todo começou com o livro da África. E esse livro foi uma experiência nova. E eu sempre fui ligado à natureza, porque eu morei em uma fazenda no interior até os 10 anos, e fui pra cidade com 10 anos para estudar. Primeiro em Cachoeira para estudar, depois fui pra Porto Alegre, fiz faculdade, e abandonei um pouco as minhas atividades ligadas à natureza. E eu reencontrei isso praticando montanhismo. Primeiro aqui nos cânions. Fazia travessias nos cânions, depois grandes caminhadas. E eu queria fazer um livro que se passasse na África, e eu queria que esse livro tivesse alguma atividade ligada à natureza e que fosse um

pouco mais radical do que aquilo que eu vinha fazendo aqui. Então eu decidi escalar o Kilimanjaro, que é um esporte, um esporte radical – esse é um nome que a gente acabou convencionando aqui no Brasil, normalmente na língua inglesa eles chamam de atividade *outdoor*, ou seja, atividade externa. Mas aqui no Brasil o nome que pegou foi radical. Muito também por causa dessa coleção, porque até então a palavra radical era mais esparsa. E aí, quando foi aplicada nessa coleção, ela começou a fazer parte da nossa linguagem. E eu queria também que a viagem, além de ser ligada à natureza e tivesse uma atividade radical, ela fosse uma viagem de aventura. Então eu juntei as três coisas e acabou dando esse livro. E a maneira como eu construí a história, como eu escrevi é que foi o diferencial, e aí que começou, então, o que o pessoal começou a chamar de Jornalismo de Aventura.

E qual seria o diferencial dessa linguagem do Jornalismo de Aventura?

Bom, o que é que a minha linguagem tem de diferente do jornalismo que até então se fazia: começou com esse livro aqui²³. Eu queria fazer uma reportagem sobre como era escalar uma grande montanha. Então como jornalista profissional, o que eu deveria fazer? Eu deveria entrevistar as pessoas que escalaram a montanha, e contar isso. E eu quebrei essa regra. Eu escalei a montanha. E eu escrevi a reportagem sobre a minha própria experiência. Essa abordagem do repórter ser ao mesmo tempo o autor da reportagem e o protagonista da reportagem, é que eles passaram a chamar de Jornalismo de Aventura. E durante um tempo, chamavam, e ainda chamam, os meus livros de Jornalismo Literário. O que é Jornalismo Literário? É um jornalismo onde tu não te restringe só ao pontual, tu passa informação mas em uma linguagem mais literária, muito mais sofisticada. E isso é praticado em livro porque tem que ter mais espaço. Mas o Jornalismo Literário é em termos de linguagem, mas em termo de abordagem, e essa é a diferença, é uma reportagem escrita pelo protagonista da reportagem. Aqui²⁴, por exemplo, poderia ter sido uma grande reportagem sobre as grandes cidades maias: eu poderia ter entrevistado gente que esteve lá, eu poderia ter entrevistado especialistas, poderia ter feito pesquisa em livros. Mas eu fui lá. E eu escrevi sobre a minha experiência. E eu contei uma história.

A função do jornalista é contar história. Então é uma história contada pelo cara que é o personagem principal da história. Então isso que é o diferente. A base do que o pessoal vem chamando de Jornalismo de Aventura é quando o repórter é ao mesmo tempo repórter e o protagonista da reportagem. Aí gera um texto na primeira pessoa. Eu acho que o que esse tipo

²³ Autor se refere ao livro “Aventura no topo da África”, publicado em 1999, pela editora Record.

²⁴ Autor se refere ao livro “Em Busca do Mundo Maia”, publicado em 2007, pela editora Record.

de abordagem enriquece a história, é que eu, ao passar para o papel as minhas emoções, eu vou ter um conteúdo muito mais rico, do que eu te entrevistar, tu me contar sobre as tuas emoções e eu for escrever sobre elas. Porque não necessariamente, o cara que foi lá e escalou a montanha sabe passar para o repórter todas as emoções que sentiu. Então se o próprio jornalista vai lá, é como contar uma história em primeira mão. Quando eu descrevo aqui²⁵ no final a última noite, que é o ataque final da montanha, eu fui escrevendo o que eu fui sentindo. E chega um momento em que a gente fica tão extenuado, que a sensação que eu tinha, no final, é que eu tava acima de mim, olhando eu mesmo escalar a montanha. É como se eu tivesse saído do meu corpo e tivesse observando, de um ponto estratégico, eu escalando a montanha. É uma coisa muito doida. E tá na reportagem, porque foi o que eu senti. Mas, dificilmente, se eu fosse entrevistar alguém, ele iria me contar isso. Até porque o cara ia dizer assim: “poxa, esse cara tá achando que eu sou meio maluco”.

Tu achas que tem algum outro tipo de programa de TV, livros, revistas, que sigam esse Jornalismo de Aventura também?

Tem, mas a TV tem um prejudicial em relação ao que eu faço, e ao que pode ser feito com a linguagem escrita. A TV tem muita pré-produção e isso tira a aventura, tira o principal do Jornalismo de Aventura que é o repórter se expor aos perigos, correr riscos e falar sobre o próprio risco. E o programa de televisão é muito pré-produzido, ele praticamente elimina o risco. Eu estava uma vez viajando pelo Egito, cruzando o deserto do Saara, numa autoestrada maravilhosa, quatro mãos pra lá, um canteiro no meio, quatro mãos pra cá. E no lado dela tinha um caminhão, meio que atolado e um povo em volta. Eu parei e fui olhar. Era uma equipe de televisão filmando um documentário contando a história que o cara tinha se perdido no deserto e o cara tava apavorado. E uma equipe inteira em volta! Do lado de uma autopista. Tudo pré-produzido. Depois que eu vi aquilo, eu perdi completamente a vontade de ver documentário de aventura na televisão. Eu acho que tira essência da coisa que é a aventura propriamente dita. Até porque eu vou sozinho, e na TV tu tens que ter uma equipe junto. A parte melhor que é a aventura, que é o cara se expor pra a partir daí escrever um relato mais fiel fica prejudicada. Então eu acho que a melhor linguagem para esse tipo de jornalismo é escrita.

²⁵ Autor se refere ao livro “Na estrada do Everest”, publicado em 2000, pela editora Record.

As revistas também têm um pouco disso. A apuração é feita à distância e às vezes compram somente as fotos do local.

É o que eu chamo de “Gillete press”. Pega a Gillete, recorta o que saiu em outras matérias, junta e faz uma matéria. E, justamente, eu acho que o mais importante no Jornalismo de Aventura, já que ele aborda a experiência do próprio jornalista, é passar um sentimento para o leitor, não é só a informação. É passar também emoção. Uma vez um leitor me mandou um e-mail sobre o livro “Aventura no topo da África” dizendo assim: “cheguei ao cume do Kilimanjaro contigo. Faz uma semana, ainda me doem as pernas.” Então ele acompanhou toda a minha dor física, meu cansaço, meu esgotamento para chegar ao cume da montanha. Ou seja, eu consegui passar a emoção e o sentimento para ele. Mas isso não é uma coisa que tu consegues em duas páginas, em três páginas. Tu tens que aprofundar a história. Então eu acho que a mídia livro, é a mais apropriada para fazer isso, porque é onde te permite aprofundar bem a abordagem que tu estás dando na história.

Tu já pensaste em escrever as tuas aventuras em um blog?

Sim, eu até comecei, tenho um blog, mas está desatualizado. Mas a linguagem da internet é outra linguagem. Eu acho que a linguagem da internet se assemelha muito mais à linguagem da crônica. É um texto mais rápido, mais leve, mais descontraído, mais fragmentado. O texto da crônica aborda tudo com mais superficialidade, tem que ser um texto onde o prazer da leitura é até mais importante do que a informação que tu estás passando.

E como tu usas a fotografia nas tuas viagens?

Eu não sou fotógrafo. A fotografia é outra linguagem, tem uma característica bem própria. E eu não sou fotógrafo, porque eu acho que já é difícil tu te especializar numa linguagem. A minha matéria-prima é a palavra. Como eu vou para lugares que poucas pessoas vão, são lugares de difícil acesso, e são lugares ligados à natureza, então, são muito bonitos, eu tiro muitas fotos. Claro, com o passar do tempo eu fui aprendendo a fotografar e hoje eu até sou um fotógrafo razoável. Os livros são ilustrados com fotografia. Eu tenho um acervo de mais de 100 mil fotografias do mundo inteiro, muito desse acervo é de lugares que pouca gente foi, alguns lugares ninguém foi, então eu tenho fotos de lugares que só eu fui. É um acervo bom, importante, interessante. Eu comecei a fotografar para ter mais uma fonte de referência na hora de eu chegar em casa e escrever o livro. Eu fui pegando gosto e acabei publicando um álbum de fotografia.

Mas assim, a foto tem um problema: numa tribo muito isolada, a fotografia inibe a pessoa. Na hora eu vou tirar foto a pessoa trava. E eu quero exatamente o contrário, eu quero espontaneidade, e quero que eles me contem a história deles da maneira mais espontânea possível. Tanto é que eu não digo que eu estou fazendo uma reportagem quando eu vou visitar uma comunidade muito isolada. Eu não deixo eles saberem isso, porque se eles souberem disso, eles vão perder toda a espontaneidade comigo. Dificilmente eu gravo, e depois então é que eu vou anotar o que eu vi, ou até às vezes na barraca eu gravo o que eu presenciei durante o dia. Então, o gravador, a câmera fotográfica e o caderninho de bloco de notas, tiram muito da espontaneidade das pessoas desses lugares muito isolados que eu vou.

Tem um rapaz que fez um TCC questionando se o que eu fazia era jornalismo ou não. Porque um jornalista, quando vai entrevistar alguém, tem que deixar claro que vai usar a fala da pessoa. O aluno acabou dando o parecer final dizendo que era jornalismo, porque sempre que alguém se expôs ao me dar a informação, eu protegi essa fonte usando um pseudônimo, por que o importante pra mim não é a fonte, é a historinha que ela me conta.

Eu vi algumas matérias sobre os fotógrafos da *National Geographic* e eles são chamados de fotógrafos de aventura. O que tu achas disso?

Aí sim, esses caras fazem Jornalismo Fotográfico de Aventura. Eles se expõem muito, são uns caras que já têm perfil de aventureiro, são hiper-especializados. [...]

Mas a ideia aqui²⁶ é acabar com aquela ideia de que o repórter é isento. Nunca é isento, muito menos quando quer passar a emoção. Eu acho que passa a emoção com muito mais propriedade, quando é o próprio repórter que passa essa emoção. Pra mim, pra ser jornalismo, tem que ser jornalista, porque tem toda uma técnica de buscar a informação e tem toda uma ética de transmitir a informação. Isso é a tributo do jornalista, a gente aprende. A redação é técnica. Uma vez me perguntaram se gente aprende a escrever. Eu disse que a gente aprende a editar. [...] É muito mais difícil cortar do que escrever, e o cortar é que te dá uma história. E eu acho que a linguagem tem que refletir o contexto no qual ela ta inserida. Todas as histórias que existem já foram contadas, então por que recontá-las? Contar de maneira diferente, usar uma linguagem diferente. Refletindo a época que ela retrata.

²⁶ No Jornalismo de Aventura.

E a questão dos idiomas, quantas línguas tu falas?

Tu tens que ter o mínimo de vocabulário da língua local para poder se comunicar. Porque se tu chegares e disser “bom dia” pro cara na língua dele, ele já vai abrir um sorriso. O mínimo tem que saber, e é claro, as palavras chave: preço, ônibus, onde eu pego ônibus, comida, hotel, socorro, caro, desconto, restaurante. Quanto menor é a língua do povo que tu vais, normalmente eles falam inglês, em especial os estudantes. É comum tu chegares na África, na Ásia e as crianças virem conversar contigo, te entrevistar, porque elas querem praticar o inglês. E tu faz amizade com essas crianças. Uma vez, na África, um gurizinho me acompanhou uma semana inteira até eu voltar para a cidadezinha dele. Ficou viajando comigo, sem cobrar nada. Porque enquanto ele está contigo, ele faz três refeições por dia, ele fica num hotel onde pode tomar banho, normalmente a gente compra roupas pra dar pra eles. Claro, no final a gente sempre dá um dinheiro. Apesar de que muita gente não dá. Mas enfim, nunca encontrei dificuldade de comunicação.

Quanto tempo tu levavas pra escrever os livros?

Eu, teoricamente, divido meu ano assim: três meses preparando a viagem, três meses viajando e três meses para escrever o livro. Mas depende, se a travessia é menor, não leva tanto tempo, ou se é mais longa, demoro um pouco mais. E eu faço um diário minucioso da viagem. Anoto tudo, tudo, tudo, porque quando eu vou fazer o livro, tem que sobrar material e não faltar. O meu diário relata tudo que acontece na viagem. Quando eu vou fazer a matéria, isso nada mais é do que uma reportagem, a matéria tem uma pauta, e eu só uso aquilo que aconteceu e que está dentro da minha pauta. Muita coisa não entra. O livro não é o diário da minha viagem, o diário é a fonte de onde eu vou tirar a informação pra escrever o livro. De textos que sobram eu faria outros livros até. Ainda quero fazer.

Apêndice B – Entrevista 2, com Airton Ortiz no dia 14 de maio de 2015.

Por que a escolha do Jornalismo Literário para a coleção *Viagens Radicais*? O que isso tem de importante para o Jornalismo de Aventura?

O jornalismo literário tem a ver com a linguagem. É um jornalismo onde o texto é mais literário, como o próprio nome está dizendo: é um texto mais elaborado, um texto mais sofisticado, e repórter não se prende tanto à informação, mas também à construção do texto. O Jornalismo de Aventura leva isso a um patamar mais avançado ainda, no que diz respeito à linguagem, porque a informação é quase que segundo plano, o mais importante é a emoção; é um texto, claro, jornalístico, tem informação e tudo, mas se preocupa mais em passar a emoção para o leitor, do que a informação pontual. Até porque eu acho que hoje em dia essa é a tendência de todo o jornalismo escrito, porque informação pontual a gente busca na internet. Pro jornalismo sobreviver, ele vai ter que mudar um pouco a linguagem. Então, no jornalismo de aventura a linguagem é basicamente essa. É um texto mais elaborado, mais literário, mas também é um texto que privilegia muito mais a emoção do que a informação pontual.

Tu buscas alguma referência em algum outro livro de viagem, ou alguma revista de grande reportagem, como a antiga *Realidade*?

Não. Eu acho que o que me influenciou mais foram duas coisas: no que diz respeito à linguagem, o que mais me influenciou foi a literatura mesmo, a literatura convencional. Eu sempre li muito e sempre gostei muito de ler. E com relação à abordagem do tema, que é o repórter ser ao mesmo tempo o repórter e protagonista da reportagem, aí vem do meu gosto dos esportes de aventura. Eu acabei criando um texto influenciado por eu ser praticante de esportes de aventura, ou seja, um texto onde eu narro na primeira pessoa na reportagem, um episódio onde eu sou o centro, e a outra influência vem da literatura.

O trabalho do jornalista de aventura tem a ver com o do jornalista *flanêur*, como era o caso do João do Rio?

Não é o essencial. Com relação à abordagem e ao enfoque da matéria, o mais importante no jornalismo que eu faço, o jornalismo de aventura, é que o repórter se expõe a uma realidade, ele mergulha na realidade, ele não fica só observando, ele faz parte da história que ele quer contar. No caso do cronista, que é um cara mais observador, como o João do Rio, ele fazia um texto a partir de uma observação real e em cima daquilo criava um texto mais

literário, que no meu ver é a essência da crônica. A crônica é um texto que parte de uma realidade e se cria uma história em cima. Já o conto não. O conto já é 100% ficção. Diferente do artigo, que é uma coisa muito confusa na nossa imprensa. Tem gente fazendo artigo e chamando de crônica, artigo é uma análise de um fato.

Qual a importância da entrevista para o Jornalismo de Aventura?

Teve um dos primeiros TCCs que o pessoal fez, na PUCRS, para saber se o que eu fazia era ou não jornalismo, porque no jornalismo de aventura, eu quero buscar nas pessoas a essência delas, e não o que elas querem me contar. Então eu quase nunca digo pra elas que eu estou conversando com elas para fazer uma reportagem. E uma das exigências do jornalista é que quando ele vai entrevistar alguém para escrever, ele tem que avisar a pessoa: “olha, eu estou te entrevistando, tudo que tu me disseres, eu posso usar na matéria que eu estou fazendo. A não ser que tu digas, isso não.” E eu não faço isso, porque se eu fizer isso as pessoas vão me passar o que elas querem me passar. E não é isso que eu quero tirar delas. Eu quero tirar delas a essência, porque é um jornalismo que quer ir mais a fundo nas questões. Então eu quase nunca digo que estou entrevistando elas para fazer uma reportagem. No final, esse rapaz que fez esse TCC, ele concluiu que era jornalismo isso que eu fazia, porque quando eu apresentava o personagem, eu não expunha ele. Normalmente eu usava um pseudônimo. E fiz muito disso. Porque se não eu estaria cometendo um erro ético se eu entrevisto alguém e eu não digo pra essa pessoa que ela está sendo entrevistada.

Como funciona a apuração do jornalismo de aventura? Tu já chegas aos lugares com algum material ou pesquisa feita?

Eu saio daqui com uma pauta mínima. E por que uma pauta mínima? Lá eu não vou correr o risco de passar no lado de um lugar importante e não saber. Porque como eu viajava para lugares que não são roteiros convencionais, turísticos, a gente corre esse risco. Uma vez eu estava em Goa, na Índia, e encontrei um brasileiro que estava na capital de Goa e eu perguntei se eles iam à Old Goa. Porque o que interessa em Goa não é a capital moderna, é a capital antiga. Mas eles não sabiam disso. Eles iam passar direto. E como é que eu sabia que era interessante? Porque eu fiz uma pesquisa antes. Mas é uma referência só. Às vezes eu chego num lugar que não era previsto eu ficar ali, eu gosto, e fico muito tempo; às vezes eu chego num lugar que está previsto em ficar uma semana e eu não gosto, fico um dia só. Porque é voo cego. Quando eu comecei a travessia da Amazônia, eu comecei no Pacífico, mas

não sabia se ia chegar no Atlântico. Porque toda a pesquisa que eu fiz, não me informava se teria como eu seguir adiante. Eu fui indo, à medida que eu descobri que podia ir.

E depende também da conversa com as pessoas?

Claro, porque daí a gente vai descobrindo coisas que tu não sabia que existia. Mas daí é claro que quando eu chego nesses lugares, eu aprofundo a pesquisa lá. Porque aí eu vou pegar o que é importante para eles e não pra um turista. A pesquisa feita no local onde eu estou escrevendo, ela é fundamental, e ela vai passar o que é importante pra eles e não pro visitante.

Seguindo nessa proposta, tu dirias que o Jornalismo de Aventura tem uma tendência investigativa?

Sim. Ele é investigativo, mas busca muito mais a alma humana, as reações das pessoas, o emocional, o sentimental, o psicológico, as nossas fragilidades, do que aquela informação pontual do jornalismo diário. Não é um jornalismo muito preocupado com os fatos, mas ele tem uma diferença do gonzo, já me disseram isso uma vez, porque o gonzo mistura ficção com realidade e o jornalismo que eu faço não tem nada de ficção, é totalmente realidade. Então, gera umas histórias legais e interessantes, porque eu me exponho muito, mas tudo aquilo ali é verdade, aconteceu mesmo. E tem uma coisa importante: digamos que eu chegue no Tibet. A cada 100 tibetanos, 99 usam uma roupa vermelha, e um usa uma roupa amarela, suponhamos. E eu encontro casualmente aquele que está de roupa amarela. E se eu botar no meu texto que lá no Tibet os caras usam roupa amarela, eu estou dando uma informação errada. Então, eu posso dizer que o cara estava vestido de vermelho. Porque eu não estou preocupado com ele, com o factual, que estou preocupado com o geral; passar para o leitor uma visão holística do lugar onde eu estou. Porque se tu estás fazendo um jornalismo convencional, tu não podes mudar a roupa do cara, mas não é isso que eu quero passar. Na verdade eu quero que ele represente um povo, uma realidade total. Eu me dou essa liberdade.

No livro *Em busca do Mundo Maia*, tu te utilizas do livro *O Colapso*, de Jared Diamond, para contextualização do fim dos Impérios Maias. Geralmente tu buscas essa visão sistêmica por meio de outros livros teóricos?

Sim, até porque o objetivo é passar, é contextualizar para o leitor. Uma diferença minha que o pessoal já estudou é do que eu faço para biografia. Então, por que o que eu faço não é autobiografia? Porque eu não falo só de mim. Eu contextualizo o lugar por onde eu

estou passando. É muito mais reportagem do que autobiografia. Eu uso como base esses livros pra trazer uma informação mais completa pro leitor.

A Antropologia se relaciona com o Jornalismo de Aventura?

A antropologia não tem preocupação em transmitir para o leitor. A preocupação dela é mais na pesquisa, e a maneira com que a antropologia usa para transmitir a informação é relatórios técnicos – enquanto o Jornalismo de Aventura tem uma preocupação com uma linguagem literária, não é um relato técnico. Mas é claro que tem um pouco de antropologia. Duas coisas são importantes quando a gente vai para uma realidade muito diferente da nossa: em primeiro lugar temos que nos despir de todas as nossas referências. Eu não posso escrever sobre outra realidade, tendo como referência a minha realidade – eu vou fazer uma leitura inadequada. Pra eu entender a realidade dos caras, eu tenho que me integrar à realidade deles. Um exemplo: os hindus comem com as mãos e não com o talher. Então se eu analisar isso, a partir das minhas referências, eu vou dizer que eles são relaxados, ou são muito pobres, porque não tem talher. Mas não, eles comem com as mãos porque a comida pra eles é extremamente sagrada, e a única coisa que pode tocar a comida, que é sagrada, é a nossa mão. Se eles tocarem a comida com o talher eles vão profanar essa comida. Então, se eu não entender isso, eu vou escrever errado, então eu tenho que mergulhar na realidade deles. Mas, ao mesmo tempo, eu não posso perder o olhar do estrangeiro, porque é esse o olhar do estrangeiro que vai me mostrar nuances que nem eles se dão conta. Não devemos julgar. O jornalista não devia julgar nunca, quem julga é o leitor. E isso é uma coisa que está em desuso hoje em dia. O jornalista procura passar pro leitor, ouvinte ou telespectador, muito mais a visão dele do que o fato, para o leitor formar sua própria visão.

Para desenvolver o fato de uma forma mais completa, o que tu consideras mais importante no jornalismo, na questão dos meios de comunicação, por exemplo?

Acho que é importante uma formação mais humanística do jornalista e não tão técnica. A formação técnica é fundamental, acho um absurdo que alguém possa fazer jornalismo sem ter feito uma faculdade antes. Redigir um texto parte de uma técnica. Observar uma realidade parte de uma técnica. O repórter é aquele cara que não se contenta com aquilo que ele está vendo assim, na primeira vista. Ele quer ver o que tem por trás daquilo. É importante uma formação humanística mais elaborada e mais profunda, que possa fazer com que ele perceba as coisas da maneira mais completa.

E aí eu acho importante conhecer outras culturas. Porque o que é uma cultura: é um padrão, um conjunto de referências através do qual nós percebemos a realidade. A nossa cultura aqui é europeia, que eu chamo de pan-europeia, uma cultura europeia ampliada. Nós percebemos o mundo pelos valores europeus: cristianismo, ou o judaísmo, ideal de democracia convencional, valores de direito e liberdades individuais, liberdade expressão, de pensamento e tal. Se tu fores pra Índia, o padrão que tu tens lá e a própria percepção do mundo é diferente da nossa, a começar pela religião.

O livro *Em busca do Mundo Maia* foi feito em formato de série de reportagens para o Jornal do Povo, de Cachoeira do Sul. O que o livro-reportagem traz para o Jornalismo de Aventura que o noticiário não traz?

Eu sou o mesmo, o diferente é o meu leitor. Então, o cara que senta com um livro na mão, ele está predisposto a investir um tempo muito maior para absorver aquele conhecimento do que um cara que senta pra ler um jornal; então em um livro eu posso aprofundar muito mais, porque eu sei que o cara está disposto a investir mais tempo na leitura. A vantagem do livro é que ele se dirige a um leitor que tem mais tempo para receber a informação; um leitor que quer mais informação com profundidade, mais complexa; um leitor que quer sentir prazer na leitura e é por isso que entra a literatura. O cara que vai ler aquela mesma coisa no jornal, ele tem menos tempo, ele quer alguma coisa mais sintética, ele não está lendo pelo prazer, mas pela informação rápida.

Tu consideras o livro *Em busca do Mundo Maia* um livro-reportagem?

Sim, é livro-reportagem. Agora, esse título jornalismo de aventura não é uma coisa assim ó, que eu peguei e falei: agora vou fazer texto e vou chamar de jornalismo de aventura. Eu fiz as minhas viagens e escrevi, escrevi influenciado pelas minhas atividades de viajante e na hora de colocar tudo num papel eu fui influenciado pela literatura toda que me influenciou a vida inteira, e saiu lá um produto X. E lá pelas tantas o pessoal da faculdade começou a fazer estudos sobre isso e uma monografia da Faculdade Casper Líbero, alguém colocou esse nome. A partir dali, os outros estudantes e as outras pessoas que me pediam referência bibliográfica eu comecei a dar como referência o trabalho desse cara. E o nome pegou e se espalhou.